

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL  
DAS RELAÇÕES POLÍTICAS**

**LAILA LUA PISSINATI**

**O ÉTHOS DE PSEUDO-ALBERTO MAGNO NO *DE SECRETIS MULIERUM*: A  
AUTORIDADE DO AUTOR E A LEGITIMAÇÃO DO SEU DISCURSO (SÉCULO  
XIII)**

**VITÓRIA**

**2020**

**LAILA LUA PISSINATI**

**O ÉTHOS DE PSEUDO-ALBERTO MAGNO NO *DE SECRETIS MULIERUM*: A  
AUTORIDADE DO AUTOR E A LEGITIMAÇÃO DO SEU DISCURSO (SÉCULO  
XIII)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Linha de Pesquisa: Representações e Ideias Políticas.

Orientadora: Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

P673e Pissinati, Laila Lua, 1994-  
O ethos de Pseudo-Alberto Magno no De secretis mulierum : a autoridade do autor e a legitimação do seu discurso (século XIII) / Laila Lua Pissinati. - 2020. 95 f.

Orientadora: Leni Ribeiro Leite.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. História Medieval. 2. Literatura médica. I. Leite, Leni Ribeiro. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

---

LAILA LUA PISSINATI

**O ÉTHOS DE PSEUDO-ALBERTO MAGNO NO *DE SECRETIS MULIERUM*: A AUTORIDADE DO AUTOR E A LEGITIMAÇÃO DO SEU DISCURSO (SÉCULO XIII)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração História Social das Relações Políticas.

**Aprovada em:** \_\_\_\_\_

**Comissão Examinadora:**

---

Prof. Dra. Leni Ribeiro Leite (Orientadora)  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos (Examinadora externa)  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Dr. Sergio Alberto Feldman (Examinador interno)  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dra. Juliana Bastos Marques (Membro suplente)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto (membro suplente)  
Universidade Federal do Espírito Santo

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Dra. Leni Ribeiro Leite por todo o seu trabalho de orientação. Agradeço imensamente a oportunidade de ter sido orientada por você e por todos ensinamentos oriundos desse processo. Meu muito obrigada pela paciência e gentileza.

Faço também um agradecimento especial ao professor Dr. Sergio Alberto Feldman por me abrir as portas da vida acadêmica e por toda sua contribuição, cuidado e paciência comigo nos cinco anos de orientação. Meu muito obrigada por ter confiado em mim até o último momento.

Agradeço ainda ao professor Dr. Paulo Roberto Sodré por suas sugestões e críticas feitas com tanta gentileza a este trabalho no momento da qualificação. Também gostaria de agradecer à professora Dra Dulce Oliveira Amarante dos Santos por ter aceito o convite para compor a banca de defesa e por ter sido minha inspiração.

Agradeço especialmente à minha mãe Eliene, pelo apoio e incentivo desde sempre. Por sempre ter estado comigo nos momentos mais difíceis dando luz aos problemas que pareciam insolucionáveis. Sem você, a conclusão deste trabalho não teria sido possível.

Agradeço à minha família, em especial às minhas tias Angela, Sélia, Gorete e Vera, por terem sido minhas inspirações, e aos meus primos, Tati, Brito, Marília, André, Guilherme e Isabela, por terem acreditado em mim e por terem me ajudado a aliviar a tensão em nossos encontros tão especiais e animadores.

Agradeço também aos membros do Limes, pelo acolhimento e pelos ensinamentos trocados, especialmente à Luiza e Kátia, pelos seus trabalhos de revisão e à Iana, pelas conversas.

Agradeço aos membros do Letamis, por todo aprendizado compartilhado e pelos bons momentos que passamos juntos. Agradecimento especial à minha amiga Karla, por sua boa e divertida amizade e toda sua ajuda, mesmo de longe.

Agradeço ainda especialmente à minha amiga Anny. Muito obrigada por ter me adotado na vida acadêmica, por ter aguentado meu mau humor, e, mesmo assim, nunca ter me abandonado. Sem as nossas conversas e a sua orientação, eu não teria chegado até aqui. Você foi peça-chave para que eu concluísse este trabalho.

Gostaria de fazer um agradecimento especial também ao meu tão gentil amigo Fabio, por toda sua gentileza e cuidado comigo não apenas durante o processo de escrita, mas sempre. Obrigada pelo seu afetuoso incentivo e por não ter me abandonado nunca.

Agradeço também à minha amiga Marina por ter sempre estado comigo nos piores e nos melhores momentos. Obrigada por todo o seu apoio e por ter acreditado em mim mais que eu mesma. Sem você eu não teria chegado até aqui.

Gostaria de agradecer ainda à minha amiga Adriany pela paciência e cuidado comigo durante esse processo e ao meu amigo Otávio pelo incentivo, pelo apoio e pelo esforço em se fazer presente.

Agradeço a todas as queridas pessoas que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho e, por fim, agradeço ainda à Capes, por fornecer a bolsa que viabilizou minha entrada na Pós-Graduação.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como Pseudo-Alberto Magno cria autoridade para si e para o seu tratado filosófico-médico *De secretis mulierum*, garantindo, com isso, a legitimação de seu discurso e a adesão dos leitores. A obra, atribuída a Alberto Magno, foi composta por volta do final do século XIII e início do século XIV. Pertencente ao gênero *secreta mulierum*, específico da Europa do século XIII, a obra aborda o tema da reprodução humana, congregando filosofia natural e medicina. Para alcançar nosso objetivo procuramos analisar o *éthos* de Pseudo-Alberto Magno, investigando, primeiramente, os motivos que levaram o autor a apresentar seu texto como uma epístola, bem como a utilizar-se de métodos escolásticos na composição. Em seguida, investigamos com quais discursos Pseudo-Alberto Magno dialoga, analisando os motivos pelos quais o autor escreve o texto e a imagem criada ao vincular o discurso de seu tratado ao da filosofia natural, majoritariamente. Ainda, verificamos a posição do autor frente às questões sócio-políticas, como a representação das mulheres no texto. Para tal análise, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos provenientes da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente os conceitos de *éthos*, *campo e gênero discursivos* de Dominique Maingueneau, bem como os conceitos de *representação* de Roger Chartier, *gênero* de Joan Scott e *Dominação Masculina* de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: História Medieval; Literatura médica; *Éthos*; Pseudo-Alberto Magno; *De secretis mulierum*.

## ABSTRACT

The objective that guides this work is to analyze how Pseudo-Alberto Magno creates an authority for himself and his medical-philosophical treatise *De secretis mulierum*, and, with that, ensuring the legitimation of his speech and the adherence of readers. The work, which is attributed to Albert Magno, was composed around the end of the thirteenth and early fourteenth centuries. It belongs to the *secreta mulierum* genre, specific of thirteenth century Europe, the work addresses the theme of human reproduction, congregating natural philosophy and medicine. To achieve our goals, we tried to analyze the *éthos* of Pseudo-Alberto Magno, investigating, firstly, the reasons that led the author to present his text as an epistle, as well the reasons that led him to use scholastic methods in the text. Then, we tried to investigate with which discourses Pseudo-Alberto Magno dialogues, analyzing the reasons and the image that is created of the author by linking his discourse of his treatise to the discourse of natural philosophy, mostly. Moreover, we verified the author's position regarding socio-political questions, such as the representation of women in the text. For this analysis, we used the theoretical methodological assumptions from the Analysis of the Discourse, of the French line, specifically the concepts of *éthos*, *field* and *discursive genre* of Dominique Maingueneau, as well the concepts of *representation* of Roger Chartier, *gender* of Joan Scott and *Male Domination* of Pierre Bourdieu.

Keywords: Medieval History; Medical literature; *Éthos*; Pseudo-Alberto Magno; *De secretis mulierum*.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 10 |
| <b>1. CAPÍTULO 1 - O CAMPO DISCURSIVO DO <i>DE SECRETIS MULIERUM</i></b> .....       | 18 |
| 1.1. A medicina medieval da Europa ocidental.....                                    | 18 |
| 1.2. A escolástica.....  | 22 |
| 1.3. A medicina escolástica.....   | 24 |
| 1.4. A literatura de segredo e os <i>secreta mulierum</i> .....                      | 30 |
| 1.5. A doutrina eclesiástica acerca dos sexos e das mulheres.....                    | 35 |
| <b>2. CAPÍTULO 2 - O <i>DE SECRETIS MULIERUM</i> ATRIBUÍDO A ALBERTO MAGNO</b> ..... | 40 |
| 2.1. O <i>De secretis mulierum</i> .....   | 40 |
| 2.2. A historiografia acerca do <i>De secretis mulierum</i> .....                    | 46 |
| 2.3. A questão da autoria.....   | 50 |
| 2.4. As fontes de Pseudo-Alberto Magno.....  | 54 |
| <b>3. CAPÍTULO 3 - O ÉTHOS DE PSEUDO-ALBERTO MAGNO</b> .....                         | 62 |
| 3.1. A autoridade do autor e a legitimação do seu discurso.....                      | 65 |
| 3.2. A filosofia natural presente na obra.....                                       | 71 |
| 3.3. Posicionamento frente a questões sócio-políticas.....                           | 78 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 86 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....  | 91 |

## INTRODUÇÃO

O objetivo que guia este trabalho é analisar como Pseudo-Alberto Magno cria autoridade para si e para o *De secretis mulierum*, garantindo com isso a adesão dos leitores, analisando, para isso o *éthos* do autor em seu discurso. A obra de Pseudo-Alberto Magno foi composta por volta do final do século XIII e início do século XIV. Pertence ao gênero *secreta mulierum*, específico da Europa do século XIII, aborda o tema da reprodução humana congregando filosofia natural e medicina, em consonância com o discurso religioso do período. Ao verificar a maneira como Pseudo-Alberto constrói autoridade para si e para o *De secretis mulierum*, podemos observar como funcionam também as relações de poder sócio-políticas da época.

Para alcançar nosso objetivo principal, analisamos o porquê de o autor optar por apresentar seu texto como uma epístola e os motivos que o levaram a utilizar-se, por vezes, de métodos escolásticos. Também analisamos com quais discursos o autor dialoga, investigamos os motivos de escolhê-los, bem como a criação da imagem do autor ao vincular o seu texto ao discurso da filosofia natural, majoritariamente. Por fim, verificamos a posição do autor frente às questões sócio-políticas, como a representação das mulheres no texto.

Partimos de três hipóteses que se entrecruzam. A primeira é que a utilização de artifícios do método escolástico cria a imagem de um mestre para o autor e aproxima o texto de uma obra de autoridade escolástica, garantindo assim sua própria autoridade e a de seu texto. Ao mesmo tempo, a opção do autor por apresentar seu texto como uma epístola cria a imagem de um indivíduo conhecedor da *ars dictaminis*, e o uso do gênero epistolar garante prestígio para o autor e para o seu texto, uma vez que esse gênero era institucionalmente reconhecido pelo ambiente religioso no qual o autor estava inserido, garantindo a adesão de seus leitores.

A segunda hipótese é a de que o autor se preocupa em adequar seu texto ao discurso religioso cristão. Tendo em vista que a filosofia aristotélica possuía prestígio no campo religioso, Pseudo-Alberto Magno esforça-se por evidenciar as fontes da filosofia natural. Dessa forma, demarca o seu discurso dentro do campo religioso e filosófico, garantindo, com isso, o seu prestígio. O que Pseudo-Alberto Magno faz é relacionar o seu discurso a um saber consolidado em seu meio a fim de suscitar a adesão. Ao conferir ao seu discurso uma posição institucional, o autor legitima a si mesmo e a sua obra (AMOSSY, 2011, p. 16- 17).

Por fim, a nossa terceira hipótese é de que o autor, adequando-se ao discurso religioso acerca das mulheres, garante prestígio ao texto também por conta de sua superioridade na condição de homem, que é reforçada na representação das mulheres que se encontram em consonância com o discurso religioso. Por conta do seu pertencimento social cristão, o autor parece aproximar seu texto ao discurso religioso, derivando daí sua autoridade e conseqüentemente a adesão do público ao seu texto.

A versão do *De secretis mulierum* aqui utilizada é a edição crítica de Barragán Nieto (2012), que contém uma tradução da obra para o espanhol, além do estabelecimento do texto em latim. Nossa análise é baseada na tradução espanhola com consultas à versão latina presente em tal edição. Seguimos a maneira de José Pablo Barragán Nieto (2012) de referenciar o *De secretis mulierum*, que indica o local no texto latino a partir da separação por vírgulas entre o número do capítulo e o número da linha (1,70). Utilizamos as abreviaturas *pr.* para referenciar o prólogo e *cap.* para o índice final de capítulos. Também nos apoiamos, quando necessário, na versão traduzida para o inglês de Lemay (1992).

Também herdamos do trabalho de Barragán Nieto a nomenclatura de Pseudo-Alberto Magno para se referir ao autor do tratado. Atribuída a Alberto Magno, a autoria do tratado permanece incerta e anônima, por isso seguimos o crítico supracitado para utilizar o termo pseudo antes do nome do suposto tratadista. Acerca do título da obra, segundo o levantamento feito por Barragán Nieto (2012, p. 95-153) das cópias manuscritas do tratado de Pseudo-Alberto, o título *De secretis mulierum* e *Secreta mulierum* são os que mais frequentemente aparecem. Assim, o autor opta pelo título *De secretis mulierum* para deixar mais clara a conexão do tratado com suas fontes de filosofia natural. De igual maneira, também optamos por utilizar o mesmo título, reservando assim o termo *secretas mulierum* apenas para fazer referência ao gênero da obra.

Em nossa pesquisa, não encontramos outras análises do *éthos* do autor do *De secretis mulierum*. Para realizar este trabalho, dedicamos o primeiro capítulo para comentarmos questões referentes à historiografia acerca do tratado, no entanto os primeiros trabalhos que encontramos que diz respeito ao *De secretis mulierum* concentraram-se na questão da autoria do tratado, devido à incerteza do escritor. Em um segundo momento de pesquisa, encontramos também que algumas traduções e edições críticas foram feitas. No Brasil, especificamente, todos os trabalhos compostos sobre o *De secretis mulierum* possuem como foco o conteúdo ginecológico da obra e a representação do corpo feminino que é feita nela. Não conseguimos acessar nenhum trabalho anterior ao nosso que tenha se dedicado à análise

do *éthos* do autor da obra, tampouco sob os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, sendo essa a novidade de nosso trabalho e a nossa contribuição para os estudos do *De secretis mulierum*.

O termo *éthos* da análise do discurso de linha francesa foi recuperado da retórica antiga. Por *éthos*, os antigos entendiam a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório. Aristóteles, entendendo *éthos* como a imagem de si construída no discurso, define que o poder de persuasão está, sobretudo, relacionado ao caráter moral de quem o enuncia. Na arte oratória romana, inspirada em Isócrates, o *éthos* pertence à esfera do caráter. Cícero define o bom orador como um homem que une ao caráter moral a capacidade de bem manejar o verbo (AMOSSY, 2011, p. 10, 17-18).

Na Análise do Discurso francesa, o *éthos* retórico foi principalmente retomado e elaborado por Dominique Maingueneau. O estudioso francês entende *éthos* como a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seus destinatários, empenhando-se, portanto, em legitimar o seu discurso. Segundo Amossy (2011, p. 16), Maingueneau considera que a maneira de dizer também importa na construção da imagem de si e “na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro” (AMOSSY, 2011, p. 16). Com efeito, o enunciador deve conferir a si e a seu destinatário certo status para legitimar o seu dizer, fornecendo ao discurso uma posição institucional e relacionando-o a um saber a fim de causar impacto e suscitar a adesão de seu público. Isso quer dizer que o *éthos* está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação através de seu discurso (AMOSSY, 2011, p. 16- 17).

O enunciador enquanto sujeito histórico parte de um lugar preestabelecido ao qual ele pertence. Por isso, Maingueneau (2010, p. 80) dá luz à noção de tom, que substitui com vantagens a de voz, pois ele considera não apenas a fala, mas também a escrita. O tom, por sua vez, se apoia sobre uma dupla figura do enunciador: a de corporalidade e a de caráter (AMOSSY, 2011, p. 16). Isso quer dizer que a instância subjetiva que emerge da enunciação implica uma voz associada a um corpo enunciante situado sócio-historicamente: “uma maneira de circular uma disciplina, uma disciplina tácita do corpo que o destinatário constrói apoiando-se num conjunto difuso de estereótipos, avaliados positiva ou negativamente” (MAINGUENEAU, 2010, p. 80). O que Maingueneau faz é descentralizar sujeito, entendendo

que este reproduz um discurso comum a outros sujeitos que partilham de sua mesma ideologia (Maingueneau, 2010, p. 80). Isso significa que o *éthos* é um conceito que associa elementos intralinguísticos, da formação do discurso, e elementos extralinguísticos, sociais e políticos, que nos interessam de perto como historiadores. O *éthos* é uma ponte entre um eu que está posto dentro do discurso e os posicionamentos deste texto na sociedade, de forma mais ampla.

O *éthos* do discurso proposto por Maingueneau, também considerado como um elemento constituinte de toda enunciação, refere-se ao modo como o locutor está representado em seu discurso e como este tenta controlar a apresentação de si que se dá conscientemente ou não. Essas maneiras são bastante variáveis, podendo seguir as indicações dos gêneros do discurso ao qual o texto pertence (MAINGUENEAU, 2010, p. 79-80). Maingueneau desmembra o conceito de *éthos* discursivo em duas subcategorias: *éthos* dito e *éthos* mostrado. O *éthos* dito refere-se às informações diretas sobre si mesmo que o enunciante acrescenta à sua enunciação. Essas informações podem ser da ordem social ou, ainda mais frequente, da ordem psicológica. Como exemplo, as exposições em matéria de gosto ou a respeito de sua aparência podem indicar uma tentativa de demarcar a posição do autor dentro do campo no qual ele está inserido e ativar mundos éticos. O *éthos* dito contribui para ativar certo *éthos* não discursivo que o leitor confronta com o discursivo, o que significa dizer que os fatos ditos pelo autor sobre si mesmo criam no receptor uma imagem que pode estar de acordo com o *éthos* mostrado ou não. Já este último pode ser entendido como a forma pela qual o locutor se mostra, além de ser construído pelo destinatário a partir de dados da enunciação e sua estrutura, como a complexidade ou não da escrita, a qualidade ortográfica, as suas referências, dentre outros elementos (MAINGUENEAU, 2010, p. 83-84). Dessa forma, esse *éthos* mostrado pode ou não confirmar o *éthos* dito, expresso verbalmente pelo autor dentro do texto.

Assim, através da análise do *éthos*, podemos nos aproximar do mundo sócio-político daquele enunciador, pois ele está alocado em certa categoria social e representa um segmento da realidade na qual se encontra inserido. Brandão (2002, p.49), fazendo referência ao enunciador, afirma que “sua fala é um recorte de representações de um tempo histórico e de um espaço social” (BRANDÃO, 2002, p. 49), situada em relação ao discurso do outro, sendo o outro representado por diferentes discursos historicamente já construídos e que se fazem

presentes na fala de quem enuncia: o também chamado interdiscurso<sup>1</sup>. O detentor da fala não só pertence a um lugar como também tem um direito reconhecido social e institucionalmente, devendo, dessa forma, serem localizados os protagonistas do discurso como pertencentes a determinados lugares sociais.

A Análise do Discurso francesa, segundo Brandão (2002, p. 12), entende discurso como um produto social, representando, assim, um dos âmbitos em que se realizam as disputas sociais. A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de símbolos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento, mas, ainda mais, através dela, podem ser observados uma interação e um modo de estrutura social. Nesse sentido, o método da Análise do Discurso oriunda da vertente francesa, segundo Orlandi (2009, p. 18), não consiste apenas em fazer uma interpretação simples do conteúdo, mas esclarecer os motivos pelos quais o texto diz ou omite determinadas informações, clarificando, assim, o modo como os assuntos são ditos, mostrados, trabalhados e interpretados, cabendo ao pesquisador investigar os vestígios textuais que levam a entender circunstâncias socioculturais mais amplas (ORLANDI, 2009, p. 18).

O interesse específico que rege a Análise do Discurso, como nos diz Maingueneau (2015, p. 47-48), é relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que os tornam possíveis e que eles tornam possíveis. O objetivo da Análise do Discurso não é, então, identificar os funcionamentos textuais e nem a situação de comunicação, mas sim analisar o que os amarra simultaneamente por meio de um dispositivo de enunciação, resultando do verbal e do institucional. Desse modo, o analista do discurso deve levar em conta as propriedades do próprio *gênero* de discurso, os papéis sociodiscursivos que ele põe em relação, as diferentes estratégias de legitimação dos locutores – dentre as quais aqui nos interessa em especial o *éthos* –, bem como a maneira de cada enunciador de ajustar seu posicionamento ideológico às restrições impostas pelo gênero e pela conjuntura na qual estão inseridos (MAINGUENEAU, 2015, p. 47-48).

---

<sup>1</sup> A interdiscursividade define que os discursos se interpassam em uma relação de atravessamento múltiplo. De forma geral, define-se o interdiscurso como “[...] o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros, etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 286). De forma mais específica, o interdiscurso configura-se também em “[...] um espaço discursivo, um conjunto de discursos, que mantêm relações de delimitação recíprocas uns com os outros, [...] uma articulação contraditória de formações discursivas que se referem a formações ideológicas antagônicas” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 286).

Por algumas décadas, particularmente sob a influência da etnografia da comunicação e das ideias de Bakhtin, a categoria de *gênero* do discurso tem sido usada para descrever uma multiplicidade de variados tipos de enunciados produzidos em sociedade, que podem ser indefinidamente diversificados. Essa noção de *gênero* está fortemente ligada à concepção de eventos comunicativos, isto é, os falantes reconhecem as atividades em curso como sendo determinados eventos com os quais eles precisam contribuir. Ainda, com base nos seus conhecimentos socioculturais, esses enunciadores devem saber como os componentes desses gêneros tipicamente concorrem (MAINGUENEAU, 2010, p. 130).

Cada gênero de discurso comporta uma dinâmica preestabelecida de papéis que predetermina parte da representação do locutor. Este locutor, no entanto, pode escolher de maneira mais ou menos livre seu *campo discursivo*, que é definido como um “espaço no interior do qual interagem diferentes *posicionamentos*, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 52). O *campo discursivo* o espaço em que se definem as trajetórias dos autores que constantemente reajustam suas estratégias de acordo com a evolução de sua posição, não sendo, portanto, um espaço homogêneo, pois nele coexistem discursos centrais, periféricos e de fronteira. Entre os posicionamentos centrais, há aqueles que são dominantes e os que são dominados. Os periféricos, por sua vez, são dominados pelos centrais, sendo que em alguns casos esses posicionamentos podem se deslocar dentro do campo. Isso significa que há posicionamentos que eram centrais, mas foram marginalizados, bem como o oposto, além daqueles que pretendem construir um subcampo relativamente autônomo em relação ao centro. Nesse último caso, há, de um lado, os subcampos que se desenvolvem dentro do mesmo espaço e, de outro, aqueles que se apoiam em uma disjunção geográfica (MAINGUENEAU, 2010, p. 52).

Além do conceito de *éthos*, *gênero discursivo* e *campo discursivo*, também utilizamos a noção de autor proposta por Maingueneau (2010, p. 141-143), que ressalta a complexidade do termo, distinguindo-o em três dimensões. A primeira delas é a de *garante*, que é também a instância que assume a responsabilidade por um texto, sendo essa uma categoria que opera na fronteira: não é nem o enunciador do texto, nem o produtor de carne e osso. Maingueneau (2010, p. 142) observa que essa instância nada tem de especificamente literário, vale para qualquer gênero do discurso. Já a segunda dimensão é a de *autor-ator*, que organiza sua existência em torno da atividade de produção de textos, entra em redes e tem relações com editores. Não se

trata obrigatoriamente, como explica Maingueneau (2010, p. 142), de uma profissão, já que alguém pode ter outra ocupação que não a de escritor e publicar coletâneas de poesia, por exemplo. Por fim, a terceira e última dimensão é a de correlato de uma obra, um *auctor*. Sua função consiste em responder por um agrupamento de textos referidos a uma entidade identificável, parte de um “*Thesaurus literário*”, porém apenas quando alcança notoriedade, pois “se por definição todo texto tem um garante, apenas uns poucos indivíduos alcançam o estatuto de *auctor*” (MAINGUENEAU, 2010, p.143). Além disso, para que um indivíduo seja um *auctor*, é preciso que terceiros o instituem como tal, produzindo, por exemplo, enunciados sobre ele e sobre sua obra, conferindo-lhe uma *imagem de autor*.

Tendo esses conceitos em vista, no primeiro capítulo, optamos por contextualizar o campo discursivo da obra para melhor compreender o seu surgimento, bem como quais são os diálogos estabelecidos por ela, fazendo, portanto, um panorama geral da medicina medieval no ocidente europeu. Em um segundo momento, contextualizamos a Escolástica e a medicina escolástica, levantando alguns gêneros da literatura médica do século XIII, tais como a *literatura de segredo* e seu subgênero, *secreta mulierum*, ao qual pertence o *De secretis mulierum*. Por fim, finalizamos o primeiro capítulo discutindo a doutrina eclesiástica acerca dos corpos e das mulheres, pois, além do tratado também fazer parte do campo religioso, seu texto traz representações dos corpos femininos.

No segundo capítulo desta dissertação, apresentamos o *De secretis mulierum*, atribuído a Alberto Magno, discutindo o contexto de data e local de sua composição. Em seguida, comentamos o levantamento feito acerca da historiografia da obra desde os primeiros trabalhos encontrados por nós aos últimos realizados no Brasil. Por fim, discutimos a questão da autoria e as fontes usadas pelo autor, a fim de identificar os dados de apoio para analisarmos, finalmente, o *éthos* do autor do texto, Pseudo-Alberto Magno.

No terceiro e último capítulo, dividimos nossa análise em três partes. Na primeira, observamos o *éthos* que se cria na apresentação que o autor faz de seu texto como uma epístola e na utilização de métodos escolásticos. Para o desenvolvimento dessa tarefa, concentramo-nos especificamente no prólogo e no índice final dos capítulos, bem como nos trechos em que o autor faz uso dos métodos didáticos da escolástica. Já na segunda parte, analisamos o *éthos* que se reforça a partir da presença da filosofia natural na obra, utilizando, para isso, também o conceito de *campo discursivo* de Maingueneau (2010, p. 50). Por fim, na terceira parte, comentamos as características do *éthos* do autor quando este se posiciona frente

às questões sociopolíticas, tais como a representação das mulheres no texto. Para tal, além do conceito de *éthos*, recorreremos aos conceitos de *representação* de Chartier, *gênero*, de Scott e de *Dominação Masculina* de Bourdieu, que serão mais bem desenvolvidos nos momentos oportunos. Em nossas considerações finais, apresentamos os resultados desse trabalho de análise.

## CAPÍTULO 1

### O CAMPO DISCURSIVO DO DE SECRETIS MULIERUM

Neste capítulo, buscaremos contextualizar o *campo discursivo* do *De secretis mulierum*. O conceito de *campo discursivo* foi definido por Maingueneau (2010, p. 50) “como um espaço no interior do qual interagem diferentes *posicionamentos*<sup>2</sup>, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação”. Nesse espaço, são definidas as trajetórias dos autores que constantemente reajustam suas estratégias de acordo com a evolução de sua posição (MAINGUENEAU, 2010, p. 52). Assim sendo, analisaremos o *campo discursivo* do *De secretis mulierum* para melhor compreender como a obra se manifesta e quais os diálogos estabelecidos por ela. Para isso, primeiro faremos um estudo geral acerca da medicina do medievo na Europa ocidental para, em seguida, contextualizarmos a Escolástica e a medicina escolástica, levantando alguns gêneros da literatura médica do século XIII, especialmente a *literatura de segredo* e seu subgênero, *secreta mulierum*, que está inserida a obra utilizada como *corpus* deste trabalho. Para finalizar o capítulo proposto, discutiremos os pontos da doutrina eclesiástica acerca dos corpos e das mulheres, pois o tratado em questão não participa de um conjunto de obras cujos assuntos são relacionados apenas ao âmbito religioso, mas, mais ainda, no *De secretis mulierum*, podem ser observadas representações dos corpos femininos.

#### 1.1. A medicina medieval da Europa ocidental

A História da Medicina da Europa ocidental no período da Idade Média pode ser dividida em três momentos, como afirma Montero Cartelle (2010, p. 31-33). O primeiro momento se deu

---

<sup>2</sup> Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 267), *posicionamento* caracteriza “a posição que o sujeito ocupa em um *campo discursivo* em relação aos sistemas de valor que aí circulam, não de forma absoluta, mas em função dos discursos que ele mesmo produz”. Para os pesquisadores, existem três tipos de posicionamentos: (1) posição enunciativa de neutralidade quanto à opinião que exprime, “que o levará a apagar, em seu modo de argumentação, qualquer traço de julgamento e de avaliação pessoal, seja para explicitar as causas de um fato, seja para demonstrar uma tese” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 143); (2) posição de engajamento, “o que conduzirá o sujeito, contrariamente ao caso precedente, a optar, de maneira mais ou menos consciente, por uma tomada de posição na escolha dos argumentos ou na escolha das palavras, ou por uma modalização avaliativa associada a seu discurso” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 143), o que produzirá um discurso de convicção destinado a ser partilhado pelo interlocutor; (3) posição de distanciamento que o levará a tomar a atitude fria do especialista que analisa sem paixão, como faria um expert (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 143; RODRIGUES, 2016, p. 609-610).

até o século X e pode ser definido, de modo resumido, como a época dos receituários e da medicina monástica. Já o segundo momento compreende os séculos XI e XII e foi dominado pela medicina salernitana e suas traduções. Essas traduções contribuíram com a base doutrinal da Escolástica Médica – método de ensino das Faculdades de Medicina, que começaram a surgir nos séculos XII e XIII, adjuntas ou não aos Estudos Gerais –, formando, dessa forma, o terceiro e último momento da medicina medieval (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 31-33; SANTOS, 2013c, p. 122).

Até o século X, considerado por Montero Cartelle (2010, p. 31-33) o primeiro período da história da medicina medieval no ocidente, não há uma grande preocupação com a teoria médica. Um estudo realizado sobre o período, que foram analisados cento e cinquenta manuscritos, mostra que não há uma grande produção literária médica. A medicina que se mantém é basicamente monástica, graças a diretrizes dadas a seus monges por Bento de Nursia (480-550) e Cassiodoro (séc. VI). Essa medicina monástica, essencialmente beneditina, foi responsável por parte dos trabalhos de Isidoro de Sevilha nos séculos VI e VII (*Etimologias*) e Rabano Mauro nos séculos VIII e IX (*De Universo*) (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 31). Isso quer dizer que, nesse primeiro momento, a Igreja Católica teve um papel considerável no atendimento médico e na concepção de medicina, pois a preocupação com a caridade cristã acabou por fazer dos mosteiros um local onde se podia encontrar certo cuidado com a saúde. A Regra da Ordem dos monges beneditinos foi uma das primeiras ordens do ocidente a organizar um sistema de cuidados médicos nos mosteiros, com enfermarias separadas para os monges (*infirmarium*), para os ricos e nobres (*domus hospitum*) e para os pobres e peregrinos (*hospitale pauperum*), tal como se dava a ordem social fora dos mosteiros (ALMEIDA, 2009, p. 39).

Paralelamente ao desenvolvimento da medicina nos mosteiros, perdura durante toda a Idade Média uma tradição médica entre os judeus. Um dos maiores nomes da medicina do período surgiu no meio judaico, o filósofo e rabino Moisés Maimônides (1135-1204), natural de Córdoba, que é considerado como um exemplo da troca cultural entre as três grandes religiões monoteístas – cristianismo, judaísmo e islamismo – na região da Península Ibérica na Idade Média, conquistada pelos muçulmanos no século VIII. No entanto, a Igreja tentou evitar o exercício da medicina por parte dos judeus, proibindo os cristãos de procurarem auxílio médico deles e proibindo-os de serem aceitos nas universidades (ALMEIDA, 2009, p. 40-41;44).

Acerca da escolástica médica medieval, as obras de Aristóteles, Hipócrates e Galeno, bem como de outros autores que seriam considerados *auctoritates* a partir do século XIII em diante, chegaram ao ocidente europeu através dos árabes. Com a expansão do Império Romano ao final do século V, os conceitos do mundo antigo encontravam-se difundidos pelos centros intelectuais mais importantes do Oriente, que, por sua vez, passaram ao domínio da civilização árabe nos séculos seguintes. Segundo Souza (2012, p. 64-65), “[...] de posse de um extenso *corpus* de obras greco-romanas, os árabes empreenderam um copioso processo de tradução, assimilação, reinterpretação e ampliação dos conhecimentos recebidos [...]” que foi traduzido ao mundo ocidental pela Escola de Salerno a partir do século XI (SOUZA, 2012, p. 64-65).

O trabalho de produção do conhecimento médico dos árabes ocorreu, principalmente, nas cidades de Jundishapur (localizada no atual Irã), Bagdá (no atual Iraque) e Córdoba (na atual Espanha), entre os séculos VIII e XI. Inicialmente, os textos eram traduzidos do grego para o sírio e, depois, do sírio para o árabe. O estudo e o ensino médicos eram feitos a partir da tradução e dos comentários aos textos de autores antigos, bizantinos e indianos. No entanto, além disso, nos centros do Oriente, era somado ao trabalho teórico o exercício prático da medicina e da observação clínica, pois nessas cidades o processo sucedia em grandes hospitais. Através da intervenção prática e do contato com o trabalho empírico, os estudiosos medievais puderam aplicar, questionar, reelaborar e expandir as teorias médicas preexistentes (SOUZA, 2012, p. 63-64).

Já no final do século XI, começa a tornar-se perceptível a influência da Escola de Salerno sobre a concepção e prática da medicina nos mosteiros, inicialmente pouco afetada pelos escritos médicos greco-árabe. O desenvolvimento da Escola de Salerno pode ser explicado pela sua proximidade com o mundo muçulmano, já que os mouros estiveram presentes na vizinha Sicília entre os séculos IX e XI (ALMEIDA, 2009, p. 39). A extensa literatura árabe, que era composta, na realidade, por traduções dos textos gregos, chegou ao mundo latino a partir do século XI, devido às traduções para o latim de Constantino, o Africano (1022-1087), da Abadia de Montecassino, como principal característica do segundo momento da História da Medicina. Essa fase se faz importante, pois é quando se inicia um processo de recepção e tradução, no ocidente, de textos médicos-filosóficos, com foco em Salerno, Toledo, Chartres, e na região da Sicília, sendo, portanto, conhecidos autores como Aristóteles e Galeno (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 31-33).

A influência grega e romana na medicina europeia no século XIII pode ser verificada pela adaptação da doutrina dos temperamentos de origem hipocrática ao galenismo, que foi acolhida muito favoravelmente no período da Idade Média (SANTOS, 2013c, p. 8-9). A chamada *teoria humoral* entendia o funcionamento e a saúde dos corpos, ou a falta dela, como um equilíbrio entre os quatro humores ou líquidos que os pesquisadores acreditavam existir (THOMASSET, 1993, p. 73). A saúde, como relata Le Goff (1991, p. 62) “[...] resultava do fato de os humores estarem misturados em boa proporção. Se um ou outro estava em excesso, o doente sofria da perturbação correspondente”.

Nessa lógica, cada um dos elementos estava associado a duas qualidades (quente ou frio e seco ou úmido) em concordância com os *humores* legados pela escola hipocrática – *sangue*, *bilis amarela*, *bilis negra* e *fleuma*. No século II, Galeno revitalizou a teoria hipocrática dos humores. Ele uniu os componentes fisiológicos da constituição corporal (humores, *pneuma* e calor inerente) à sua concepção de faculdade ou potência e, ainda, às estruturas anatômicas. Nessa proposição, os humores encontravam-se associados a determinados órgãos do corpo e ao calor inato. É ele quem introduz o conceito de *complexio* (compleição) ou temperamento, que se torna o princípio organizador de cada ser humano, pelo qual a preponderância dos humores corporais, determinada no momento da concepção, originava quatro tipos de compleição: *sanguínea*, *colérica*, *fleumática* e *melancólica* (ou *biliosa*) (GARCÍA-BALLESTER, 1992, p. 119-145). Esses conceitos da teoria humoral são encontrados, referenciado ou não, na grande maioria das obras médicas latinas medievais.

A grande produção literária médica latina da Idade Média ocorreu nos últimos anos do período da escolástica médica, que se arraigou nas Faculdades de Medicina e teve seu apogeu entre os séculos XIII e XIV. Por efeito da filosofia e da teologia escolástica, tão em voga durante os séculos XIII e XIV nas principais universidades europeias, como Bolonha, Pádua ou Paris, também se popularizou uma medicina com características semelhantes à Escolástica. Da mesma forma que essa filosofia incorporou o novo Aristóteles, a medicina escolástica se fundamentava no novo Galeno. Desde então, o *Galeno arabizado*<sup>3</sup> e a filosofia natural de Aristóteles tornaram-se autoridades absolutas na escolástica médica medieval.

O processo de transição da medicina religiosa para a medicina leiga provém do advento das universidades europeias, que começaram a se organizar no século XII, inicialmente sob a

---

<sup>3</sup> Conceito de Montero Cartelle (2010, p. 44) que faz referência aos textos galênicos traduzidos e comentados pelos árabes, reintroduzidos na Europa ocidental pela Escola de Salerno no século XI.

proteção das monarquias e do papado. Segundo Almeida (2009, p. 45), a criação das universidades se dava nas cidades mais ricas e significava fator de prestígio, “[...] como demonstra o caso da Universidade de Colônia, fundada e mantida pela cidade em 1388, sendo a primeira universidade de fundação urbana na Alemanha” (ALMEIDA, 2009, p. 45). Com o surgimento dessas instituições, foi sendo criado um fosso entre a medicina erudita e a medicina prática, entre os médicos, formados nas universidades, e os cirurgiões ou barbeiros. Num primeiro momento, os teóricos lidaram pouco com os problemas concretos, mas antes eles mantinham-se ligados à tradição médica. No entanto, as escolas médicas do sul da Europa, como Salerno, Montpellier e Bolonha, são exemplos do contrário, pois seguiam atentos à tradição, mas também à aplicação prática já existente (ALMEIDA, 2009, p. 45; MONTERO CARTELLE, 2010, p. 43).

A institucionalização da medicina no ocidente, o desenvolvimento da organização e a regulamentação geral dos ofícios médicos aconteceram entre os séculos XI ao XIII graças ao impulso pontualmente dado pelas autoridades régias, imperiais ou pontifícia, somado à pressão exercida pelas epidemias no final da Idade Média (SANTOS, 2013c, p. 124). No século XII, a medicina saiu do rol das artes mecânicas (*ars*) e passou a ser considerada uma ciência (*scientia*) no interior da filosofia natural, daí a designação de físico, o intérprete da natureza (*physis* ou *natura*), para os médicos medievais (SANTOS, 2013c, p. 124).

Partindo do pressuposto que o *campo discursivo* do *De secretis mulierum* é filosófico, além de médico, consideramos necessário contextualizar, no próximo tópico, a escolástica medieval filosófica antes de adentrarmos na escolástica médica propriamente dita.

## **1.2. A Escolástica**

A Escolástica é uma ciência do comentário a autores considerados autoridades, existindo uma série de textos canônicos aos quais os mestres escolásticos deveriam parear seus discursos. Esses textos canônicos variavam conforme as quatro áreas do saber, no entanto, havia um elo comum a todas essas áreas: o aristotelismo, a Ética e a Lógica, além dos primeiros Padres da Igreja, com destaque para Agostinho (BARROS, 2013, p. 159).

A Escolástica guarda, antes de tudo, íntimas relações com a universidade, pois não apenas os grandes pensadores eram os mestres de várias dessas instituições que começavam a surgir nas proximidades do século XIII, como também a própria estrutura corporativa desses lugares, dividida em conhecimentos especializados, como a Filosofia, a Medicina, o Direito, a Teologia, corresponde também à maneira como foi se organizando o saber escolástico desde o

princípio. Apesar da existência de quatro saberes, a Filosofia Escolástica era o tronco comum de todos os outros (ALESSIO, 1992, p. 170).

Há, ainda, uma série de características interligadas que podem ser reconhecidas na Escolástica. De um lado, ela se mostra como uma espécie de saber autossuficiente, fechada em um corpo de textos canônicos, que, desde o princípio, como uma via de mão-dupla, foram responsáveis pela construção da Escolástica, bem como se construíam nela de maneira simultânea. Nesse aspecto, esse saber se fundamenta no princípio de autoridade, aproximando-se, dessa forma, do conceito de *discursos constituintes* de Maingueneau<sup>4</sup> (2015, p. 141), que são aqueles que, para se autoafirmarem, devem se apresentar como ligados a uma fonte legitimadora. A língua padrão da Escolástica, o latim eclesiástico, reforça, ainda, a apresentação dela como um corpo fechado de saber (BARROS, 2013, p. 159).

Das novas ordens mendicantes que surgiam no século XII, Franciscanos e Dominicanos, surgiram também os mestres da Escolástica. Para seus próprios fins, como pregadores que precisavam da lógica e da retórica para desenvolver a habilidade de convencer em suas pregações, os Dominicanos utilizaram o saber escolástico como base de formação. Acerca de seu ofício, esses religiosos eram encarregados de combater a heresia, e assim fizeram através da pregação, com vistas a recompor um quadro de fiéis que se viu abalado desde o século XII por novas e ameaçadoras formas de religiosidade. Eles se tornaram, ainda, os inquisidores oficializados pelo Papado, destacando, dessa forma, a importância da instrução Escolástica na tarefa de pregar e inquirir (BARROS, 2013, p. 160).

O que traz uma verdadeira unidade à Escolástica é o seu método: o mestre escolástico devia extrair do texto de uma autoridade a matéria para um problema e, a partir disso, desenvolvê-lo em relação a um interlocutor imaginário pronto a lhe objetar. A base do método é o desejo de explicitar tudo, esgotando sistematicamente todas as possibilidades. Ele se desenvolve em torno de alguns pontos essenciais, entre eles, a dialética, que é um conjunto de operações que fazem do objeto de saber um problema que será exposto e sustentado contra o interlocutor real ou imaginário (BARROS, 2013, p. 160-170). Esse método se fazia presente em todas as áreas do saber escolástico, inclusive no médico, do qual trataremos a seguir, detalhando, ainda, os pormenores do método.

### **1.3. A medicina escolástica**

---

<sup>4</sup> Falaremos mais do conceito de *discursos constituintes* no capítulo 3.

As traduções de obras médicas do árabe para o latim, feitas por Constantino, o Africano, monge do mosteiro beneditino de Montecassino, no sul da Itália e pertencente à Escola de medicina de Salerno, permitiram o nascimento da medicina como área de saber específico na Europa ocidental. As leituras e comentários tecidos sobre esses textos no século XII tornaram possível fundar e desenvolver a escolástica médica do século XIII. Até o século XIV, os Estudos Gerais de Paris, Montpellier e Bolonha foram os polos principais desse ensino universitário e da formação de mestres e doutores oriundos de diversas regiões do continente europeu (SANTOS, 2013c, p. 123-124).

A *Articella* salernitana, que constituía uma seleção dos textos traduzidos por Constantino, o Africano, organizada e difundida pela Escola de Medicina de Salerno, se tornou uma espécie de cânone do saber médico, cuja influência estender-se-ia pelo baixo medievo até o início da Renascença. A *Articella* era formada pelos seguintes textos: *Aforismo, Regime nas Doenças Agudas e Prognóstico*, de Hipócrates (460-377 a. C.); *Arte médica*, de Galeno (129-217); *Das urinas* de Teófilo Protospatário (sécs. V-VI); e *Isagoge* de Johannitius (809-873). Além desse conjunto, existiam, ainda, importantes compêndios de autores árabes medievais como *Liber ad Almansorem*, de Rhazes (850-923), o *Cânon de Medicina*<sup>5</sup>, de Avicena (980-1037) e o *Colliget* ou *Livro de toda a medicina*, de Averróis (1126-1198). A eles, somam-se ainda os *libri naturales*, de Aristóteles (séc. IV a. C), que são as obras *Física, Sobre a geração e a corrupção, História dos animais, Sobre as partes dos animais, Sobre a geração dos animais, Sobre a alma, Sobre o céu e o mundo, Meteorologia*, bem como a coleção *Parva naturalia* e o texto pseudo-aristotélico intitulado *Sobre o espírito* (SOUZA, 2012, p. 15; GARCÍA-BALLESTER, 1992, p. 123).

A definição desse *corpus* de escritos médico-filosóficos antigos e árabes como a base do currículo das Faculdades de Medicina do século XIII foi estabelecida sobre o critério das *auctoritates*. Durante o medievo, os termos *auctoritas* (autor) e *auctoritates* (autores e textos) apresentavam-se intimamente ligados e significavam autores/textos que deveriam ser lidos. No contexto escolástico, segundo Souza (2012, p. 14), “ambos adquiriram o significado de obra sentenciosa ou frase, uma espécie de texto imprescindível que obrigatoriamente compunha a base curricular de cada *studia generalia* e que, portanto, deveriam ser lidos e comentados pelos estudiosos”.

---

<sup>5</sup> O *Cânon de Medicina*, de Avicena, foi traduzido por Gerardo de Cremona no século XII. Extenso e volumoso, o tratado exibe conhecimentos em praticamente todos os domínios médicos, assentado sobre as preposições aristotélicas e galênicas. Convertendo-se na Bíblia da Medicina escolástica, ele passou a integrar os principais *studia generalia* e foi incessantemente estudado dentro e fora dessas instituições (SOUZA, 2012, p. 66-67).

O método de ensino das Faculdades de Medicina era exclusivamente teórico e seguia o modelo forjado em Salerno. O modelo de ensino de Salerno compreendia a *lectio*, leitura comentada dos autores, e a *quaestio*, isto é, o enfrentamento das questões contraditórias presentes no texto visando obter uma solução satisfatória. Etapas distintas e complementares, estas contribuíram para o prolongamento da tradição pseudo-aristotélica dos *problemata*, ou seja, a elaboração de questões diversas sobre medicina ou filosofia natural, que não estavam necessariamente ligadas a um texto. Aplicados usualmente no ensino da gramática, retórica e dialética e, a partir de Salerno, na medicina, esses exercícios foram normatizados no interior dos *studia generalia*, dando origem a um conjunto de técnicas de aprendizagem, discussão e produção literária que se denominou escolástica, como apresentado no tópico acima. Como parte essencial do processo escolástico, a *lectio* integrou os currículos das faculdades de Artes, Direito, Teologia e Medicina (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 44; SOUZA, 2012, p. 82-83).

Como em Salerno, no ambiente escolástico médico, a *lectio* era a primeira etapa a ser realizada. Esta compreendia a leitura explicada e comentada, durante as aulas, dos textos da *Articella*, com o objetivo de fornecer aos alunos um conhecimento detalhado da obra. Os mestres faziam uma apresentação geral da obra (*accessus ad auctores*) com informações sobre a vida do autor, o título da obra, a intenção do autor, o conteúdo da obra, a sua utilidade e a qual doutrina a obra pertencia. Durante esses processos, os estudantes eram instruídos a compor glosas sobre os temas abordados (SOUZA, 2012, p. 83). Essas anotações pessoais transformavam-se em fontes de referência para os médicos e demais estudiosos no decorrer do exercício da profissão, originando daí o gênero textual conhecido como *comentário*. Após essa explicação minuciosa do texto (*expositio*), levantavam-se os pontos duvidosos e contraditórios do texto (*dubia*), sendo empreendida, a partir de então, a *quaestio* (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 95).

A *quaestio* da escolástica do século XIII, assentada sobre a lógica aristotélica, era elaborada a partir de procedimentos de raciocínio dialético. Com o tempo, esse sistema de perguntas e respostas cedeu lugar a um exercício de confronto e contradições entre duas *auctoritates* ou passagens de uma mesma obra e/ou autor. Para a medicina, esse exercício representava a possibilidade de resolver questões que emergiam do processo de assimilação do *corpus* greco-árabe, na tentativa de estabelecer uma conciliação entre as *auctoritates*. Quando isso não era possível, recorria-se à opinião de uma terceira autoridade, que estabelecia, então, as verdadeiras proposições. Como exemplo, no caso de alguns pontos de divergência entre

Aristóteles e Galeno, os estudiosos consultavam uma terceira autoridade, que era, frequentemente, o médico árabe Avicena (SALMÓN; SALOR, 1993, p. 348-353; SOUZA, 2012, p. 83-84).

Por fim, o estudo seguia com a *disputatio*. Essa fase era dividida em *disputatio privata*, organizada periodicamente pelo mestre para os estudantes do curso, e *disputatio ordinaria*, seções abertas ao público e que permitiam a participação de vários interventores, inclusive de outras faculdades. Esse exercício se apresentava como um debate oral entre dois ou diversos interlocutores acerca dos pontos e questões contraditórias levantadas na *quaestio*. A disputa envolvia, de um lado, os *opponentes*, que criticavam a tese lançada, e, do outro, os *respondentes*, que debatiam os argumentos apresentados pelos primeiros. Todos os domínios do saber médico movimentavam a *disputatio*, mas as questões referentes à constituição corporal eram predominantes. Parte das disputas realizadas ao longo do século XIII foi transcrita, resultando em algumas obras pautadas nesse modelo de *quaestiones disputatae* (SALMÓN; SALOR, 1993, p. 350; SOUZA, 2012, p. 84). Assinalamos, também, que o método escolástico ressaltava o trabalho e a personalidade do investigador no modo de resolver as dificuldades concretas, culminando criação da imagem de brilhantes pesquisadores e docentes universitários.

O *Galeno arabizado* alcança um nível de autoridade incontestável dentro da escolástica médica, afundando toda a tentativa de fazer certa crítica racionalista às autoridades. As doutrinas estabelecidas, por vezes não compreendidas, eram utilizadas sem grandes críticas, pois contrariá-las não parecia um bom negócio aos estudiosos medievais, dessa forma, Arnaldo de Vilanova, por exemplo, nunca se atreveu a contradizer Galeno. Não obstante, os estudiosos escolásticos se viram obrigados a fazer algo diante da possibilidade de contradição dessas fontes. Além de buscar outra autoridade, eles procuravam também por outras traduções do mesmo texto, considerando que os equívocos presentes podiam se tratar de um problema de transmissão textual. Contudo, se a diferença persistia, eram buscados então a conciliação e o comentário ou disputa, já que neles manifestavam-se as tentativas de uma crítica racional (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 44).

Como nos diz Montero Cartelle (2010, p. 34), a maioria dos tratados médicos do século XIII está organizada seguindo uma dupla dimensão: por um lado, havia a combinação do saber teórico com a prática da cura, que assegurava um equilíbrio entre saber e fazer; por outro, uma distribuição da medicina em três áreas fundamentais, *diaetetica*, *pharmaceutica* e

*chirurgia*, que assegurava o tratamento de todos os aspectos essenciais do saber médico. A dietética servia tanto para manter a saúde, como para recuperá-la; a farmacêutica de tipo terapêutico assegurava a provisão dos medicamentos necessários para a cura; já a cirurgia atuava em último extremo, com prévio conhecimento anatômico e fisiológico, como um remédio radical para manter ou recobrar a saúde (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 34).

Os gêneros textuais da literatura médica latina do século XIII são muito variados e fazem, em geral, paralelos com literatura filosófica, teológica e do direito. Em sua maioria, esses gêneros estavam associados ao método escolástico, por exemplo, o gênero dos comentários e dos glossários às obras consagradas no campo da medicina, bem como as obras de introdução a essas autoridades. Além disso, os *compendia* e as enciclopédias também são outros exemplos de gêneros textuais também estabelecidos pela escolástica médica (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 35-36).

A história dos comentários e dos glossários se entrecruzam. A necessidade de explicar os textos consagrados era sentida já na Antiguidade Clássica e foi uma clara exigência na Idade Média diante das *auctoritates*. Na época helenística, era comum de se encontrar tanto as glosas de expressões raras, com o objetivo de clareá-las, como os comentários, que, na Antiguidade Tardia, se concebiam como explicações eruditas de um texto. A técnica do comentário foi absorvendo pouco a pouco a do glossário, até se confundirem em alguns casos. O comentário salernitano dos séculos XII e XIII sobrepassava o nível da glosa léxica de simplesmente aclarativa, já que participava das características próprias do *accessus ad auctores* do método de ensino escolástico, isto é, sobre o texto se fazia uma exposição ou explicação de tipo fundamentalmente teórico. Os comentários ganhavam prestígio e entravam *no curriculum* universitário e em programas de exames não apenas de Salerno, mas também de outras universidades europeias do momento, tornando-se um tipo de gênero textual (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 76-77).

Esse gênero textual representou o principal produto da escolástica médica, já que a produção de comentários aos textos das *auctoritates* era atividade obrigatória no processo de formação dentro dos *studia generalia* de medicina. Alguns comentários se constituíam de anotações das exposições efetivadas durante a *lectio*, outros se aproximavam das *quaestiones disputatae*, pois eram formados a partir de uma série de questões dispostas ao final de um texto estudado, outros, ainda, exprimiam um estudo aprofundado de uma obra específica. Sendo uma espécie de registro escrito da formação que os médicos recebiam, os comentários médicos são

considerados como uma fonte privilegiada acerca da medicina escolástica do século XIII (SALMÓN, 2000, p. 136; SOUZA, 2012, p. 85).

O gênero textual próprio de um autor escolástico é o dos comentários aos textos básicos de sua especialidade. Contribuiu para isso, em particular, o trabalho realizado em Bolonha por Taddeo Aderotti (1223-1295) e seus discípulos, como Arnaldo de Vilanova, em Montpellier, com seus comentários acerca da medicina greco-árabe construídos de acordo com as regras da retórica, sendo cada expressão contextualizada e explicada em todos os seus sentidos, bem como relacionada com outros textos do mesmo autor e outras autoridades. Na realidade, o comentário feito a algum texto indica que ele foi uma autoridade do período (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 77-78).

O comentário de Pedro Hispano (séc. XIII), físico português, ao *Isagoge*, de Johannitius (séc. IX), médico e diretor da Escola de Tradução de Bagdá, é um exemplo significativo desse gênero textual, produzido provavelmente entre os anos de 1247-1261, período em que Pedro Hispano ministrou aulas como mestre nos *studia generalia* de Siena. Traduzido no século XI, por Constantino, o Africano, o *Isagoge*, ou Introdução à Medicina, de Johannitus, foi uma das obras mais comentadas da *Articella* salernitana por servir de síntese aos saberes médicos. Concebido originalmente no sistema de perguntas e respostas, o texto árabe foi traduzido por Constantino sob a forma de texto direto. A obra congrega, além de conhecimentos do campo teórico como fisiologia, etiologia e semiologia, e do campo prático, como doenças, seus sintomas e tratamentos, elementos da constituição corporal, tema de grande discussão no século XIII e XIV (SOUZA, 2012, p. 85-86).

Os *compendia*, ao lado das enciclopédias, são tratados de conjunto, isto é, de sínteses teóricas de um determinado saber. Sua característica básica é a compilação da matéria fundamental, excluindo todo o acessório. Este tipo de obra está muito próximo de outras formas de orientação mais prática. Montero Cartelle (2010, p. 5) associa o desejo de fazer acessível as *auctoritates* à origem do desenrolar do gênero das *compilationes*. Os compiladores, com seus diversos métodos de subdivisão, estruturação e organização do material e seus elaborados sistemas de referências cruzadas, apresentavam alguns *excerpta* das obras mais importantes de um modo conveniente e já bem digerido. A *compilatio*, porém, não era nova, novidade era o grau de sofisticação alcançado na Idade Média. Nos prólogos, os compiladores mostravam a consciência da especialidade de sua atividade literária e de seu próprio papel. Esse compilador, ainda, estava livre da responsabilidade daquilo que escrevia e repetia das obras

dos *auctores*. Assim, por exemplo, a *Summa medicinalis*, de Gualterio Agilón, médico de Salerno de meados do século XIII, pode ser um exemplo desse gênero, pois possui todas as características de uma compilação. Utilizando fontes salernitanas e árabes, especificamente de Constantino e Avicena, a obra está organizada em cento e quarenta e dois capítulos, que estão, por sua vez, organizados em doze partes, de acordo com a cor da urina dominante (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 57-59).

A enciclopédia sempre ocupou um lugar de honra no mundo da medicina medieval. A Idade Média, época de síntese e valorização da história natural, cultivou com muito êxito o gênero enciclopédico, sobretudo no século XIII, como os vários tratados de Alberto Magno, o *Speculum maius*, de Vicente de Beauvais, o *De natura rerum*, de Tomás de Cantimpré, ou o *De rerum proprietatibus*, de Bartolomeo Inglêso, clássicos exemplos do saber científico natural, cujo labor fundamental era a compilação de fontes (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 52-53). O enciclopedista tinha como finalidade básica a seleção ordenada do saber geral consagrado no campo, graças ao acesso à literatura clássica e à produzida em seu período. O trabalho de edição era secundário e tampouco se buscava originalidade, ainda que, de maneira geral, a disposição dos dados poderia originar aspectos particulares. A *Historia Naturalis*, do franciscano Juan Gil de Zamora (1241-1320), é um exemplo de enciclopédia medieval que demonstra a o afastamento do autor de qualquer tentativa de originalidade, mas antes somente apresenta os conhecimentos das fontes clássicas de uma maneira ordenada. A obra do franciscano, a julgar pela parte conservada, possui ainda uma abundância de fontes muito superior às demais enciclopédias do século XIII (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 55).

Não apenas a obra de Juan Gil Zamora, mas também as *Etimologias*, de Isidoro de Sevilha (570-636), possuíram um papel importante no desenrolar desse gênero na Idade Média. Uma espécie de enciclopédia geral do conhecimento, destinada a servir de referência a um público formado tanto por clérigos, quanto por leigos, a obra possui também uma seção dedicada à medicina. Nas seções que formam o Livro IV – *De medicina* –, são expostos não apenas a definição de medicina, a diferenciação entre os tipos de enfermidades, como também os procedimentos terapêuticos e os requisitos indispensáveis para a formação dos médicos. Nessas partes, além das compilações das autoridades médicas e bizantinas, também aparecem citações de autores da patrística com Agostinho, Tertuliano e Ambrósio e autores clássicos como Homero, Cícero e Platão (SOUZA, 2012, p. 50-51).

Além desses gêneros textuais da literatura médica, consideramos necessário levantar aqui a *literatura de segredos* de tipo médico e o gênero textual *secreta mulierum*, no qual se insere o *De secretis mulierum*.

#### **1.4. A literatura de segredos e os *secreta mulierum***

Ao longo do século XII emergiu na Europa um tipo de literatura pseudocientífica e semiculta, situada no meio do caminho entre receituários médicos, literatura técnica e textos hermenêuticos, que prometiam revelar aos seus leitores os segredos sobre a natureza e os segredos das artes e, por isso, foi chamada de *literatura de segredo*. Os livros de segredo desfrutaram de seu auge nos séculos XVI e XVII, mas seus antecedentes remontam à Antiguidade Clássica. Com o desenrolar da Revolução Científica renascentista, seu êxito foi decaindo progressivamente, mas seguiram circulando pelas esferas populares e pelos ambientes pseudocientíficos até o início do século XX (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 11 e 15).

William Eamon (1994, p. 16-37) explica que a expressão *segredos da natureza* e outras similares já se encontravam em autores como Cícero, Plínio, o Velho e em Plutarco e faziam referência aos fenômenos naturais difíceis de compreender racionalmente ou cujas causas se desconheciam. Posteriormente, no auge das práticas mágicas na zona oriental do Império Romano, a expressão *segredos da natureza* passou a indicar as forças ocultas e misteriosas da natureza que a mente humana não poderia compreender. Paradoxalmente, estas forças ocultas eram suscetíveis à manipulação do homem para seu próprio proveito, sempre quando estes eram iniciados em técnicas adequadas para assim fazer. Por outro lado, os *segredos das artes* eram os conhecimentos de tipo prático dos profissionais das artes mecânicas, isto é, dos saberes manuais e técnicos opostos às artes liberais, que incluíam disciplinas como medicina, arquitetura ou alquimia.

Assim sendo, a *literatura de segredos* abarca uma ampla temática e variados tipos de disciplinas que aparecem em formatos muito diversos, que variavam entre recompilações de fórmulas alquímicas e mágicas, chegando à medicina e filosofia natural, bem como a tratados sobre a geração humana, sendo todos eles dispostos em diversas formas, como receituários, textos enciclopédicos, epístolas ou listas de propriedades ocultas de pedras, plantas ou animais, dentre outros. A característica comum a todos esses textos, e que os definem como pertencentes à *literatura de segredos*, é que prometem revelar aos seus leitores conhecimentos secretos sobre a natureza ou sobre as artes tidos como difíceis de compreender ou cujas causas

se desconheciam. Essa característica, fundamental e obrigatória para que um documento fosse considerado livro de segredo, comumente era indicada, de modo explícito, no texto, geralmente nos prólogos ou então podiam simplesmente ser identificada através de alguma variante da palavra *segredo* nos seus títulos (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 102; BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 16).

A esta característica fundamental somam-se outras que aparecem de maneira regular nos livros de segredo, como a vontade de proteger do vulgo os conhecimentos secretos revelados no livro. A necessidade de proteger esses conhecimentos secretos daqueles a quem eles não estão destinados ou que não são considerados dignos de tê-los e o temor de que pudessem ser aproveitados por pessoas mal-intencionadas aparecem no corpo do texto dos livros de segredo. Além disso, outra característica desse gênero, que reforça a exclusividade do acesso aos textos, é a crença de que o conhecimento teria origem divina e, portanto, não poderia ser alcançado através da especulação racional, mas somente por meio da revelação ou da experiência. Dessa maneira, seria necessário contar com o beneplácito e com a ajuda de Deus, que somente revelaria tais conhecimentos a quem fosse digno de tê-los. Isso geralmente toma forma nos textos por meio da inserção de um prólogo fictício, que objetivava deixar claro que um sábio recebeu aquele conhecimento através da revelação divina e apressou-se por escrevê-lo em um tratado. Já o alcance do conhecimento pela via da experimentação<sup>6</sup> comumente se mostra nos textos por meio da introdução do tipo *hoc probatum est* ou similares, depois de descrições dos experimentos, receitas ou fórmulas, o que não significava que os experimentos tivessem sido realizados de fato (EAMON, 1994, p. 4-5; BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 16).

Além das três características mencionadas acima, os livros de segredos possuem mais duas: carácter prático e inclusão de fórmulas, receitas e experimentos técnicos ou médicos. Os livros de segredo estão concebidos, em sua maior parte, como manuais e como obras totalmente práticas, não sendo comum, por isso, a inclusão grandes discussões teóricas nessas obras. Além disso, esses livros se caracterizam também por apresentar listas, coleções ou recompilações de fórmulas mágicas, receitas médicas ou farmacológicas, experimentos

---

<sup>6</sup> A este ponto, devemos levar em conta que o conceito medieval de experimento é diferente do conceito da ciência atual. O experimento medieval é, segundo William Eamon (1994, p. 9), uma experiência fortuita, inesperada e essencialmente privada, que permitiria ao artesão medieval descobrir por causalidade algum tipo de conhecimento útil para sua arte, porém sem que se possa explicar as causas e tampouco o funcionamento do mesmo. Os conhecimentos resultantes não se revelariam à comunidade, mas ficariam retidos como secretos e particulares do artesão, que, com o tempo, os escreveria, dando lugar aos livros de segredo. Na ciência moderna, os experimentos são planejados previamente e o pesquisador publica os resultados de suas investigações, para que sua validade seja comprovada pela comunidade científica (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 17).

alquímicos e outros procedimentos práticos nessa mesma linha (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 102; BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 17).

Apesar dos livros de segredos medievais abordarem diversos temas, foram aqueles dedicados à medicina, junto com os de alquimia, que gozaram de maior êxito durante a Idade Média, sendo habitual incluir no título dessas obras os nomes de Galeno, Hipócrates e outras autoridades médicas para dar a elas mais prestígio. Como exemplo disso, temos os *Secreta Hippocratis*, uma coleção de prognóstico fatais de origem grecoárabe; o *Liber secretorum ad Monteum*, uma seleção de prescrições médicas e receitas extraídas de Galeno e que circulou com seu nome; e o *Liber de secretis in medicina*, atribuído a Razes e que contém, em uma parte, o texto traduzido de uma obra genuína do médico persa e, em outra, escritos de outros autores (MONTERO CARTELLE, 2010, p. 103).

Segundo Barragán Nieto (2012, p. 26), o texto inaugural da categoria dos livros de segredos medievais foi o *Secretum secretorum*<sup>7</sup>, atribuído a Aristóteles, que obteve uma significativa popularidade, e que, provavelmente, contribuiu para o êxito da *literatura de segredos* nos séculos seguintes. A filosofia natural antiga em muito impactou os livros de segredo que se dedicaram a esta matéria, sendo os textos que mais influenciaram os livros de segredos da natureza o *Historia animalium* e o *De generatione animalium*, de Aristóteles, e a *Naturalis Historia*, de Plínio, o Velho (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 20).

A filosofia natural vivia um renascer na Europa do século XIII desde a reintrodução, por meio dos árabes, dos *libri naturales* aristotélicos. Nesse contexto, circularam pela Europa muitos livros de segredo interessados em expor os mistérios do funcionamento da natureza, assim como as causas e propriedades das coisas, especialmente as virtudes ocultas. Esses *livros de segredos* de filosofia natural têm, em geral, um caráter mais teórico do que os dedicados a outras disciplinas. Entre eles, podemos destacar o *De secretis naturae*, uma cosmologia atribuída a Apolônio de Tiana, que, na realidade, é uma tradução latina de um texto árabe, e os *Secreta Alberti*<sup>8</sup>, uma antologia sobre as virtudes ocultas de pedras, plantas e animais. Esse último, atribuído a Alberto Magno, está relacionado não só com a filosofia como também com

---

<sup>7</sup> Também conhecido como *De regimine sanitatis*, *De conservatione sanitatis*, *De regimine regum*, *De regimine principum* ou *De regimine dominorum* (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 26).

<sup>8</sup> Em alguns manuscritos a obra também aparece com outros títulos como *Experimenta Alberti* ou *De virtutibus herbarum, lapidum et animalium*. Nas edições impressas, ela aparece unida a outro texto, o *De mirabilibus mundi*, sobre o título de *Liber aggregationis seu liber secretorum Alberti Magni* (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 31).

a magia e a medicina, já que nele são explicadas as propriedades mágicas e terapêuticas das coisas (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 31-32).

Existe, ainda, um gênero específico dos livros de segredo de tipo médico, chamados de *secreta mulierum* (segredos das mulheres), cujo tom é muito mais expositivo do que prático, assemelhando-se aos livros de segredo de filosofia natural. Os *secreta mulierum* centravam-se em expor os mistérios que envolviam a geração humana, congregando medicina e filosofia natural (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 42), porém esses livros não estavam destinados aos profissionais da medicina. Normalmente, eles eram escritos para um público específico, essencialmente masculino, desejosos de apreender os segredos da reprodução humana e o funcionamento dos corpos femininos, sendo, por vezes, solicitados ao autor. Enquanto pertencentes à literatura de segredos, os conhecimentos presentes nas obras de *secreta mulierum* não deveriam ser compartilhados com um público amplo. Em geral, são incluídos no texto uma advertência e um pedido aos leitores para que tomassem cuidados e não revelassem os conhecimentos recebidos, advertência essa que, em alguns textos, aparece de maneira mais específica, alertando acerca de quem não deveria ter acesso aos textos: as mulheres. Isso significa dizer que, em algumas obras do gênero segredo das mulheres, há a proibição, no corpo de seu texto, de que esses conhecimentos cheguem às próprias mulheres (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 43).

Ainda sobre o gênero segredos das mulheres, destacamos que ele foi uma criação exclusiva da Europa medieval, já que até o momento não foram encontrados antecedentes greco-romanos ou no mundo árabe dessa literatura. Na Antiguidade, para se referir ao órgão genital feminino, utilizavam-se termos como *feminina*, *partes pudendae*, *pudenda*, dentre outros, porém, nunca *segredo* (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 40). Seu nascimento provavelmente se deu no século XIII como consequência de uma combinação entre a nascente literatura de segredos e um interesse geral pelo tema da geração humana que vinha se desenrolando desde o século anterior (LEMAY, 1992, p. 15; BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 43).

Segundo Monica Green (2000, p. 5-9), a literatura ginecológica sofreu uma mudança em seus títulos no final da Idade Média. Esta literatura, que antes recebia títulos como *Tratamentos para as condições femininas*, *Livros acerca das condições das mulheres*, *Gynaecia* (equivalente ao termo grego *gynaikeia* – assuntos de mulher) e que de fato tratavam das causas e das curas das doenças femininas, começaram, a partir do século XIII, a levar em seus títulos o termo “segredo das mulheres”. Green (2000, p. 7) interpreta que a utilização do

termo segredo ou expressões nesse sentido diz respeito ao monopólio do conhecimento médico por parte das mulheres sobre seu corpo e suas doenças; às intervenções médicas e à aplicação de medicamentos em partes íntimas, que, por seu turno, deveria ocorrer de forma privada, particular, e, portanto, secreta; e, ainda, ao pudor ou à restrição feminina em compartilhar suas aflições com os físicos homens.

A designação de segredos das mulheres remete ao desejo masculino dos filósofos naturais, que eram majoritariamente religiosos, de conhecer, e talvez controlar, os processos de reprodução humana no corpo feminino. Nesse sentido, identifica-se uma mudança no público leitor e no produtor de tratados do tipo de segredo das mulheres – físicos, teólogos e filósofos naturais (SANTOS, 2013b, p. 11, SOUZA, 2012, p. 91). Se antes do século XIII a literatura ginecológica era lida a fim de aprender as causas e curas de doenças das mulheres, os leitores dessa nova prática literária estavam muito menos preocupados com o alívio das mulheres que sofriam de suas doenças do que com a aprendizagem de como o corpo feminino funcionava como um local de reprodução, bem como com a tentativa de garantir que ele de fato funcionasse corretamente. Estes novos leitores tinham interesses diferentes daqueles que guiaram os autores dos textos puramente ginecológicos ou das gerações anteriores de leitores (GREEN, 2000, p. 6).

O termo *secretum* aparece em algumas obras médicas e ginecológicas datadas do período de transição entre a Antiguidade e a Idade Média, porém sem o mesmo significado que acabou por ganhar nos séculos XII e XIII. A adoção do termo *segredo das mulheres* em textos ginecológicos começou a aparecer no século XII com a introdução de referências às partes secretas do corpo feminino e às enfermidades secretas relacionadas a ele (GREEN, 2000, p. 7-14). É a partir do século XIII que o termo *secretum* começou concretamente a ser usado nos textos que hoje chamamos de ginecológicos, associado à genitália feminina. Em *De secretis mulierum, de chirurgia et de modo mendendi Libri septem salernitano*, de Trótula, os órgãos sexuais femininos aparecem designados pelo termo *loca secreta*. Outro exemplo se encontra no tratado conhecido por *Tractatus Beati Gregorii Pape contra religionis simulatores*, do século XII ou XIII, cujo conteúdo gira em torno das enfermidades secretas da genitália feminina. Em sua argumentação, para defender a prática médica enquanto mulher, a francesa Jacoba Felicie, em 1322, também se refere ao sexo feminino como secreto. Existem, ainda, tratados ginecológicos ingleses, alemães e holandeses que fazem uso igualmente dessa terminologia (GREEN, 2000, 7-14; BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 41-42).

O primeiro texto que traz segredo das mulheres em seu título é um tratado ginecológico hebreu intitulado *Sefer ha-seter*, escrito na França, por volta do fim do século XII, que talvez seja uma tradução do *Liber sinthomatibus mulierum* (BARKAI, 1998, p. 30). Apesar de uma cópia de Trótula, de meados do século XIII, acabar com as seguintes palavras: *Explicit Trotula maior et minor de secretis mulierum*, pesquisadores como Barragan Nieto e Helen Rodnite Lemay consideram o *De secretis mulierum*, atribuído a Alberto Magno, como o primeiro tratado genuinamente do gênero *secreta mulierum*, por associar a medicina à filosofia natural, predominantemente. Para eles, o enorme êxito do *De secretis* teria marcado o desenrolar dos *secreta mulierum*. Barragán Nieto (2012, p. 44) afirmou que, a partir da composição do *De secretis mulierum*, foram também escritos outros textos com títulos similares ou iguais a ele, tanto latinos (*Secreta mulierum liber maior*, *Secreta mulierum minor liber*, *Quaestiones de secretis mulierum*, etc.), como vernáculos em francês e, especialmente, em germânico (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 42-44).

O *corpus* dos *secreta mulierum* foi crescendo com a criação de novas obras, que foram escritas também através de um processo de assimilação de manuais ginecológicos, especialmente Trótula. Esse processo não resultou, entretanto, que esses manuais deixassem de circular de maneira independente, porém não há notícias da existência de um processo contrário, ou seja, não identificamos a escrita de nenhum manual de ginecologia prática a partir da assimilação dos livros de segredos das mulheres (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 45; GREEN, 2000, p. 20-29).

Dado o nosso objetivo em averiguar a representação das mulheres nos *secreta mulierum*, consideramos necessário acessar a Doutrina Eclesiástica acerca do sexo e das mulheres, partindo do pressuposto de que essa representação médica-filosófica das mulheres, presentes nas obras de segredo das mulheres, encontrava-se, em grande parte, em consonância com o discurso religioso cristão.

### **1.5. A doutrina eclesiástica acerca do sexo e das mulheres<sup>9</sup>**

Segundo Dulce Oliveira Amarante dos Santos (1997, p. 1), no mundo romano antigo, a criação de certos espaços urbanos de sociabilidade e de cultura, como o teatro e o circo, redundou numa tendência à valorização do corpo humano masculino na vida cotidiana, pois até as doutrinas do estoicismo, que defendiam a proeminência do espírito, concebiam a prática

---

<sup>9</sup> O texto que se segue é oriundo de um artigo já publicado (PISSINATI, 2017).

das virtudes por intermédio do corpo. Nessa sociedade, portanto, o corpo humano existia para ser administrado, controlado em suas pulsões e não para ser transformado. De fato, mudanças paulatinas na relação de homens e mulheres com seus próprios corpos, a partir de novas percepções, ocorreram após a introdução do cristianismo no Império. Paralelamente, observou-se o abandono progressivo daqueles espaços culturais e de sociabilidade citados acima, para que se instaurasse uma nova relação com o corpo, agora com o objetivo de transformá-lo e discipliná-lo (SANTOS, 2001, p.1).

Não obstante já houvesse uma tendência moralizadora do corpo no Alto Império Romano, coube ao cristianismo legitimar essa atitude, tendo como base, ao mesmo tempo, a teologia e as Santas Escrituras, assim como os textos dos pais da Igreja (SANTOS, 2001, p. 2). Foi Brown (1990, p. 17) quem localizou a elaboração da defesa da renúncia sexual nos primeiros séculos da nova religião – na forma de ascese para os homens, da manutenção da virgindade para as mulheres e da opção de celibato para ambos. Para Le Goff (2006, p. 48), “de algum modo, o terreno já estava bem preparado para que o cristianismo realizasse essa grande reviravolta do corpo contra si mesmo”. A Idade Média deu um impulso muito mais forte a essa depreciação corporal e sexual, por meio de seus ideólogos, como Jerônimo, Agostinho e Tomás de Aquino, assim como por seus praticantes, os monges, que instalaram por muito tempo na sociedade o elogio e a prática da virgindade e da castidade.

A religião cristã institucionalizada introduziu uma grande reviravolta no Ocidente: a transformação do pecado original em pecado sexual. A interpretação tradicional do pecado original afirma que Adão e Eva quiseram encontrar na maçã a substância que lhes permitiria adquirir uma parte do saber divino. Já que era mais fácil convencer o bom povo de que a ingestão da maçã decorria da copulação mais que do conhecimento, a oscilação ideológica e interpretativa instalou-se sem grandes dificuldades. Com a notável exceção de Abelardo e de seus discípulos, os teólogos e os filósofos reconheceram que o pecado original é ligado ao pecado sexual por intermédio da concupiscência. O sistema de controle corporal e sexual instalou-se, portanto, a partir do século XII, alcançando a maioria dos homens e das mulheres urbanos da Idade Média, sendo, porém, a mulher quem pagou o tributo mais pesado por isso (LE GOFF, 2006, p. 51).

No século XIII, com a instituição do sacramento do matrimônio segundo o modelo do Evangelho, monogâmico e indissolúvel, instalou-se um discurso eclesiástico normativo de controle das pulsões do corpo na sociedade dos laicos. Nessa linha de pensamento, as relações sexuais só tinham alguma dignidade para a reprodução da espécie, o resto enquadrava-se no

pecado carnal da luxúria. Assim, a Igreja imiscuía-se em questões da esfera do privado na Antiguidade e tornado-as públicas, ou seja, como pertencentes à comunidade cristã por ela dirigida (SANTOS, 2001, p. 3).

Além disso, o ser humano foi definido pelos teólogos medievais como a associação de um corpo e de uma alma e essa união revelava uma concepção geral do mundo e da ordem social fundada nessa dialética, por vezes ambígua, do interior e do exterior. Não apenas na longa duração medieval, mas também em períodos posteriores a ela, quando se discutia a relação alma/corpo, pensava-se também nas relações entre o interior e exterior da pessoa humana, de modo que o corpo se tornava o indicador material da expressão da alma. A partir dos Padres da Igreja até a Filosofia Escolástica, no século XIII, iniciou-se uma luta contínua por parte da Igreja na tentativa de implantar a vitória da alma/espírito sobre o corpo/carne. Com isso, as mulheres foram associadas à esfera corporal e um dos desdobramentos dessa ótica localizava-se no imbricamento entre o corpo feminino e a sexualidade (SANTOS, 2001, p. 2-3).

Como exemplo dessa visão, Isidoro de Sevilha julgou a palavra “feminina” como oriunda da palavra grega *fos*, cujo significado é força que queima, por conta do forte desejo sexual que se atribuía ao sexo feminino. Ele acreditava, ainda, que o pecado entrara no mundo por meio da mulher e de sua sexualidade, facilitando que a sociedade medieval visse a natureza feminina e tudo relacionado a ela como perverso e pecaminoso (FONSECA, 2009, p. 27).

Durante o longo período medieval imperou uma tríade de representações modelares negativas e positivas sobre as mulheres. Em primeiro lugar, foi retomada uma imagem corporal feminina negativa já presente no judaísmo, ou seja, aquela da mulher como instrumento do Diabo, cujo exemplo foi Eva. Depois a sua antítese, isto é, uma imagem corporal agora positiva de mulher santa, cuja figura modelar foi a Virgem Maria. A partir do século XII, quando esse dualismo não dava mais conta de abarcar as mulheres, ele transformou-se numa tríade, com a inclusão de uma terceira figura, a de pecadora arrependida, Maria Madalena (SANTOS, 1997, p. 98). Dessa forma, Eva se tornou a imagem do corpo sedutor e incontrollável, porque escapa ao domínio do espírito, cedendo assim facilmente ao domínio do Demônio, vindo daí sua inferioridade em relação aos homens. Em contraposição a essa imagem de Eva representando a fraqueza feminina, Adão se tornou a imagem do intelecto e do espírito. Essa dualidade serviu como símbolo para outras dicotomias, como aquelas que a mulher é fraca, enquanto o homem é forte, uma é irracional e o outro racional (SANTOS, 1997, p. 98-99).

Uma parte da teologia medieval segue o passo de Agostinho, que faz remontar a submissão da mulher a antes da Queda. O ser humano é, portanto, cindido: a parte superior, que é a razão e o espírito, está do lado masculino, enquanto a parte inferior, o corpo e a carne, do lado feminino. No entanto, outras visões também se faziam presentes no medievo, como é o caso de Tomás de Aquino (1224-1274) que se afasta em parte do caminho traçado por Agostinho, porém sem fazer com que a mulher entre no caminho da liberdade e da igualdade. Embebido do pensamento de Aristóteles (384-322 a.C.), para quem “a alma é a forma do corpo”, Tomás de Aquino recusa e refuta o argumento dos dois níveis de criação de Agostinho. Para o primeiro a alma e o corpo, o homem e a mulher foram criados ao mesmo tempo. Assim, o masculino e o feminino são, conjuntamente, a sede da alma divina. Entretanto, o homem dá provas de mais acuidade na razão e sua semente é a única coisa que, durante a copulação, eterniza o gênero humano e recebe a bênção divina (LE GOFF, 2006, p. 53).

A apreensão de que a mulher levaria o homem ao pecado e à fornicção advinha de uma visão de mulher libidinosa, que está sempre à mercê do comando do corpo, dos desejos, e não do racional, da mente. Estabeleceu-se, dessa forma, uma dicotomia entre o masculino (mente, alma, razão) e o feminino (corpo, desejo, devassidão), o que seria uma disposição dos gêneros na forma como a sociedade também estava estruturada: a dicotomia entre espírito e carne. Graciano, monge e professor de teologia, importante figura na construção da legislação canônica, no século XII, pautando-se no pensamento de Isidoro de Sevilha, produziu a seguinte articulação sobre a superioridade do homem, como nos diz Fonseca (2009, p. 27), “A palavra homem (*vir*) não deriva apenas de força (*vi*), mas de uma força especial, a da mente (*virtus animi*). Quanto à mulher (*mulier*), comenta que a palavra veio de amolecimento da mente (*mollites mentis*)”.

Em suma, durante a Idade Média, a Igreja Católica determinou os papéis sociais dos gêneros a partir do controle sobre o corpo feminino (TEDESCHI; SILVA, 2011, p. 275). Havia a ideia propagada pelo clero de que a mulher levaria o homem ao pecado e à fornicção, pois ela estaria sempre comandada pelos desejos da carne e não pelo racional e espiritual. Dessa forma, no discurso cristão medieval, a mulher é sempre associada ao pecado original e à sexualidade. O discurso masculino sobre a mulher consolidava-se não apenas a dominação desta pelo(s) homem(s), mas também sua condição de Eva, por isso o controle de seu comportamento e de seu corpo acabou gerando a necessidade de construir uma teologia e uma justificativa para controlá-la.

Tendo em vista todas as informações levantadas acerca do campo discursivo do *De secretis mulierum*, no capítulo seguinte, apresentaremos e contextualizaremos o *De secretis mulierum* atribuído a Alberto Magno, discutindo o contexto de data e local de sua composição, a questão da autoria e as fontes usadas pelo autor, além de um levantamento acerca da historiografia da obra.

## CAPÍTULO 2

### O *DE SECRETIS MULIERUM* ATRIBUÍDO A ALBERTO MAGNO

Nesse capítulo, apresentamos o *De secretis mulierum* atribuído a Alberto Magno, discutindo o contexto de data e local de sua composição. Em seguida comentaremos a historiografia acerca da obra, desde os primeiros trabalhos encontrados por nós até os últimos trabalhos realizados no Brasil. Por fim, discutimos a questão da autoria e as fontes usadas pelo autor. O objetivo dessa tarefa é o de identificar os dados em que nos apoiaremos para nossa análise de *éthos* do autor do texto, Pseudo-Alberto Magno. Nossa noção de autor também é herdada de Maingueneau (2012, p. 25-26), que define *autor* como uma categoria composta que implica ao mesmo tempo o texto e o mundo em que este texto participa. Com isso, o autor é uma instância que enuncia, e por isso atribui a ele um *éthos* e a responsabilidade de alguns gêneros de textos, mas também certo estatuto social, historicamente variável. Passemos, então, para a discussão sobre a obra.

#### 2.1. O *De secretis mulierum*

O *De secretis mulierum* (*Sobre o segredo das mulheres*) é um tratado filosófico-médico, cuja autoria foi atribuída ao teólogo dominicano Alberto Magno, que lecionou na Universidade de Paris de 1245 a 1248 e depois no *Studium* dominicano na cidade de Colônia (SANTOS, 2013b, p. 3). Combinando filosofia natural, medicina e um pouco de astrologia, o *De secretis mulierum* versa sobre o processo de reprodução humana, e é voltado, principalmente, para a parte feminina do processo (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 37).

Os trabalhos anteriores ao nosso que tratam do *De secretis mulierum* localizam, grosso modo, a data de sua composição entre o final século XIII e o início do século XIV. Barragán Nieto (2012, p. 66-67) identificou que os quatro manuscritos mais antigos da obra datam dos primeiros anos do século XIV, porém só se sabe a data exata de composição de um desses, julho de 1320, levando o pesquisador contemporâneo a definir que a produção da obra teria se dado anteriormente a 1320. Para Ferckel (1954, p. 268) e Thorndike (1955, p. 427), o *De secretis mulierum* teria sido escrito no início do século XIV, mas o primeiro pesquisador, assim como Barragán Nieto, precisou melhorar a data de publicação da obra, dando o ano de 1300 como definição.

Barragán Nieto (2012, p. 67) chegou às décadas finais do século XIII, devido às conclusões de um estudo realizado por ele sobre as fontes declaradas no texto, principalmente pelas obras genuínas de Alberto Magno citadas no *De secretis mulierum*. Além das citações textuais, sabe-se que Alberto Magno viveu até provavelmente o ano 1280, já que com essa datação concordam também as citações de Aristóteles, Avicena e Averróis feitas no texto, cujas traduções latinas já estavam amplamente popularizadas pela Europa Ocidental em meados do século XIII. Também já era muito conhecido o *Secretum Secretorum* pseudo-aristotélico, também citado no texto, que já havia sido completamente traduzido ao latim em princípios daquele século. Além disso, Barragán Nieto (2012, p. 67) afirma que o estabelecimento do final do século XIII explicaria também o motivo que levou Pseudo-Alberto Magno a ocultar as fontes do material astrológico em sua obra, dado o ambiente de rechaço à astrologia de origem árabe na época. Por fim, o pesquisador propõe o ano de 1277 como *terminus post quem* do *De secretis mulierum*, pois foi nessa data em que o bispo de Paris condenou duzentas e dezenove teses, sendo muitas delas de caráter astrológico.

Acerca do local de produção da obra, sempre foi consenso entre os críticos que o *De secretis mulierum* possui origem alemã. A análise da tradição textual nos permite conjecturar que o tratado teve origem na região do âmbito germânico, como nos afirma Barragán Nieto (2012, p. 70). Por âmbito germânico, o autor entende a *zona de cultura alemã*, que, no século XIII, incluía as regiões dos atuais territórios da Alemanha, Áustria, Suíça, Luxemburgo, Polônia e República Tcheca. Das oitenta e oito cópias manuscritas<sup>10</sup> que transmitem o tratado, sessenta e cinco se conservam em bibliotecas desses locais. Além disso, das vinte e oito cópias cujo lugar de origem é conhecido, vinte e cinco procedem da região da atual Alemanha (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 70-71). Barragán Nieto (2012, p. 71-72) conseguiu identificar ainda que, dessas vinte e cinco cópias, dezesseis procedem exatamente do sul da Alemanha (incluindo Áustria e Suíça), e, dessas dezesseis, seis procedem concretamente da Baviera, o que levou o pesquisador a propor a Baviera como provável local de composição do tratado.

Congregando medicina e filosofia natural, como o próprio Pseudo-Alberto Magno deixa claro no prólogo de seu trabalho, ao dizer que ele o faz “[...] em um estilo em parte filosófico e em parte médico, tal como se verá ser adequado ao tema [...]” (*pr.* 12-13)<sup>11</sup>, o conteúdo do

<sup>10</sup> O *De secretis mulierum* sobreviveu em versões manuscritas (oitenta e oito) e impressas (cento e três) (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 96; p. 154).

<sup>11</sup> [...] stilo in parte philosophico et in parte medicinali, prout materie videbitur competere [...].

tratado, disposto em doze capítulos, versa basicamente sobre a reprodução humana, como pode ser observado na Tabela 1:

**Tabela 1** – Capítulos e conteúdo do *De secretis mulierum*, atribuído a Alberto Magno<sup>12</sup>

| CAPÍTULO   | CONTEÚDO   |
|--|--|
| <b>I</b><br><i>Sobre a geração do embrião</i>  | Sobre formação do embrião: se ele é formado a partir do sêmen e da menstruação (6-21). Confluência do sêmen e menstruação e o fechamento da matriz (útero) para concepção (22-30). A menstruação: definição e periodização (31-44). Dúvidas sobre a menstruação (45-96).                                 |
| <b>II</b><br><i>Sobre a progressiva formação do feto segundo a influência de corpos superiores</i> | Formação do feto durante os primeiros quarenta e cinco dias de gestação (3-25). Influência dos corpos celestes sobre o feto durante a gestação, tanto sobre a alma, como sobre o corpo (26-211). Fases da lua e sua influência (221-232). Maldade de algumas mulheres (233-241).                         |
| <b>III</b><br><i>Sobre a influência dos planetas no corpo e na alma</i>                            | Características físicas e o caráter do homem nascido abaixo de cada corpo celeste (6-69). Impossibilidade de escapar do regime dos corpos celestes e defesa do autor contra as possíveis acusações de heresias (70-78).  |
| <b>IV</b><br><i>Sobre a geração de animais sem necessidade de sêmen</i>                            | Sobre a geração de animais imperfeitos (9-13). As diferentes teorias a respeito da geração desses animais (14-60). As causas da geração desses animais (61-83). A diversidade dos animais imperfeitos (84-114).  |
| <b>V</b><br><i>Sobre a geração do embrião</i>  | Recebimento do feto das três faculdades da alma (5-35). Datas do parto (36-51). Influência dos trovões sobre o parto e dúvidas sobre os raios (52-99). Datas do parto e morte dos bebês de oito meses (100-108). Problemas do parto (109-124). Dúvidas sobre como o feto se alimenta no útero (125-144). |
| <b>VI</b><br><i>Sobre a geração dos animais monstruosos</i>  | Definição dos monstros (3-13). Causas da aparição de monstruosidades: diminuição e abundância da matéria (14-49), defeitos da matriz e coito desordenado (50-71) e abundância de matéria (continuação) (72-81). Exemplos de monstruosidades (82-115). Refutação de objeções (116-126).                   |
| <b>VII</b><br><i>Sobre os sinais da concepção</i>  | Os diversos sinais da concepção da gravidez (7-22). Os sinais que indicam o sexo do feto (23-39). Indicação de um experimento para descobrir se a mulher está grávida (40-57).   |
| <b>VIII</b><br><i>Sobre os sinais da castidade e da perda da virgindade</i>                        | Sinais de que a mulher perdeu a virgindade (30-14). Sinais de que ela ainda é casta (15-29). A retenção da menstruação e os males causados por essa retenção e intoxicação pela vista (30-53).   |

<sup>12</sup> I – *De generatione embrionis*; II – *De successiva formatione fetus secundum influenciam superiorum*; III – *De influencia planetarum ex parte corporis et anime*; IV – *De generatione animalium sine emine*; V – *De formatione embrionis*; VI – *De generatione animalium monstruosum*; VII – *De signis conceptionis*; VIII – *De signis castitatis et corruptionis*; IX – *De debilitate matricis que suffocatio dicitur*; X – *De impedimentis conceptionis*; XI – *De iuvementis impregnacionis*; XII – *De generatione spermatis*.

|   |  |
|---|--|
| <p style="text-align: center;"><b>IX</b></p> <p style="text-align: center;"><i>Sobre as debilidades do útero/sufocação da madre</i></p> | <p>Sobre a doença chamada de sufocação da matriz (útero) (3-21). A causa da doença: a abundância de menstruação devido a sua retenção (22-36). Anedota sobre um caso de sangramento menstrual durante o sexo (37-48).</p>  |
| <p style="text-align: center;"><b>X</b></p> <p style="text-align: center;"><i>Sobre os impedimentos para a concepção</i></p>            | <p>Impedimentos para a concepção (esterilidade) da mulher (4-25). Impedimentos para a concepção (esterilidade) por parte do homem (26-32). Experimento para determinar quem é estéril, o homem, a mulher ou os dois (33-43).</p>   |
| <p style="text-align: center;"><b>XI</b></p> <p style="text-align: center;"><i>Sobre os meios que favorecem a concepção</i></p>         | <p>Receitas, técnicas e maneiras de favorecer a concepção (2-18). Precauções sobre a coceira (19-49). Experimento para determinar o sexo do feto no útero (50-60).</p>   |
| <p style="text-align: center;"><b>XII</b></p> <p style="text-align: center;"><i>Sobre a geração do esperma</i></p>                      | <p>Definição do esperma (7-8). As quatro digestões do homem (9-48). Dúvidas sobre a natureza do calor que opera sobre a umidade (49-75). O esperma: definição e origem (76-86). Sua relação com a duração da vida (87-104). Tipos de esperma segundo sua aptidão para a geração (105-116).</p> |

**Fonte:** Barragán Nieto (2012, p. 229; 251; 307; 327; 355; 391; 423; 443; 457; 467; 479; 495).

O interesse em torno dos processos da geração humana foi-se generalizando por toda a Europa a partir do século XIII (GREEN, 2000, p. 15). Esse tema atendia a diversos anseios dos membros das comunidades religiosas, havendo, ainda, no texto e nos comentários que foram acrescentados a algumas edições de que a obra teria sido destinada à comunidade monacal (LEMAY, 1992, p. 57). Para Souza (2012, p. 94), o conhecimento do assunto tinha como objetivo orientar a comunidade monacal quanto à natureza feminina a fim de proteger os religiosos do perigo que o convívio e a cópula com as mulheres poderiam representar, bem como fornecer subsídios para a realização de intervenções médicas, uma vez que parte dos monges e religiosos exerciam a função de físicos ou, ainda, orientar a determinação de penitência por parte dos confessores.

Nessa lógica, o *De secretis mulierum* teria sido destinado a um público essencialmente masculino que, em sua condição de homem, só poderia ter acesso a tais conhecimentos caso lhes fossem revelados (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 43). O autor do *De secretis mulierum*, logo no prólogo de seu tratado, pede ao leitor da obra que “[...] permaneça alerta a esta obra e a este assunto, para que não chegue a mãos de nenhum imaturo, por idade ou formação<sup>13</sup> [...]” (pr. 14-15)<sup>14</sup>. Esse pedido, que era característico do gênero dos livros de segredo, parece ser

<sup>13</sup> Essa e outras citações em português do *De secretis mulierum* são traduções nossas do texto em espanhol, com auxílio do texto em latim presente na edição crítica de Barragán Nieto (2012).

<sup>14</sup> Como já exposto na introdução de nosso trabalho, seguimos a maneira de José Pablo Barragán Nieto (2012) de referenciar o *De secretis mulierum*. O autor da edição crítica utilizada nesse trabalho referencia o texto latino indicando o número do capítulo e o número da linha separados por vírgula (1,70). Utiliza as abreviaturas *pr.* para

também, como mencionamos no capítulo anterior, uma forma de proibir o conteúdo do livro ao acesso, sobretudo, das mulheres. A posição do autor em relação às mulheres fica ainda mais evidente no capítulo três da obra (3,70-79) em que ele faz uma crítica ao batismo das mulheres na Igreja Católica.

Da mesma maneira, podemos presumir, através de indicações no prefácio e elementos presentes no texto principal, além da própria natureza do tratado, que ele foi produzido em um ambiente monástico. A obra se abre sendo dedicada ao “[...] queridíssimo irmão em Cristo [...]”<sup>15</sup> (*pr.* 1), que se ajusta ao modelo utilizado pelos membros do clero em suas correspondências (PUEYO COLOMINA, 1991, p. 280). Além dessa passagem, o tratado exhibe trechos no qual a influência teológica mostra-se evidente, como nas últimas linhas “[...] imploro humildemente o auxílio da graça divina de onde surge a sabedoria e a vida eterna, ao qual nos conduza Deus onipotente, glorioso, magnífico, que com o Padre vive e reina eternamente por séculos e séculos. Amém.”<sup>16</sup> (*cap.* 31-35). Ainda, o autor faz alusão às confissões que lhe foram feitas, como expresso em uma passagem do capítulo nove: “[...] uma vez eu ouvi, em uma confiança amistosa, de um que me perguntou a causa do que havia ocorrido [...]”<sup>17</sup> (9,37-38).

Acerca do formato do tratado, já no prólogo, Pseudo-Alberto Magno define seu trabalho como uma epístola: “[...] querendo saciar vosso desejo, escrevo a presente epístola [...]” (*pr.* 9-10)<sup>18</sup>. É possível perceber claramente as cinco partes da *ars dictaminis*<sup>19</sup> que ditava as regras das epístolas medievais. O tratado se abre com a *salutatio* e o *exordium* ou *captatio benevolentiae* (*pr.* 1-13), em que o autor saúda o remetente mostrando seu afeto de maneira humilde. Faz a *petitio* (*pr.* 13-17 e *cap.* 21-24), em que o autor faz um pedido ao remetente e a *conclusio* (*cap.* 25-34) ou fechamento da obra. No entanto, a *narratio*, quer dizer, o desenvolvimento do tema tratado, que, segundo a maioria das *artes dictaminis*, deve ser breve, é substituído pelo grosso do tratado, podendo, por isso, ser definido como um tratado pseudoepistolar

---

indicar o prólogo e *cap.* para indicar o índice final de capítulos. [...] *ut in hoc opere ac negocio constans et celans sitis, ne alicui puero tam in etate quam in moribus [...]*.

<sup>15</sup> [...] *Dilectissimo sibi in Christo socio [...]*.

<sup>16</sup> [...] *humiliter imploro et auxilium divine gracie a qua omnis sapiência orta est et vita eterna, ad quam nos Deus omnipotens, gloriosus et magnificus perducatur, qui cum Patre vivit et regnat per infinita secula seculorum. Amen.* (*cap.* 31-35).

<sup>17</sup> [...] *Audivi enim semel in confessione societatis ab uno inquirente a me causam quare esset quod [...]* (9,37-38).

<sup>18</sup> [...] *vestro cupiens appetitui satisfacere, hanc presentem epistolam [...]* (*pr.* 9-10).

<sup>19</sup> *Ars dictaminis* era a definição medieval da arte da composição da prosa e da escrita de cartas (*dictamen*). Esses escritos seriam compostos em latim e de acordo com modelos bem elaborados. No século XIII, a *ars dictaminis* se consolida, multiplicando sua presença nas escolas de toda Europa (BAÑOS, 2005, p. 118-123).

(BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 45). Em algumas partes do texto também é possível notar o modelo das *quaestiones et responsiones*, característico dos textos escolásticos, que consiste em levantar questões ou dúvidas sobre um determinado assunto<sup>20</sup>.

Não se pode duvidar do êxito do *De secretis mulierum* durante os séculos finais da Idade Média, circulando muito nas regiões do âmbito germânico. Prova disso é o grande número de cópias manuscritas que conservam a obra, além das numerosas edições e traduções do tratado e dos diversos comentários acrescentados às cópias (LEMAY, 1992, p. 14; THORNDIKE, 1934, p. 741). A primeira edição latina do *De secretis mulierum* foi impressa em Colônia, em 1475, por Nikolaus Gotz. Somente em vinte e cinco anos, desde essa data até o ano de 1500, apareceram ao menos quarenta e quatro edições da obra, distribuídas pela Alemanha, Itália, Holanda, França e Inglaterra. No século XVI, fizeram-se no mínimo outras quarenta e sete edições do tratado (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 89; 543-548; SCHLEISSNER, 1987, p. 32-35; 42-49).

A primeira tradução completa da obra para o alemão foi feita pelo médico Johann Hartlieb em meados do século XV. Na verdade, inicialmente não se tratava de uma tradução propriamente, pois Hartlieb pretendia fazer uma compilação didática alemã que incluísse todos os conhecimentos científicos da época sobre a mulher, reunindo assim o *De secretis mulierum* com outras obras de Trótula, Macróbio, Gilbertino e Musción. A esta compilação, sucedeu-se, pouco tempo depois, outra tradução, no sul da Alemanha, dessa vez anônima, que parece ter surgido como reação à versão de Hartlieb (SCHLEISSNER, 1987, p. 32-35; 42-49). Sabemos também de duas traduções francesas, uma italiana e uma castelhana, realizadas entre os séculos XIV e XV. Ademais, como nos diz Barragán Nieto (2012, p. 94), as edições e traduções do *De secretis mulierum* também tiveram certa repercussão na literatura alemã, que pode ter ajudado a fama de mago que Alberto Magno possuía na época (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 90-94).

Outra característica do tratado é que grande parte das cópias do *De secretis mulierum* estão acompanhadas de comentários que foram acrescentados ao texto, principalmente aquelas do final da Idade Média. Segundo Barragán Nieto (2012, p. 84, 85; 89) das oitenta e oito cópias manuscritas conservadas, trinta e sete possuem um comentário entrelaçado ao texto. Esses comentários, dedicados a aclarar o conteúdo da obra, circularam tanto agregados ao texto,

---

<sup>20</sup> Um exemplo desse formato se encontra no capítulo um: “[...] porém, sobre isso que dizemos surgem muitas dúvidas. A primeira dúvida é se este fluxo é da cor do sangue ou de outro [...].” “[...] Sed ex hiis que dicta sunt plura oriuntur dúbia. Primum autem debium est utrum iste fluxus sit per colorem sanguinis [...]” (1,45-67).

como separados dele; este último formato, no entanto, em menor medida. Em virtude da presença desses comentários, alguns autores especulam acerca da possibilidade de que em certo momento a obra teria sido utilizada como texto escolástico, servindo como texto de instrução nas universidades da Europa (SANTOS, 2013b, p. 3).

Não existe nenhum estudo detalhado dos comentários feitos ao *De secretis mulierum*, apenas algumas classificações baseadas nas palavras com as quais eles se iniciam, separando-os em quatro tipos, que começam com *Ad lucidiorem noticiam* [...], *Animalia multum coeuncia* [...], [...] *homo est optimum eorum* [...] e *Homo generat hominem et sol* [...], que aparecem repetidas vezes. Esses quatro comentários circularam inicialmente separados do texto, porém, depois, foram entrelaçados com o trecho do tratado o qual comentavam e assim passaram a ser transmitidos em combinação com o texto. Desses quatro comentários, os dois últimos são os que mais aparecem nas cópias manuscritas e o *Ad lucidiorem noticiam* [...], cuja autoria foi de Henrique da Saxônia e o [...] *homo est optimum eorum* [...], atribuído a Alberto Magno, circularam de maneira impressa (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 89).

Apesar do *De secretis mulierum* não ter tido uma excessiva influência no âmbito da medicina, ele aparece mencionado em alguns trabalhos médicos posteriores. Andreas Vesalio (1514-1564) o cita em sua obra *De humani corporis fabrica* remetendo à doutrina acerca dos hermafroditas presente no *De secretis* e também o menciona Girolamo Mercuriale (1530-1606) em sua obra *De morbis muliebribus* (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 90). No entanto, em 1604, o tratado foi incluído no *Index librorum prohibitorum*, devido ao caráter luxurioso atribuído ao texto (SANTOS, 2013a, p. 11). Apesar da proibição em países católicos de qualquer tipo de edição da obra, a circulação e a impressão da obra não cessaram, mas antes continuaram sendo feitas ilegalmente durante os séculos XVII e XVIII. Já nos países protestantes, o tratado seguiu sendo editado regularmente até o século XIX (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 90).

## **2.2. A historiografia acerca do *De secretis mulierum***

O *De secretis mulierum* foi objeto de um considerável número de trabalhos acadêmicos que tratam do tema da medicina medieval. O interesse em torno dele ganhou impulso na primeira metade do século XX com os trabalhos pioneiros de Wickersheimer (1923), Thorndike (1934) e Ferckel (1954). De modo geral, os autores desses primeiros trabalhos historiográficos pareciam estar preocupados com o problema da autoria do *De secretis mulierum*.

No ano de 1934, Lynn Thorndike dedicou ao *De secretis mulierum* uma pequena parte de sua monumental obra intitulada *A history of magic and experimental science* (THORNDIKE, 1934, p. 739-745), defendendo que Alberto Magno não seria o verdadeiro autor e que a melhor razão para duvidar de sua autoria é que seu próprio nome é citado várias vezes no texto, criticando também a atribuição da obra a Henrique da Saxônia. No mesmo ano, Ernest Wickersheimer publicou um artigo com o título “*Henri de Saxe et le ‘De secretis mulierum’*” em que se propôs a estabelecer a parte de Henrique da Saxônia na história do *De secretis mulierum*, analisando para isso uma extensa lista de manuscritos. Wickersheimer (1923, p. 3-8) acabou concluindo que Henrique da Saxônia não teria sido nem autor, nem comentador e nem mesmo teria tido a obra dedicada a ele, apesar de algumas pontuais edições trazerem seu nome ligado a essas situações. Trinta anos depois, Christophe Ferckel, em seu artigo “*Die secreta mulierum und ihr Verfasser*” (1954, p. 267-268), tentando solucionar a questão da autoria da obra, concluiu que seria impossível chegar à verdadeira autoria, em virtude do tratado ter sido muitas vezes associado a outras fontes, como Trótula, e, também, devido ao fato de ele ter sido ainda muitas vezes impresso desde o final do século XIV.

O artigo de Lynn Thordike, “*Further Consideration of the Experimenta, Speculum astronomiae, and De Secretis Mulierum ascribed to Albertus Magnus*”, publicado em 1955, pode ser considerado um avanço no estudo do tratado. Os trabalhos até então haviam feito um estudo mais sucinto acerca do *De secretis*, sendo, neste trabalho de Thordike, que as pesquisas na área começam a ganhar outra definição. Thordike defendeu e tentou provar que o *De secretis mulierum* teria sido escrito em parte por Alberto Magno e a outra parte modulada depois dos trabalhos de Alberto, teoria essa que foi aceita por muito tempo no meio acadêmico. Para embasar suas afirmações, o autor observou alguns pontos bastante diversos com referência ao texto e comentários em diversos manuscritos e edições (THORNDIKE, 1955, p. 413).

Brigitte Kusche (1975, p. 105) introduziu outro elemento no debate sobre o texto do tratado. A autora, preocupada com a datação da obra, além da autoria, desenvolveu um estudo paleográfico dos manuscritos para pôr fim às incertezas sobre o próprio texto. Para ela, as diferentes conclusões dos estudiosos sobre a autoria resultam de diferenças nos textos que eles analisaram. Assim, ela defendeu que antes de nos atentarmos para questão da autoria do tratado, deveríamos estudar qual versão do texto estaria mais próxima do texto original. Contudo, não nos dedicamos a estudar esse aspecto, pois essa questão sobre a versão do texto não é uma de nossas preocupações, devido ao fato de entendermos que as modificações e

alterações do texto são características do *campo literário* medieval, que não entende autor, autoria e originalidade como nós entendemos hoje.

Enquanto Thorndike (1955) e Ferckel (1954) concentraram seus interesses na autoria do *De secretis mulierum*, Schleissner (1987), Lemay (1992) e Barragán Nieto (2012) se dedicaram aos estudos das diversas edições e fontes do *De secretis mulierum*. As primeiras edições críticas da obra foram publicadas por Kristian Bolsselman-Cyran, em 1985, e, em 1987, por Margaret Rose Schleissner. Esta última, em obra intitulada *Pseudo-Albertus Magnus: Secreta mulierum cum comento, Deutsch, Critical Text and Commentary*, oriunda de sua tese de doutorado, identificou treze cópias manuscritas do tratado, antes não identificadas. Segundo a autora, mais de cinquenta edições foram impressas no século XV e, no século XVI, em torno de setenta edições foram impressas. Schleissner contribuiu com a afirmativa de que a atribuição da autoria da obra a Alberto Magno garantiu prestígio e assegurou essa ampla circulação durante o fim da Idade Média e transição para a era moderna (SCHLEISSNER, 1987, p. 96).

Helen Rodnite Lemay publicou, em 1992, sua tradução para o inglês do *De secretis mulierum*. Intitulado *Women's secrets: a translation of Pseudo-Albertus Magnus' De secretis mulierum with commentaries*, a publicação é acompanhada de um estudo introdutório da obra desenvolvido pela autora. Essa tradução de Lemay foi feita a partir da edição publicada em Lyon, em 1580, por Iohannes Quadratus. Na versão traduzida por Lemay, todo o conteúdo do *De secretis mulierum* é acrescido de dois comentários que foram adicionados ao texto original durante as diversas compilações e edições impressas, separados pela autora em Comentador A e Comentador B. Dentre suas principais contribuições, podemos mencionar sua conclusão de que embora o conteúdo do tratado contenha uma parte filosófica e uma parte medicinal, a medicina na verdade possui um papel muito menor no método de Pseudo-Alberto. O conhecimento médico exposto no tratado restringe-se a alusões às teorias filosóficas e anatômicas formuladas pelas autoridades médicas clássicas como Aristóteles, Galeno, Hipócrates e à tradição médica muçulmana de Avicena e Averróis (LEMAY, 1992. p. 4).

Mais recentemente, José Pablo Barragán Nieto (2012) publicou uma edição crítica em espanhol do *De secretis mulierum*. A edição crítica e a tradução do texto estão acompanhadas de um estudo introdutório sobre o gênero dos livros de segredo de conteúdo médico. A este estudo soma-se outro, dedicado à análise do conteúdo do tratado, especificamente as fontes principais do autor, a época de sua composição, local origem, o problema da autoria e

comentários que acompanharam o conteúdo da obra. O trabalho traz ainda três apêndices: os dois primeiros incluem uma lista das cópias manuscritas e das edições e seus comentários e o terceiro é uma lista descritiva de manuscritos que contém obras com títulos similares ao do *De secretis mulierum*, porém, com o conteúdo distinto, mas que provavelmente se inserem no gênero de segredo das mulheres.

O trabalho mais recente a que tivemos acesso em língua estrangeira dedicado ao estudo do tratado pseudo-albertino é de Monica Green. Em um artigo publicado no ano de 2000, no qual a autora debate a transformação que sofreram os títulos da literatura ginecológica latina no final da Idade Média, há também um diálogo com as proposições de William Eamon (1994) a respeito do tema e introduz as prerrogativas de sua nova interpretação, que se dá sob a perspectiva dos estudos de gênero. A pesquisadora explica que o modelo dicotômico proposto por William Eamon (1994) para explicar o fenômeno das literaturas de *segredo das mulheres* que emergem no século XIII ignora as dimensões do gênero. Ela defende que a transposição dos títulos da literatura ginecológica para *Segredo das mulheres* no século XIII serviu para sustentar as relações misóginas de poder daquela sociedade (GREEN, 2000, p. 5; 7).

Mais especificamente a respeito do *De secretis mulierum*, de Pseudo-Alberto Magno, Green (2000, p. 5-15) afirma que ele tem sido considerado um dos documentos científicos medievais acerca das mulheres mais influentes do período e chama atenção para o fato que o autor invoca algumas mulheres como autoridade em seu conteúdo. Ela parece querer dizer que o escritor do *De secretis mulierum*, por vezes, dá certo mérito aos saberes das próprias mulheres, sendo elas prostitutas eruditas e outras mulheres instruídas ou astutas que entendem bem de testes de gravidez, o suficiente para enganar o questionador. No entanto, ainda assim, todas as autoridades citadas são homens. Por fim, para a pesquisadora contemporânea, o interesse nas questões de geração foi generalizado por toda a Europa do décimo terceiro ao décimo quinto séculos, mas não foi Pseudo-Alberto, com o *De secretis mulierum*, o criador deste interesse e nem poderia, por si, só satisfazer o apetite por informações geracionais, que aparentemente continuaram a crescer em círculos intelectuais, no centro e na periferia da cultura universitária da época (GREEN, 2000, p. 15).

No Brasil, os trabalhos que se dedicaram a um estudo mais aprofundado do *De secretis mulierum* estão vinculados ao grupo coordenado pela professora Dulce Oliveira Amarante dos Santos, da Universidade Federal de Goiás. No ano de 2013, a própria professora publicou dois artigos que tratam, dentre outros documentos, do tratado de Pseudo-Alberto Magno: “Saúde e

enfermidades femininas nos escritos médicos (séculos XIII e XIV)” e “Ginecologia e prática médica nos escritos médicos medievais”. No primeiro, Santos (2013a, p. 12-13) analisou a produção do conhecimento médico teórico e prático sobre os males e as aflições do corpo feminino ligados à reprodução. Para tal meta analisou o *Thesaurus Pauperum*, atribuído ao físico Pedro Hispano, além do *De secretis mulierum*. No segundo, autora (SANTOS, 2013b, p. 6-7) também fez uma análise do conteúdo da obra com foco nos temas da sufocação da madre<sup>21</sup> e nos impedimentos da concepção.

Orientada por Santos, em sua dissertação de mestrado intitulada *Incompleto e imperfeito: as representações corporais femininas na literatura médica (século XIII)*, de 2012, Lidiane Alves de Souza investigou as representações corporais femininas produzidas pelo discurso médico no século XIII a partir da análise de três gêneros da literatura médica: o comentário médico de Johannitius ao *Isagoge* e o *Thesaurus pauperum*, ambos de autoria do físico Pedro Hispano, e o *De secretis mulierum*. Para isso, a autora concentrou-se nas imagens e representações das mulheres presentes nas principais autoridades da escolástica médica – Aristóteles e Galeno – e nas releituras dessas autoridades nas *Etimologias*, de Isidoro de Sevilha, no *Cânon de Medicina*, de Avicena, e no *De Genecia*, de Haly Abbas. Depois de analisar as autoridades antigas da medicina escolástica, a autora se debruçou sobre as releituras medievais da tradição médica antiga e, por fim, chegou ao corpo feminino na literatura médica do século XIII.

Apesar de todos esses estudos, a questão da autoria permanece incerta. Assim, consideramos necessário levantar esse ponto no próximo tópico, a fim de nos aproximarmos do pertencimento social do autor, tema que muito nos interessa pela análise que aqui propomos.

### **2.3. A questão da autoria**

A autoria do *De secretis mulierum* foi tradicionalmente atribuída a Alberto Magno. Vinte cópias das oitenta e oito manuscritas existentes do tratado assinalam Alberto Magno como autor, mesmo todas elas sendo do século XV, sendo repetida a atribuição também na grande maioria das edições. No entanto, apesar dos diversos manuscritos e edições nomearem Alberto como autor da obra, é consenso entre estudiosos que se dedicaram a analisar tal tratado

---

<sup>21</sup> Segundo a teoria hipocrática, o útero não se constitui em um órgão fixo, podendo assim se deslocar pelo corpo feminino e causar desconforto ao ter contato com órgãos superiores, gerando para as mulheres uma doença chamada *sufocação da madre* (SANTOS, 2013a, p.16). Essa doença é abordada no *De secretis mulierum*. Falaremos mais sobre ela no capítulo 3.

que este não foi escrito, pelo menos na íntegra, pelo escritor proposto (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 67-72).

Em 1483, Petrus Elgast, o primeiro biógrafo de Alberto Magno, já defendia que este não era o verdadeiro autor do *De secretis mulierum*, argumentando que o texto do tratado não seguia o estilo de Alberto. Alguns autores modernos também seguem essa razão para discordar da autoria de Alberto, assim como utilizam também o argumento que há diferenças entre a própria doutrina do *De secretis* e as que estão presentes nos autênticos trabalhos de Alberto Magno (SCHLEISSNER, 1987, p. 5-6), ainda que o autor do tratado também valorize os postuladores aristotélicos, optando por evidenciar em seu texto sua vinculação a filosofia natural proposta pelo filósofo grego. No entanto, mesmo Alberto Magno tendo reproduzido Aristóteles e seus comentadores em seus textos, ele foi menos um comentador do que um filósofo original (RASCHIETTI, 2017, p. 7), diferentemente do que o autor do *De secretis mulierum* parece ser.

A razão que mais levou os autores modernos a duvidarem da autoria de Alberto foi a presença, no texto do *De secretis mulierum*, a referências feitas em terceira pessoa ao próprio Alberto Magno. Em número de citações, Alberto Magno é a segunda maior referência do autor do tratado, sendo citado oito vezes ao longo de todo o texto. No entanto, o papel real de sua influência no *De secretis mulierum* tem sido muito discutido. Enquanto Ferckel (1954, p. 273) discorda da existência de um papel determinante, Thorndike (1955, p. 429) afirma que os conteúdos do *De secretis mulierum* foram extraídos, em grande medida, do *De animalibus*, de Alberto, especialmente do nono livro.

Como já mencionado, da mesma maneira que as citações a Alberto Magno ao longo do texto do *De secretis* parecem tentar garantir um maior prestígio para a obra, a própria atribuição do tratado a ele também parece ter tido esse objetivo. Muitos autores associaram a autoria do tratado a Alberto Magno a uma tentativa de garantir notoriedade ao texto, o que de fato aconteceu, já que o pseudoautor, no contexto aqui considerado, era muito conhecido e possuía grande renome (WICKERSHEIMER, 1923, p. 7). Além disso, essa atribuição, ainda, também teria sido possível devido ao interesse do teólogo dominicano pelo tema da geração, que pode ser verificado em seus genuínos tratados sobre o tema (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 67-68).

As proposições de Thorndike acerca da autoria do *De secretis mulierum* foram autoridade por um bom período de tempo. Em um primeiro momento, o autor definiu que a obra aqui em questão fora parcialmente formada pelos escritos genuínos de Alberto Magno e a outra parte modelada por um de seus discípulos (THORNDIKE, 1934, p. 739-740). Em outro trabalho, publicado alguns anos depois, Thorndike (1955, p. 434-435) chegou a conclusões diversas daquelas apresentadas anteriormente. Para ele, Alberto Magno não teria participado ativamente da escrita da obra, mas ela teria sido escrita por alguém do círculo do teólogo, provavelmente por um de seus discípulos.

Os nomes de Tomás de Cantimpré<sup>22</sup> e Henrique da Saxônia<sup>23</sup> foram, então, levantados como possíveis autores do tratado. Ferckel (1954, p. 269-270) refutou a atribuição da autoria a Tomás de Cantimpré, alegando que a atribuição a este teria se dado de forma ocasional e teria origem na associação errônea de uma obra de Tomás a Alberto Magno, o *De naturis rerum* – tratado que contém várias seções dedicadas à ginecologia e à obstetrícia. Após a confirmação da autoria do *De naturis rerum* a Tomás de Cantimpré, alguns pesquisadores acabaram por atribuir também a ele a autoria do *De secretis mulierum*. Em geral, os autores mais recentes concordam com a argumentação de Ferckel e discordam da atribuição da autoria do *De secretis mulierum* a Tomás de Cantimpré (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 70; KUSCHE, 1975, p. 113-114).

Ainda sobre a autoria, em algumas edições, o nome de Henrique da Saxônia aparece conectado ao *De secretis mulierum*. Barragán Nieto (2012, p. 70) argumenta que sobre Henrique da Saxônia nem sequer há certeza da existência e que, além disso, seu nome não aparece em nenhuma cópia manuscrita. Além disso, Wickersheimer (1923, p. 6) já havia concluído que Henrique da Saxônia nada teria a ver com o tratado de Pseudo-Alberto: ele não teria sido nem autor, nem comentador e nem mesmo teria tido a obra dedicada a ele, apesar de algumas pontuais edições trazerem seu nome associados ao *De secretis mulierum*. Assim, de igual semelhança a Tomás de Cantimpré, os pesquisadores descartaram que Henrique da Saxônia seria o verdadeiro autor do tratado.

---

<sup>22</sup> Tomás de Cantimpré ou Tomás de Brabante foi um discípulo de Alberto Magno que nasceu por volta de 1200 em Bruxelas e viveu até provavelmente 1272. Reconhecido enciclopedista de seu tempo, ele escreveu muito sobre os animais fazendo uso da filosofia natural (LÓPEZ-RÍOS, 2004, p. 219-220).

<sup>23</sup> Apesar de alguns esforços para identificar de quem ou qual Henrique da Saxônia se trata aqui, não chegamos a nenhuma conclusão. Além disso, acrescentamos que os poucos autores do final da Idade Média e início da Moderna que citaram Henrique da Saxônia como autor do *De secretis* podem tê-lo confundido com outro personagem, Henrique Northus (ou Nordhausen), que praticou a medicina em Estrasburgo a partir de 1328 (WICKERSHEIMER, 1923, p. 8).

Outros nomes aparecem ocasionalmente em cópias do tratado como autores da obra. Duas cópias do tratado atribuem a obra a Constantino e uma cópia a Trótula. Porém, Barragán Nieto (2012, p. 68) discorda que a verdadeira autoria seja de qualquer um deles. Para ele, a atribuição a Constantino e a Trótula seria impossível por razões cronológicas. Após ter sido estabelecida a composição da obra por volta do fim do século XIII e início do XIV, nem Constantino, nem Trótula poderiam tê-la escrito, pois Constantino viveu por volta dos anos de 1020-1087, enquanto Trótula, caso tenha existido, é localizada entre o século XI e XII. Porém, essas atribuições não são difíceis de serem explicadas. Há uma similaridade entre a temática do *De secretis mulierum* e a temática das obras de Constantino, como o *Liber de coitu*, e também entre as obras atribuídas a Trótula, especialmente o *De sinthomatibus mulierum*, que é, sobretudo, uma fonte destacada do tratado de Pseudo-Alberto. Por fim, em uma cópia, a autoria do tratado é atribuída a Pedro de Ravena, um jurista italiano que viveu na segunda metade do século XV e, por isso, não poderia tê-la escrito se considerarmos que a sua datação marca entre o final do século XIII e início do XIV (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 68-69).

Não é possível identificarmos concretamente o autor do *De secretis mulierum*, mas existem alguns dados claros a respeito do ambiente geográfico e intelectual em que ele viveu que nos possibilita uma maior aproximação. Acerca do âmbito geográfico, já comentamos a origem germânica do tratado. Com respeito ao âmbito intelectual, há evidências no texto que indicam que o autor foi um membro do clero letrado. Nessa direção aponta o pedido feito por ele, na *petitio*, localizada no índice final de capítulo, aos *irmãos leitores desta obra*<sup>24</sup>. Essa passagem do texto indica não apenas os leitores da obra, mas também a qual esfera social o autor dela pertence. Outra evidência textual que indica o pertencimento do autor a uma comunidade clerical se faz presente no modelo usado por ele na abertura de sua obra, que se ajusta ao modelo usado pelos membros do clero letrado em suas correspondências (PUEYO COLOMINA, 1991, p. 277).

Assim como para Thorndike, para Barragán Nieto (2012, p. 71), Alberto Magno teria tido um papel minoritário na formação do texto, nem sendo considerado como o verdadeiro escritor do tratado, como propõe Ferckel (1954, p. 272). Na opinião dos dois últimos, o autor do *De secretis mulierum* havia sido um jovem monge ou um simples clérigo sem conhecimentos aprofundados a respeito do assunto sobre o qual escrevia, mas que teria tido acesso ao

---

<sup>24</sup> [...] *frates videntes hoc scriptum*.

material necessário para compor o texto que, segundo Barragán Nieto (2012, p. 71), não possui ideias originais e sim uma combinação de conhecimentos difundidos na época sobre o tema da geração humana. Para o crítico, Pseudo-Alberto Magno, diferentemente do que tenta indicar em seu texto, parece um jovem pertencente ao ambiente monástico sem conhecimentos aprofundados a respeito dos temas presentes no tratado.

Ainda, há uma passagem no texto do tratado que nos permite conjecturar sobre o pertencimento do autor a alguma das numerosas heresias que existiram na Europa do baixo medievo. No final da seção astrológica do tratado, o autor pede que não se façam interpretações errôneas de sua obra que permitam acusá-lo de negar o livre arbítrio e, assim, a doutrina oficial da Igreja. No entanto, o autor parece de fato criticar a doutrina tradicional da Igreja que autoriza o batismo a mulheres e laicos em caso de necessidade<sup>25</sup>. Esta crítica colocaria o autor em relação com alguma das múltiplas heresias que rechaçavam os modos tradicionais do sacramento. Uma delas é a heresia valdense, que surgiu em Lyon em fins do século XII e que no século XIII estava amplamente estendida pela Baviera, Áustria e Boêmia, isto é, a zona em que provavelmente o *De secretis mulierum* foi composto. Contudo, incluímos esta ideia a título meramente conjectural, pois apenas essa passagem não nos permite assegurar a conexão do autor com uma heresia determinada. Ademais, esta passagem só aparece nos documentos mais antigos e muito rapidamente foi modificada e retirada do restante das cópias manuscritas (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 71-72).

Com esses elementos, traçamos o pertencimento do autor da obra ao meio social e intelectual cristão. Abaixo, analisaremos as fontes presentes no texto na tentativa de nos aproximarmos ainda mais de Pseudo-Alberto Magno.

#### **2.4. As fontes de Pseudo-Alberto Magno**

Entre as fontes de conhecimento presentes no tratado *De secretis mulierum*, Aristóteles figura como principal delas. O predomínio de referências acerca da filosofia natural de Aristóteles pode ser notado em uma leitura primeira e superficial da obra, já que Pseudo-Alberto opta por mencionar diretamente o nome do filósofo grego, bem como o título de suas obras, ao longo de todo o tratado. No total, Aristóteles é mencionado trinta e sete vezes, considerando também

---

<sup>25</sup> Ao final do capítulo III, *Sobre a influência dos planetas no corpo e na alma*, o autor, tentando se proteger de uma crítica à doutrina da Igreja por estar negando a doutrina do livre arbítrio, acaba fazendo uma crítica ao batismo de mulheres e outros laicos. Curiosamente, essa posição religiosa do autor poderia relacioná-lo a alguma das heresias da época, muitas das quais rechaçavam os métodos tradicionais de administrar os sacramentos (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 323).

a referência ao *Secretum secretorum* (9,30) pseudoaristotélico. Dessas trinta e sete vezes, trinta delas também acompanhadas do título obra. Os tratados aristotélicos mais citados são o *De generatione et corruptione*, a *Metaphysica* e a *Physica*, como podem ser observados no levantamento feito na Tabela 2:

**Tabela 2** – Fontes aristotélicas no *De secretis mulierum*

|   |         |
|---|---------|
| <i>De generatione et corruptione</i><br><i>Metaphysica</i><br><i>Physica</i>  | 5 vezes |
| <i>Meteorologica</i>  | 4 vezes |
| <i>De anima</i>   | 3 vezes |
| <i>De caelo</i>   | 2 vezes |
| <i>De animalibus</i><br><i>De iuventute et senectute</i><br><i>De longitudine et brevitare vitae</i><br><i>De morte et vita</i><br><i>De somno et vigilia</i><br><i>Secretum secretorum</i> | 1 vez   |

Fonte: Barragán Nieto (2012, p. 51).

Nas outras sete ocasiões em que Aristóteles é mencionado como fonte dos conhecimentos expostos no texto, ele aparece a partir do uso de expressões como “[...] segundo a opinião do Filósofo [...]” (6,32-33)<sup>26</sup>. Barragán Nieto (2012, p. 51) localizou com exatidão a origem de quatro dessas sete citações: três procedem do *De generatione animalium* (1,13;19; 2,162), uma do *Meteorologica* (2,12) e uma do *De longitudine et brevitare vitae* (12,102). Além disso, para o autor, algumas dessas referências não estão corretas. Ele conseguiu identificar que o conteúdo cuja referência foi ao *De somno et vigilia* procede, na verdade, do *De insomniis*, enquanto a referência ao *De vita et morte* e ao *De iuventute et senectute* procedem do *De longitudine et brevitare vitae*. Além disso, uma das referências à *Metaphysica* (4,63) procede na verdade dos *Meteorologica*. No entanto, tendo em vista que essas citações não são de primeira mão, não se pode afirmar que tratam de falsas atribuições intencionais. O conhecimento do grego foi se perdendo paulatinamente no ocidente desde a queda do Império Romano e só voltou a ser recuperado no período do Renascimento. Das obras de Aristóteles, por exemplo, só se conheciam as traduções, sendo algumas delas feitas diretamente do grego

<sup>26</sup> [...] *secundum intencionem Philosophi* [...].

ao final da Antiguidade, como as de Boécio, porém a maioria se fez através do árabe (MORREALE, 1959, p. 5-6).

Alberto Magno é a segunda fonte do *De secretis mulierum* em número de citações e, ainda assim, ele aparece bem menos do que Aristóteles. Das oito ocasiões em que Alberto é mencionado, em cinco apenas o seu nome é citado, a exemplo dos seguintes trechos: “[...] porém, o mais surpreendente de todos esses efeitos é o que conta Alberto [...]” (6,83-84)<sup>27</sup>; “[...] e sabeis, companheiros meus, essas razões não são falsas, porque, segundo conta Alberto [...]” (5,71-72)<sup>28</sup>. Além disso, em três ocasiões são indicados não só o nome de Alberto como também a sua obra: “[...] segundo o que diz Alberto no capítulo no tratado *De statu Solis et Lune* [...]” (2,222-223)<sup>29</sup>, “[...] como diz Alberto em seu tratado *De menstruis mulierum* [...]” (8,34)<sup>30</sup> e “[...] segundo o que diz Alberto no capítulo quarto do *Livro dos meteoros (Metheororum)* [...]” (12,53)<sup>31</sup>.

Acerca das obras mencionadas de Alberto Magno, *Metheora* é, de fato, uma obra genuína do autor, porém não temos notícia da existência dos outros dois tratados. Caso trate-se de falsas referências, elas podem ter sido feitas com o objetivo de dar maior autoridade ao texto, como defende Barragán Nieto (2012, p. 53). Isso fica muito claro na citação feita ao *De menstruis mulierum*, pois o autor do *De secretis mulierum* atribui a Alberto Magno um conteúdo que, em realidade, estava amplamente difundido pelo âmbito germânico no contexto de produção da obra: a ideia de que as mulheres que já não mais menstruavam poderiam provocar malfeitos a outros indivíduos, como infectar bebês através do olhar (JACQUART; THOMASSET, 1989, p. 194). Assim sendo, não podemos localizar a fonte exata do autor, mas podemos afirmar que tal noção não aparece nas obras de Alberto Magno, pois este trata da menstruação em sua obra intitulada *De animalibus* e não afirma, em momento algum, que se trata de uma matéria venenosa.

Na Europa baixo-medieval, Averróis, médico e filósofo cordobés do século XII, era conhecido, sobretudo, por sua faceta de comentador das obras de Aristóteles, como o *De secretis mulierum* vem confirmar. Averróis escreveu seus comentários sobre Aristóteles entre 1159 e 1190 e suas traduções latinas começaram a circular na Europa ocidental por volta do início do século XIII, de maneira que, na época da composição do *De secretis mulierum*, já

<sup>27</sup> [...] *Sed omnibus istis est mirabilior effectus quem narrat Albertus [...]*.

<sup>28</sup> [...] *Et sciatis socii mei quod hee cause non sunt fictae, quia, secundum quod recitat Albertus [...]*.

<sup>29</sup> [...] *secundum quod dicit Albertus capitulo ex tractatu De statu Solis et Lune [...]*.

<sup>30</sup> [...] *ut ait Albertus tractatu suo De menstruis mulierum [...]*.

<sup>31</sup> [...] *secundum quod dicit Albertus quarto Metheteororum capitulo [...]*.

eram amplamente conhecidas (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 52). As referências a Averróis no tratado pseudoalbertino se encontram em estreita relação com as citações de Aristóteles, sendo este último citado também através dos comentários do primeiro. Averróis é mencionado seis vezes, mas seu nome nunca é explicitado. Antes, ele é chamado pelo pseudo autor de *Comentador*, como pode ser verificado no trecho a seguir: “[...] segundo o Comentador, em *Sobre a geração e a corrupção [...]*” (2,99-100)<sup>32</sup>. Por ordem de frequência, o autor do tratado menciona os comentários dele às seguintes obras de Aristóteles: *Sobre a alma* (pr. 25-26; cap. 18), *Metafísica* (2,93-94; 129), *Sobre a geração e corrupção* (2,99-100) e *Física* (4,39).

Outra fonte de Pseudo-Alberto Magno é Avicena, mencionado sete vezes. À semelhança de Averróis, o tratadista não utiliza suas obras médicas, somente as de filosofia natural. Barragán Nieto (2012, p. 54) identificou que quatro dessas menções (4,16; 50; 51; 60) remetem a uma mesma passagem do *De diluviis*. O mesmo autor contemporâneo identificou também que em duas ocasiões (2,30; 6,113), Pseudo-Alberto cita o *Liber sufficientiae*<sup>33</sup>, mas apenas uma dessas citações (6, 113) provém de fato do *Liber sufficientiae*. A outra menção (2, 30) à obra de Avicena parece ter sido feita com a finalidade de dar maior autoridade ao texto e ocultar a fonte real utilizada pelo autor do *De secretis*, que, segundo Barragán Nieto (2012, p. 54), deve ter sido, provavelmente, um autor de astrologia árabe que ele não pôde identificar. O clima intelectual da época não era muito favorável à astrologia de origem árabe, o que talvez tenha levado o autor do *De secretis* a ocultar uma fonte malvista sob o nome de uma autoridade consagrada como Avicena. A outra citação (6,118) é também, com certa probabilidade, uma falsa atribuição cuja fonte original não conseguimos localizar (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 54).

Na esteira das fontes expressas com a finalidade de atribuir autoridade ao texto se encontra a menção feita a Boécio. A citação a Boécio (pr. 45-46) parece ter sido feita com a única finalidade de dar autoridade ao discurso. Analisando o trecho em que Boécio é mencionado, o autor parece estar explicando a superioridade do homem sobre o resto dos seres vivos e, para afirmar sua postura, enxerta uma citação do *De consolatione philosophiae* (2,5; 26) em que se diz que os homens se assemelham a Deus pelo pensamento.

---

<sup>32</sup> [...] de intencione Commentatoris primo De generatione et corruptione [...].

<sup>33</sup> Nome com o qual ficou conhecido na Europa latina medieval o *Kitab al-Shifa*, o *Livro de cura*, um tratado enciclopédico de conteúdo científico e filosófico, que contém seções dedicadas à lógica, às ciências naturais e à metafísica e que constituem, junto com o *Cânon* de medicina, a obra mais importante de Avicena (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 54).

Todo o texto do *De secretis mulierum* é marcado por inúmeras referências às teorias das *autorictates* médicas sobre a geração humana, no entanto, só são citados explicitamente os nomes de Hipócrates e Galeno – e apenas em uma única ocasião cada um deles. Contudo, a influência das teorias hipocrático-galênicas no tratado é maior do que indica o número de vezes em que são citados. Efetivamente, o texto cita um dos *Aforismo* de Hipócrates (11,45) e o *De suffocatione matricis* de Galeno (9,14-15), porém outros trechos da obra são oriundos das teorias desses autores. Ao levantamos essa questão, pretendemos mostrar que as teorias hipocrático-galênicas estão presentes por todo o texto, de uma maneira simplificada e, na maioria das vezes, indiretamente – ainda que em menor escala do que as de Aristóteles.

Um primeiro exemplo das influências hipocrático-galênicas no texto se encontra no início do primeiro capítulo (1,9-21) em que o autor se refere à existência e ao papel do sêmen feminino durante a geração. Esta questão provocou intensos debates no mundo intelectual desde a Antiguidade até o final do século XVII com duas posições contrapostas: uma, herdada de Aristóteles, negava a existência do sêmen feminino e assinalava um papel passivo da mulher na reprodução; a outra, de raiz hipocrático-galênica, defendia a existência desse esperma feminino, mesmo considerando-o qualitativamente inferior ao masculino (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 231). Nessa passagem indicada, depois de apresentar de maneira muito simplificada as opiniões de Aristóteles e as de Hipócrates e Galeno, Pseudo-Alberto se posiciona de uma maneira que engloba as duas teorias, mas que certamente se aproxima mais da hipocrático-galênica. Outro exemplo pode ser encontrado no capítulo cinco (5,126-145), no momento em que o autor se pergunta, seguindo o modelo das *quaestiones et responsiones*, pela procedência do alimento que recebe o feto durante a gravidez e baseia sua resposta nas ideias já esboçadas por Hipócrates e Galeno de que havia uma conexão entre o útero e as mamas e o leite é um produto do sangue menstrual nas mamas.

Do mesmo modo, Pseudo-Alberto Magno deixa evidências de que ele se serviu também de fontes orais para a produção de seu texto. Em certa passagem, o autor afirma ter aprendido por uma mulher (5, 122) que quando o feto vem de cabeça o parto se desenrola sem maiores complicações. As outras referências dizem respeito a dois quadros clínicos: um foi apreendido por um amigo do autor a respeito de um jovem que se encontrou empapado de sangue enquanto praticava o coito com sua querida (9,37-45) e o outro, presenciado pelo próprio autor e sua mãe, sobre uma jovem grávida que ficou muito debilitada porque não atenderam seus desejos durante a gravidez e a consequência disso foi a morte dela durante o parto (11,29-43) (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 56).

Ainda acerca das fontes do tratado, parece que há um esforço por ocultar as fontes de teor astrológico, consideradas por Barragán Nieto (2012, p. 48) como tradicionais e pouco sofisticadas, em total consonância com o caráter recompilatório e simplificador que o tratado parece ter. Quando o autor do *De secretis mulierum* se refere a elas nos capítulos dois e três, dedicados ao tema, ele o faz de uma maneira bastante vaga. Por outro lado, nos poucos casos em que ele cita as fontes concretas, ou são meramente ilustrativas e não têm uma relação direta com o tema tratado e/ou se tratam de atribuições falsas. É o caso das referências ilustrativas a Aristóteles (2,84; 126; 162) e a Averróis (2,93; 99; 128), bem como as falsas atribuições a Avicena (2,30-36) no começo do segundo capítulo (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 56-57).

Esse ocultamento pode ser explicado pelo clima intelectual do século XIII e princípios do XIV na Europa cristã. Frente à relativa liberdade que havia existido desde princípios do século XII com as universidades junto às catedrais, data em que os textos astrológicos árabes começaram a ser traduzidos para o latim, ao final do século XIII, existia um ambiente de grande rechaço à astrologia, motivado pela origem árabe – e, portanto, considerada infiel pela doutrina religiosa oficial (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 57; LEMAY, 1992, p. 29). Tudo isso dá sentido e reforça a proposição de que o autor do *De secretis mulierum* teria buscado silenciar suas fontes de conteúdo astrológico, inclusive devido ao fato de a maior parte dessas possuírem origem árabe, mesmo que não diretamente.

Lemay (1992, p. 26) indicou dois tratados como possíveis verdadeiras fontes astrológicas de Pseudo-Alberto. O primeiro é o *Introductorius maius in astronomiam* de Albumasar, que era uma introdução à astronomia traduzida para o latim em 1133 por Juan de Sevilla e o segundo se trata do *Centiloquium*, uma coleção de aforismos astrológicos que tradicionalmente tem sido atribuída a Ptolomeu. No entanto, não é possível confirmar que essas tenham sido de fato obras astrológicas referências de Pseudo-Alberto, mesmo que haja um paralelismo notável entre eles.

Pseudo-Alberto Magno também não menciona boa parte das fontes médicas que utiliza nos momentos específicos que trata da medicina prática da obra. Ademais, os conhecimentos de medicina prática expostos no tratado já estavam amplamente difundidos na época, não havendo, portanto, necessidade de declarar sua fonte concreta, como explica Barragán Nieto (2012, p. 61). No entanto, o pesquisador também indica as possíveis fontes das seções dedicadas à medicina do *De secretis mulierum*: duas obras de caráter recompilatório, que

foram amplamente consultadas no período medieval, cujos conteúdos, porém, não mostram originalidade. Essas obras são o *De sinthomatibus mulierum*, do século XII que forma, junto com o *De curis mulierum* e o *De ornatum mulierum*, o compêndio de medicina feminina que circulou associado ao nome de Trótula, e o *Compendium medicine*, de Gilberto Ânglico (1180-1250), uma recompilação de saberes médicos composta por volta de 1241.

De modo geral, acreditamos, assim como Barragán Nieto (2012, p. 49) e Lemay (1992, p. 17-19), que tais referências deviam ter o objetivo de dar maior autoridade ao texto, já que algumas delas nem mesmo tinham relação direta com o tema tratado, como é também o caso da menção feita a Boécio. Na linha de tentar garantir autoridade ao seu discurso, podemos incluir as falsas atribuições que são feitas ao longo de todo o tratado. O texto traz um número relativamente alto de falsas atribuições, aparentemente na tentativa de esconder outras fontes. Enquanto Pseudo-Alberto se esforçava, por um lado, em evidenciar algumas fontes, por outro lado, ele tentava também esconder outras, sempre levando em conta que algumas das falsas atribuições podem ter sido apenas um erro do autor ou do próprio Barragán Nieto (2012, p. 49-50) e também que as versões dos textos utilizadas por autores medievais nem sempre são as mesmas que temos acesso.

Em suma, acerca das fontes do autor do *De secretis mulierum*, podemos sintetizar que Aristóteles é sua principal referência e suas obras mais citadas são *De generatione et corruptione*, a *Metaphysica* e a *Physica*. Há um manejo das obras de Alberto Magno, porém de uma maneira bastante minoritária, ao contrário do que afirmavam Thorndike (1955, p. 429; 435-437) e Lemay (1992, p. 23-24), mas de acordo com o que afirmou Ferckel (1954, p. 272-273). As teorias hipocrático-galênicas estão presentes ao longo de todo o tratado, porém em uma escala bem menor que as teorias aristotélicas. Além disso, a influência das obras de filosofia natural de Avicena vai além das citações atribuídas erroneamente a ele. O *De sinthomatibus*, atribuído a Trótula foi, possivelmente, a principal fonte dos capítulos dedicados a medicina. Os conhecimentos médicos e astrológicos presentes no *De secretis mulierum* estavam amplamente difundidos no período, embora as fontes utilizadas no texto não pudessem ser identificadas com segurança. Pseudo-Alberto, ao que tudo indica, fez uso do *Compendium medicine*, tratado enciclopédico de medicina composto desde 1241, por Gilberto Ânglico, como fonte dos capítulos dedicados a medicina prática além do *De sinthomatibus mulierum*. Por fim, existe, ainda, a possibilidade do *Liber compilationis phisonomie*, um manual de fisionomia composto em 1295, por Pietro d'Abano, seja a fonte do

material de fisionomia astrológica do tratado em questão (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 64-65).

Depois de olhar o texto sob esses aspectos da autoria, das fontes, o ambiente de composição, a data da obra e a historiografia acerca do *De secretis mulierum*, o que temos definido sobre o autor é que ele foi um escritor germânico do século XIII, pertencente a um ambiente monástico cristão, que se posicionava frente a questões sociopolíticas e que se esforçava por se vincular à filosofia natural e ao discurso cristão padrão. Sabemos também que o *De secretis mulierum* foi amplamente difundido. Apoiar-nos-emos nesses dados para analisar o *éthos* do autor no terceiro capítulo do nosso trabalho, bem como a autoridade construída acerca de si mesmo e do seu saber.

### CAPÍTULO 3

#### O *ÉTHOS* DE PSEUDO-ALBERTO MAGNO

Nesse capítulo analisaremos o *éthos* de Pseudo-Alberto Magno, isto é, como ele se constrói como autoridade a fim de legitimar o seu discurso. O conceito de *éthos*, proposto por Maingueneau (2010), é definido como “coextensivo a toda enunciação: o destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor, que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável, segundo os gêneros do discurso” (MAINGUENEAU, 2010, p. 79). O *éthos* discursivo diz respeito à imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seus destinatários, empenhando-se, portanto, em legitimar o seu discurso e garantir adesão de seus locutários. Com efeito, o enunciador deve conferir a si e a seu destinatário certo *status* para legitimar o seu dizer, conferindo ao discurso uma posição institucional e relacionando-o a um saber, a fim de causar impacto e suscitar a adesão.

Ao analisarmos o *éthos* discursivo de Pseudo-Alberto Magno ao longo de todo o tratado, averiguamos a maneira como o autor constrói autoridade para si e para o seu discurso, a fim de legitimar a si mesmo e o discurso que profere. Vale dizer que aqui deixamos de lado o *éthos* pré-discursivo do autor, pois, nesse caso, estamos lidando com o fato de a obra ser anônima e, por isso, existe a dificuldade de delimitação do autor empírico. O *éthos* pré-discursivo é a imagem que os leitores fazem ou possuem do locutor anterior à sua tomada de locução (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 220-221). Esta mantém relações fundamentais com a imagem que ele constrói de si em seu discurso, pois ele se esforça por consolidá-la, retificá-la, retrabalhá-la ou atenuá-la. Contudo, esses dados pré-discursivos, como o termo indica, fogem ao discurso (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 220-221). O máximo que pudemos acessar desse *éthos* pré-discursivo se deu através da análise do título da obra, bem como da sua circulação. Portanto, concentremos nossa análise no *éthos* discursivo do autor.

Na primeira parte do capítulo, focaremos em mostrar como o autor busca legitimar o seu discurso, construindo-se como autoridade. Segundo Amossy (2011, p. 16- 17), todo enunciador de um discurso deve buscar a adesão de seu público leitor, construindo, para isso, uma imagem de si (*éthos*) que exerça influência sobre seus destinatários. Nesse sentido, a

forma como algo é dito tem impacto na construção da imagem de si e “na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro” (AMOSSY, 2011, p. 16-17). Com efeito, o enunciador deve conferir a si e a seu destinatário certo *status* para legitimar o seu dizer, fazendo com que o discurso alcance uma posição institucional e relacionando-o a um saber a fim de causar impacto e suscitar a adesão. Isso quer dizer que o *éthos* está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação através de seu discurso (AMOSSY, 2011, p. 16- 17). Para isso, iniciamos examinando o *éthos* que se cria na apresentação que o autor faz de seu texto como uma epístola e na utilização de métodos escolásticos.

Na segunda parte, averiguaremos o *éthos* que se cria a partir da presença da filosofia natural na obra, utilizando, para isso, também o conceito de *campo discursivo* de Maingueneau (2010, p. 50). O autor define *campo discursivo* “como um espaço no interior do qual interagem diferentes *posicionamentos*, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 52).

Por fim, na terceira parte, analisaremos o *éthos* que se cria quando o autor se posiciona frente às questões sociopolíticas, usando como exemplo a representação das mulheres no texto. Para isso, além do *éthos* de Maingueneau, recorreremos também aos conceitos de *representação* de Chartier, *gênero*, de Scott e de *Dominação Masculina*, de Bourdieu.

Chartier entende que as representações do mundo social são determinadas pelos grupos que as formam. Como construções, as representações não são neutras, mas antes são dotadas de estratégias, concorrências e práticas dos grupos que concorrem e esforçam por se afirmarem (CHARTIER, 2002, p. 18). Isso significa dizer que as representações estão dotadas de relações de poder e domínio “[...] que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 2002, p. 19).

Já Joan Scott, em seu artigo intitulado “Gênero, uma categoria útil de análise histórica”, publicado pela primeira vez em 1986, discute, como o título indica, a importância do estudo das relações de gênero como uma categoria útil para a compreensão histórica do todo social. Aqui não falamos de gênero discursivo, mas das relações sociopolíticas entre os sexos. Na definição de Scott, o termo gênero possui dois aspectos centrais que estão interrelacionados,

mas que devem ser analiticamente diferenciados: “[...] (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Enquanto um “elemento constitutivo de relações sociais”, o gênero integra quatro elementos que se correlacionam. O primeiro é a representação simbólica invocada a dar significados às relações sociais em jogo. O segundo é o conceito normativo, expresso nas doutrinas religiosas, políticas, jurídicas, educativas ou científicas, que definem os significados dos símbolos e fixam de maneira binária o significado de masculino e feminino. O terceiro é a organização política e econômica, bem como a estrutura e instituição sociais, para além das relações de parentesco. Por fim, o quarto aspecto integrante do gênero enquanto elemento constitutivo das relações sociais é a identidade subjetiva dos sujeitos e suas sexualidades (SCOTT, 1995, p. 86-87). Na segunda parte de sua teorização, gênero e política são construídos reciprocamente, “[...] a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (SCOTT, 1995, p. 88- 89), significando também que o gênero constrói e legitima as relações sociais. As estruturas hierárquicas, ainda, se apropriam das definições das relações naturais e generalizadas entre homens e mulheres (SCOTT, 1995, p. 88-89).

Também podemos ler as diferenciações entre os corpos femininos e masculinos presentes no *De secretis mulierum* à luz das teorias de Bourdieu. Este, em *A dominação masculina* (2014), define a construção das diferenças sexuais como a naturalização de um processo que é histórico e social. Para ele, a diferenciação corporal está inserida em uma relação política predefinida entre os gêneros e essas relações de poder são naturalizadas em seus corpos. Em suas palavras, “[...] as diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social que encontra seu princípio nos princípios de divisão da razão androcêntrica [...]” (BOURDIEU, 2014, p. 30).

Essas representações corporais androcêntricas são afirmadas e reafirmadas constantemente pelas instituições formadoras de consciência, que ratificam a ordem social preponderante contribuindo para a internalização por parte das mulheres dessa dominação masculina que só se faz possível mediante esse controle simbólico. O sistema mítico-ritual desempenha uma importante função “[...] na medida em que os princípios de visão e divisão que ele propõe estão objetivamente ajustados às divisões pré-existentes”, consagrando “a ordem estabelecida”, isto é, ele evidencia a ordem natural das coisas na divisão sexual (BOURDIEU, 2014, p. 21), que tem como objetivo reforçar, desta maneira, a dominação masculina.

### 3.1 A autoridade do autor e a legitimação do seu discurso

No prólogo do *De secretis mulierum*, o autor apresenta seu texto como uma epístola e, nos moldes do gênero epistolar, abre seu trabalho, como pode ser verificado no trecho abaixo.

Em seu queridíssimo irmão em Cristo e amigo R. de tal local, G. de tal local, para incremento em Jesus Cristo de tua sabedoria. Quando vós, com quem me une uma amizade estreita e desinteressada, me pedistes que os revelassem algumas coisas sobre a natureza e a condição das mulheres que permanecem ignoradas e secretas, depois de considerar vosso pedido, nenhum tipo de preguiça me impediu de compilar este tratado breve, porém elaborado acerca do tema pelo qual me perguntaste. Ao contrário, meu intelecto, ainda desanimado e pouco maduro, de acordo com suas capacidades e com o tempo que dispunha, já que se distrai com outras ocupações, querendo saciar vosso desejo, *escrevo a presente epístola*, em que encontrarás muita das coisas sobre as quais me havia perguntado, em um estilo em parte filosófico e em parte médico, tal como compete ao tema, com o rogo de que sejas constante e permaneça alerta nesta obra e assunto, para que não chegue à mão de nenhum imaturo, por idade ou por formação, e com a promessa de que muito desse e de outros assuntos abordaremos também em nosso estudo teórico da medicina em um futuro próximo, se Deus quiser [...].

*Dilectissimo sibi in Christo socio et amico R. de tali loco, G. talis loci vere sapientie et istius presentis in Christo Iesu incrementa. Cum vestra favorabilis ac gratuita societas me rogaverit ut quedam vobis de hiis que apud mulierum naturam et condiciones occulta et secreta sunt manifestarem, visa petitione nulla pigricia a compilacione brevis et compendiosi tractatuli de impetrata materia me retraxit, sed pusilla et iuvenalis mea mens, secundum eius possibilitatem et temporis oportunitatem, quia ad aliena retrahitur, vestro cupiens appetitui satisfacere, hanc presentem epistolam, in qua plura invenietis de impetratis vobis stilo in parte philosophico et in parte medicinali, prout materie videbitur competere, nunc ascribit, rogans etiam vestram constanciam, ut in hoc opere ac negotio constans et celans sitis, ne alicui puero tam in etate quam in moribus ad presenciam veniat, promittens vobis plura de hiis et de aliis procedente tempore et medicine methodus insudaverit domino concedente [...] (pr. 1-17).*

Segundo as *artes dictaminis*, que estabeleciam as regras para redigir documentos e cartas no século XIII, as epístolas deveriam conter cinco partes: a *salutatio*, o *exordium*, a *petitio*, a *narratio* e a *conclusio* (BAÑOS, 2005, p. 154). No trecho acima, é possível perceber a *salutatio*, em que o autor saúda o remetente, mostrando seu afeto, sua atenção, sua boa vontade; o *exordium*, em que ele sentencia o motivo da carta; e a *petitio*, em que o autor faz um pedido ao remetente, ou aos remetentes, nesse caso. A obra também possui a *conclusio*. No entanto, a *narratio* – desenvolvimento do tema sobre o qual trata a epístola, que, segundo as *artes dictaminis*, deveria ser breve (BAÑOS, 2005, p. 155-156) – foi substituída pelo grosso do tratado, o que levou Barragán Nieto (2012, p. 45) a definir o *De secretis mulierum* como um tratado pseudoepistolar.

Fato é que Pseudo-Alberto Magno escolhe apresentar e desenvolver sua obra segundo o gênero epistolar, muito utilizado nas correspondências trocadas entre os membros do clero letrado, pois a escolha de um modelo reconhecido institucionalmente pelo meio cristão, lugar

social do autor, garante para o ele e para o seu o texto um *status*, que, por conseguinte, legitima seu dizer.

O *éthos* cristão do autor, que condiz com o meio monástico em que o *De secretis mulierum* parece ter sido escrito, pode ser verificado não apenas no trecho de abertura da obra citado acima, mas em passagens ao longo de todo o conteúdo do livro, como: “[...] de modo que participe em Deus da existência divina e imortal [...] / [...] *sibi simile generare quatenus divino esse et immortalis participet Deo* [...] (pr. 22-23)”. Semelhante ao trecho de abertura, em um trecho da *conclusio*, Pseudo-Alberto Magno mostra sua humildade e devoção cristã, dando graças a Deus, ao qual ele chama de onipotente, glorioso e magnífico, por ter iluminado seu intelecto. Depois, o escritor implora humildemente o auxílio da graça divina para esclarecer as dúvidas, afirmando que é dela que surge toda a sabedoria e vida eterna e finaliza seu texto com o termo “Amém”. Em suas palavras:

Assim dou graças pelas coisas bem ditas e respeito as omitidas, se há alguma, imploro humildemente o auxílio da graça divina de onde surge a sabedoria e a vida eterna, ao qual nos conduza Deus onipotente, glorioso, magnífico, que com o Padre vive e reina eternamente por séculos e séculos. Amém (*cap.* 30-34).

*Grates ergo de bene dictis et veniam de obmissis, si aliqua sunt, humiliter imploro et auxilium divine gracie a qua omnis sapiencia orta est et vita eterna, ad quam nos Deus omnipotens, gloriosus et magnificus perducat, qui cum Patre vivit et regnat per infinita secula seculorum. Amen.*

A *petitio* feita pelo autor no trecho de abertura da obra, em que solicita que o texto não chegue a mãos de nenhum imaturo por idade ou formação, além de fazer parte do modelo epistolar do século XIII (BAÑOS, 2005, p. 154), também é uma característica dos livros de segredos. Além disso, a vontade e a necessidade de proteger esses conhecimentos secretos daqueles que não estavam destinados a recebê-lo ou não eram considerados dignos de recebê-los e o temor de que eles pudessem ser aproveitados por pessoas despreparadas são duas das principais características dos *livros de segredo* (EAMON, 1994, p. 4-5). Dessa forma, tal *petitio*, além de fazer parte do modelo epistolar, também insere o trabalho de Pseudo-Alberto Magno na *literatura de segredos*, especificamente no gênero *secreta mulierum*, como sinalizado no título da obra.

O gênero da obra, *secreta mulierum*, também garantiu a adesão dos alocutários do discurso. Vale lembrar que o nascimento dos *secreta mulierum* no século XIII seu deu como consequência de uma combinação entre a nascente literatura de segredos e um interesse geral sobre o tema da geração humana que vinha se desenrolando desde o século XII (GREEN, 2000, p. 15). Se antes do século XIII, a literatura médica que tratava das mulheres e da

reprodução era lida a fim de aprender quais eram as causas e as curas de doenças das mulheres, os novos leitores tinham interesses diferentes (GREEN, 2000, p. 6). A designação de segredos das mulheres remete ao desejo masculino dos médicos e filósofos naturais, em sua maioria, religiosos, em conhecer e talvez controlar, os processos de reprodução humana no corpo feminino (SANTOS, 2013b, p. 11, SOUZA, 2012, p. 91). Além disso, essa *petitio* ganha adesão de seu leitor ao defini-los como dignos de receber um conhecimento considerado secreto e perigoso.

Para análise do *éthos* que se cria na utilização de métodos escolásticos pelo autor em seu texto, podemos observar a outra *petitio*, que se encontra na *conclusio* de sua obra, presente na primeira sentença do trecho citado abaixo.

[...] Por isso, peço aos irmãos que vejam esta obra que escrevam suas dúvidas, e talvez desse modo se encontre a verdade, se até então não se tem encontrado completamente por meio de outras investigações. Visto isso, botamos fim a nossa exposição e damos graças a Deus que, nessa obra e em outras, tem iluminado nosso intelecto, quer dizer, o do ouvinte, o de quem tem assimilado nossa exposição, e o do autor, frente aos outros que nunca tenha estudado esta carta [...] (*cap.* 21-28).

[...] *Et ideo rogo fratres videntes hoc scriptum scribere suas dubitationes, et forte per illud inveniatur verum si non dum complete inveniatur per alias questiones. Istis visis finem dictis imponamus et grates Deo reddamus, qui nostrum, scilicet, audientis, intelligentis et scribentis in hoc opere et in aliis illuminavit intellectum per ceteris qui nunquam didicerunt hanc litteram [...].*

Diferente do primeiro pedido, neste, o autor apenas solicita ao alocutário que escreva suas dúvidas. O que chama atenção nesse pedido é que ele se assemelha ao método escolástico, modelo de ensino das universidades do século XIII, que compreendia, basicamente, a *lectio*, leitura comentada dos autores, e a *quaestio*, o enfrentamento das questões contraditórias presentes no texto (SOUZA, 2012, p. 82-83). Argumentamos de antemão que o autor faz uso de métodos escolásticos a fim de aproximar o texto de uma obra de autoridade escolástica, assim ele se apresenta como um mestre, criando para si um *éthos* professoral, que se complementa ao *éthos* cristão.

Pseudo-Alberto Magno faz uso do formato das *quaestiones et responsiones*, um subgrupo do gênero das *quaestiones*, que alcança seu apogeu na Escolástica, caracterizado, como seu nome indica, pela elaboração de perguntas sobre um determinado fenômeno natural médico, nesse caso, seguido de respostas que oferecerem uma ou várias soluções (MONTERO CARTELLE, p. 87-89). No final do Capítulo I, *Sobre a geração do embrião*, depois de falar da menstruação, de expor sua concepção sobre esse fluido e de discorrer sobre os períodos em que ela ocorre, o autor lança mão do método escolástico ao levantar uma dúvida sobre a cor

da menstruação e aponta cinco argumentos seus como resposta. Vejamos, abaixo, o trecho seguido de sua primeira argumentação:

[...] Porém acerca disso que dissemos surgem muitas dúvidas. A primeira dúvida é se este fluxo é de cor sangue ou de outra cor. Segundo isso, tem que ressaltar que em todas as mulheres, exceto nas corrompidas, a cor da menstruação é de sangue, na maioria dos casos. Por “corrompidas” me refiro às mulheres que assim estão por causa dos humores corruptos, maus e viscosos. Nelas, a menstruação tem normalmente uma cor lívida. Não me refiro à corrupção da castidade, porque, independentemente se estão defloradas ou se são virgens, se tem idade apropriada para sofrerem este fluxo [...] (1,45-53).

[...] *Sed ex hiis que dicta sunt plura oriuntur dubia. Primum autem dubium est utrum iste fluxus sit per colorem sanguinis vel per aliquem alium. Iuxta quod notandum quod in omnibus preter quam in corruptis color menstruorum sanguineus est ut in pluribus. Et dico «corruptis», id est, de corruptis, malis et viscosis humoribus. In hiis enim sepe sunt menstrua lividi coloris. Et non loquor de corrupcione castitatis quia, indifferenter sive corrupte sive virgines fuerint, si debite etatis fuerint fluxum paciuntur [...].*

No trecho supracitado, é possível verificar o uso do modelo das *quaestiones et responsiones*, já que primeiro, o autor afirma existirem algumas dúvidas sobre o que já havia sido dito. Em seguida, levanta a primeira delas, que, nesse caso, se trata de questões em torno da cor da menstruação para, por fim, lançar mão de sua primeira observação acerca da dúvida levantada. Um outro exemplo do modelo das *quaestiones et responsiones* se encontra no Capítulo V, *Sobre a formação do embrião*. Como o nome indica, o autor retoma o discurso sobre a geração e a formação do embrião no útero, iniciado no Capítulo I, levantando três dúvidas, também ao final, semelhante à passagem anterior. Nesse trecho, de modo ainda mais didático que no primeiro excerto, o autor propõe questões a serem pensadas pelos leitores, sendo possível, porém, perceber seu posicionamento acerca das questões levantadas. Ele diz:

[...] Com isso que falamos pretendo eliminar algumas dúvidas cujas causas e discussões eu deixo a vocês. A primeira dúvida é se é possível que, no momento em que o homem está realizando o coito, se produzem efeitos do raio durante todo o movimento, o sêmen recebe no momento da ejaculação alguma nova disposição que se predisponha a algo diferente ao que pretende sua natureza particular [...]. A segunda dúvida é se o que os corpos superiores atribuem ao sêmen no momento de sua ejaculação podem ser impedidos pelo próprio raio, que considero que tenha sido afetada a matéria do sêmen tanto materno como paterno. Terceiro, se não pode ser que cada uma das duas matérias tocadas pelo raio pode ser influenciada pelo outro na capacidade do sêmen pelo qual a natureza conduz a uma forma masculina, quer dizer, se uma forma feminina estiver oculta na capacidade do sêmen [...] (5,81-98).

[...] *Sed ex hiis que dicta sunt intendo quedam dubia movere, quorum determinaciones et sermones vobis commito. Primum dubium est utrum ne possibile sit, illo tempore quando vir est in coitu, si effectus fulminis per omnem motum fuerit, recipere semen in hora eieccionis aliquam novam impressionem, per quam disponitur ad aliquid aliud quam ad illud quod natura particularis intendit [...]. Secundo dubium est utrum id quod semini a superioribus influitur in hora eieccionis a planetis possit prohiberi ab ipso fulmine, quod pono tetigisse materiam seminis ex parte matris et patris utraque. Tercio, utrum ne per opera fulminis tangentem materiam utramque ex*

*utraque possit influi virtuti seminis per quam ad formam masculi natura procedat; ita dico, si femelle forma in virtute seminum fuerit occultata [...].*

No trecho acima, o autor faz uso do modelo escolástico afirmando sua pretensão em eliminar algumas dúvidas, cujas causas e discussões ele pretendia deixar para os leitores, como pode ser observado nas primeiras linhas do trecho. Assim sendo, o autor lança mão de três dúvidas através das quais é possível perceber seu posicionamento acerca de cada uma delas. Além da utilização das *quaestiones et responsiones*, o autor busca ainda outro artifício didático. No Capítulo II, *Sobre a progressiva formação do feto segundo a influência de corpos superiores*, depois de explicar a formação do feto, o autor resume o que foi dito citando um verso de um poema:

[...] Isso que dissemos com um discurso bastante largo normalmente se diz em quatro versos que são os seguintes:

O sêmen recebido, estou seguro, nos seis primeiros dias  
é quase como leite. Nos nove depois, volta-se a sangue e logo  
se vai consolidando por doze dias. Nos dezoito seguintes  
se forma a figura e o tempo restante conduz ao nascimento [...] (2,19-25).

[...] *Et illud quod iam longo sermone aliquantulum dictum est consuevit dici per quattuor versiculos, qui sunt tales:*

*Susceptum semen sex primis credo diebus  
est quasi lac. Reliquis novem fit sanguis et inde  
consolidat duodena dies. Bis nona deinceps  
effigiat, tempusque sequens deducit ad ortum [...].*

Os quatro versos citados acima parecem ser uma versão do poema médico *Flos Medicine* ou *Regimen Sanitatis Salernitanum*, muito popular na Europa nos últimos séculos da Idade Média. De autoria desconhecida, esse poema está presente na *Collectio Salernitana*, que é uma obra de conjunto que resume a prática da Escola de Medicina de Salerno, expondo diversos preceitos higiênicos, dietéticos e terapêuticos. O poema foi composto aproximadamente por volta dos primeiros anos da segunda metade do século XII, ainda que a datação dos mais antigos manuscritos do poema seja do século seguinte (FRUTOS GONZALEZ, 2010, p. 24-27). A inclusão de versos em tratados técnicos foi uma prática usual na Idade Média e tinha, em geral, um propósito mnemônico (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 255), que, nesse caso, era o de reforçar o *éthos* professoral cristão de Pseudo-Alberto Magno.

Voltando um pouco ao trecho do prólogo, nele o autor afirma que a composição de seu texto se deu a partir de uma solicitação. Após saudar o remetente, que o autor opta por manter anônimo, citando apenas as iniciais de seus nomes, que no caso de nossa edição são “R. de tal local [e] G. de tal local”, Pseudo-Alberto Magno explica que nenhum tipo de preguiça havia

impedido que ele compilasse o tratado que “seu queridíssimo irmão em Cristo e amigo” lhe pedira, como observamos nas palavras do autor: “[...] depois de considerar vosso pedido, nenhum tipo de preguiça me impediu de compilar este tratado breve, porém elaborado acerca do tema pelo qual me perguntaste [...] / [...] *visa petitione nulla pigricia a compilacione brevis et compendiosi tractatuli de impetrata materia me retraxit* [...] (pr. 5-7).

A afirmação de que seu texto lhe fora solicitado também significa um reforço de seu *éthos* professoral, pois a imagem que se cria é havia um grupo que reconhecia em Pseudo-Alberto Magno a existência de uma sabedoria própria. Contribui com essa argumentação, ainda, a informação dada logo em seguida pelo autor, de que ele possuía outras ocupações: “[...] ao contrário, meu intelecto, ainda desanimado e pouco maduro, de acordo com suas capacidades e com o tempo que dispunha, já que se distrai com outras ocupações / [...] *sed pusilla et iuvenalis mea mens, secundum eius possibilitatem et temporis oportunitatem, quia ad aliena retrahitur* [...] (pr. 7-9). Em nossa concepção, esses dados figuram um esforço do autor em criar para si um *éthos* de um indivíduo intelectualmente ocupado e de alguém consagrado em seu campo, que domina o assunto sobre o qual escreve, ou, que pelo menos, domina um pouco mais em relação aos outros indivíduos do ambiente intelectual no qual estão inseridos.

Segundo Mangueneau (2010, p. 83-84), o destinatário constrói o *éthos* a partir de dados diretamente ditos pelo autor; há, no entanto, também o *éthos* mostrado, que é definido pela imagem do autor que o destinatário constrói a partir de dados da enunciação e sua estrutura, que pode estar de acordo com o *éthos* dito ou não. Barragán Nieto (2012, p. 71) parece discordar do *éthos* dito de Pseudo-Alberto Magno como alguém consolidado no assunto. Para o crítico contemporâneo, Pseudo-Alberto Magno parecia não possuir conhecimentos profissionais sobre o tema, mas antes ele apenas teria sido alguém que teve acesso ao material necessário para compor o tratado. Essa ideia é explicada pelo fato de o texto não possui ideias originais, mas ser uma combinação de conhecimentos difundidos na época sobre o tema da geração humana (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 71). Dessa forma, Barragán Nieto (2012, p. 71) já havia percebido o *éthos* mostrado do autor como conflitante em relação ao seu *éthos* dito.

No entanto, discordamos dessa afirmativa de Barragán Nieto, pois compor um tratado com ideias originais não parece ter sido a ambição do autor, mas antes sanar as dúvidas de seus remetentes sobre o tema, como ele indica no trecho do próprio prólogo. A promessa feita no final da abertura da obra de que ele fará, no futuro, um estudo teórico de medicina corrobora

nossa afirmativa. Além disso, o *éthos* dito de alguém consolidado parece estar de acordo com o *éthos* mostrado e o conhecimento que se mostra aprofundado por parte do autor sobre o tema da geração humana, na verdade, condiz com o *éthos* dito de alguém dotado de saberes sobre o assunto. Vale lembrar que o *De secretis mulierum* acabou se tornando o principal representante do gênero *secreta mulierum*, além de ter sido amplamente difundido no período da Baixa Idade Média, o que parece indicar que este *éthos* dito foi também percebido pelos leitores da época como um *éthos* mostrado.

Ainda, a utilização de artifícios didáticos do método escolástico cria a imagem de um mestre para o autor e aproxima o texto de uma obra de autoridade escolástica, garantindo assim sua própria autoridade e a de seu texto. Ao mesmo tempo, a opção do autor por apresentar sua obra como uma epístola cria para ele a imagem de um indivíduo conhecedor das *artes dictaminis*, ao mesmo tempo que o gênero epistolar garante prestígio para o autor e para o seu texto, uma vez que gênero era institucionalmente reconhecido pelo ambiente religioso no qual o autor estava inserido, garantindo, portanto, a adesão de seus leitores. O autor, ao buscar construir-se como autoridade e, com isso, legitimar seu discurso, vincula-se a um gênero e a um método reconhecidos institucionalmente, o que também nos permite perceber a escolha de suas fontes.

### **3.2 A filosofia natural presente na obra**

Para essa segunda parte da análise, averiguamos o *éthos* que se cria a partir da presença da filosofia natural na obra, utilizando também o conceito de campo discursivo de Maingueneau (2010, p. 50), definido por este “como um espaço no interior do qual interagem diferentes *posicionamentos*, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 52). Ele é o espaço em que se definem as trajetórias dos autores que constantemente reajustam suas estratégias de acordo com a evolução de sua posição. Nesse sentido, o *campo discursivo* não é homogêneo. Nele, coexistem discursos centrais, periféricos e de fronteira. Entre os posicionamentos centrais, há dominantes e dominados. Entre os posicionamentos periféricos, por sua vez, eles são dominados pelo do centro. No entanto, esses discursos centrais são também flexíveis, podendo ter sido localizado no centro do campo, mas depois marginalizados, outros deles também podem ser recém-chegados, outros, ainda, esperam chegar ao centro e, por fim, também há aqueles que acabam por constituir um subcampo relativamente autônomo em relação ao centro. Nesse último caso, há de um lado os

subcampos, que se desenvolvem dentro do mesmo espaço, e, de outro, aqueles que se apoiam em uma disjunção geográfica (MAINGUENEAU, 2010, p. 52).

O texto do *De secretis mulierum* encontra-se no entrecruzamento dos *campos discursivos* médico, filosófico e religioso: médico, porque é situado dentro do gênero dos *secreta mulierum*, um subgênero dos livros de segredos da medicina medieval; filosófico, porque sua base é a filosofia natural aristotélica; e, religioso, porque todo o seu discurso filosófico-médico encontra-se em consonância com o discurso religioso, de acordo com o pertencimento social do autor. No entanto, percebemos que Pseudo-Aberto Magno se esforça por vincular o seu texto ao campo da filosofia natural.

Apesar de o autor afirmar ter produzido a sua obra “[...] em um estilo em parte filosófico e em parte médico, tal como compete ao tema [...] / [...] stilo in parte philosophico et in parte medicinali, prout materie videbitur competere [...]. (pr. 11-12), é possível notar que ele faz uso em maior grau das fontes da filosofia natural, optando por evidenciá-las na mesma medida em que silencia ou omite as fontes médicas e astrológicas em seu texto, como pode ser observado na tabela abaixo, que analise quantitativamente as fontes expressas no texto.

**Tabela 3** – Fontes expressas no texto

|               |    |
|---------------|----|
| Aristóteles   | 37 |
| Alberto Magno | 8  |
| Avicena       | 7  |
| Averróis      | 6  |
| Galeno        | 1  |
| Hipócrates    | 1  |
| Boécio        | 1  |

**Fonte:** Barragán Nieto (2012, p. 49).

Depois de feita a introdução epistolar, o autor faz uma introdução ao tema, cuja abertura é feita com uma citação a uma obra de Aristóteles, como pode ser observado no trecho abaixo:

Tal como se diz no segundo livro do *Sobre a geração e corrupção*, a geração dos animais é perpétua e cíclica. A causa da perpetuidade da geração dos animais expõe o Filósofo no segundo livro do *Sobre a alma*, quando diz que é a mais natural das obras que cada ser gere outro similar nele [...] (pr. 18-22).

*Sicut scribitur secundo De generatione et corruptione, generacio animalium sempiterna est et ideo in circuitu. Causam autem sempiternitatis in generatione*

*animalium subdicat Philosophus in secundo De anima, dicens quod naturalissimum operum est unumquodque sibi simile generare [...].*

Ao citar uma obra de Aristóteles logo na introdução do conteúdo do texto, o autor demarca seu campo discursivo dentro do filosófico. Todas as trinta e sete referências a Aristóteles também caminham nesse sentido.

Além disso, Aristóteles também é denominado pelo autor do *De secretis mulierum* de Filósofo (*Philosophus*). Na verdade, isso não é uma característica apenas deste texto, mas amplamente pela Europa baixo-medieval, Aristóteles recebeu o título de *Filósofo* e Averróis o título de *Comentador* do primeiro (STORCK, 2003, p. 32). Mais precisamente, Aristóteles é oito vezes chamado de Filósofo (*Philosophus*) no texto, sendo, dessas oito, apenas em uma não aparece também o título da obra. Este caso específico se encontra no Capítulo II, *Sobre a progressiva formação do feto segundo a influência de corpos superiores*, em que o autor diz: “[...] Segundo isso, temos que ressaltar o que diz o Filósofo: que todos e que cada um dos seres vivos se formam a partir dos quatro elementos” [...] / [...] *Iuxta quod notandum est quod dicit Philosophus: quod unumquodque vivencium consurgit ex quattuor elementis [...]* (2,12-13).

Aristóteles também é citado no texto através dos comentários de Averróis, sendo este sempre referenciado pelo autor como *Comentador*. Nos séculos finais da Idade Média, o médico e filósofo cordobés do século XII foi conhecido, sobretudo, por sua faceta de comentador das obras de aristotélicas, sendo normalmente assim referenciado e o *De secretis mulierum* não foge a essa regra (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 52), como pode ser observado no trecho abaixo do prólogo da obra.

[...] Devido ao qual, o *Comentador*, no segundo livro do *Sobre a alma*, disse que a divina providência, como não pôde fazer com que perduram como indivíduos, se apiedou deles e lhes atribui a virtude de poder perdurar por espécies [...] (*pr.* 25-28, grifo nosso).

[...] *Propter quod dicit Commentator secundo De anima quod sollicitudo divina, cum non potuit ipsum facere permanere secundum individuum, miserta est ei in dando virtutem qua potest permanere in specie [...].*

A preponderância aristotélica também aparece no Capítulo V, *A formação do embrião*. Ao discutir um tema recorrente na Idade Média, em qual momento o feto recebe a alma, o autor deixa clara sua posição pela teoria das três almas, de raiz aristotélica:

[...] Primeiro, vejamos de que modo e em que ordem entram na matéria do feto as três almas ou faculdades da alma, *que são a vegetativa, a sensitiva e a intelectiva*. Segundo isso, indiquemos de forma breve que se trata de um assunto diferente do que

investiga esse trabalho, porém, de forma breve tocaremos um pouquinho [...] (5,5-9, grifo nosso).

*Primo ergo videndum est quomodo ille tres anime sive potencie, que sunt vegetativa, sensitiva et intellectiva, veniunt ad materiam fetus sive quo ordine. Iuxta quod breviter est notandum quod alterius est negocii quam presens materia requirat, tamen aliquantulum de ipsa breviter tangamus.*

Pseudo-Alberto Magno se preocupa em explicar de forma aprofundada a teoria aristotélica, fazendo isso nas vinte e cinco linhas seguidas ao trecho supracitado. Essa, além de ter sido uma das questões que mais interessaram à embriologia antiga e medieval, também se tratava de uma questão fundamental para a doutrina da Igreja Católica, ou seja, a conexão entre alma e corpo, e, por conseguinte, o momento em que o feto recebe a alma, já que a formação da alma estava diretamente ligada ao problema do aborto. Existiam três teorias a esse respeito: a primeira considerava a alma inerente ao feto; a segunda sustentava que o corpo e a alma eram produzidos ao mesmo tempo; e a terceira, a mais estendida, situa a animação do feto em um momento posterior à concepção. Esta teoria, de raiz aristotélica, supõe a existência de três almas que o feto vai adquirindo de maneira paulatina: uma vegetativa, uma animal ou sensitiva e uma racional (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 355).

O autor ainda relaciona o seu discurso ao religioso cristão. A filosofia aristotélica possuía prestígio no campo religioso e no campo filosófico, ou seja, o *éthos* filosófico não estava em contraste com o *éthos* religioso cristão, mas, ao contrário, eles se complementavam. Dessa forma, demarcar o seu discurso dentro do campo filosófico garante prestígio para o autor da mesma forma que o pertencimento ao campo religioso e o recurso aos métodos escolásticos. O que Pseudo-Alberto Magno faz é relacionar o seu discurso a um saber consolidado em seu meio a fim de suscitar a adesão. Ao conferir ao seu discurso uma posição institucional, o autor legitima a si mesmo e a sua obra (AMOSSY, 2011, p. 16- 17).

Para garantir este tipo de prestígio, o autor inclui em seu texto falsas atribuições. Um exemplo é a menção feita à obra de Avicena no Capítulo II. Em suas palavras:

[...] Há alguns, no entanto, que consideram que cada período de tempo é regido por um planeta, e saber disso é muito conveniente para o que estamos tratando aqui. E por isso, para que não pense que deixo de lado devido à minha ignorância, ressaltemos o que disse Avicena no segundo livro de sua *Suficiencia*: que existem três classes de acidentes [...] (2,26-31).

*[...] Sunt autem alii quidam qui penes quodlibet tempus assignatum ponunt regnare aliquem planetarum, et hoc scire multum confert ad ea que hic inscribuntur. Et ideo, ne ignorancie mee illud neglectum ascribatur, notandum est quod dicit Avicenna in secundo sue Sufficiencie: quod accidentia sunt in triplici genere [...].*

Como já mencionado, o *Sufficiencia* ou *Liber Sufficiencie*, como ficou conhecido nos anos finais da Europa latina medieval, é um tratado enciclopédico de conteúdo científico e filosófico, que constitui, junto com o *Cânon*, a obra mais importante de Avicena. No entanto, Avicena não parece ser a fonte das ideias expressas nessa parte do texto, pois, para ele, só existiam dois tipos de acidentes (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 257; LEMAY, 1992, p. 27). Essa menção feita a Avicena parece possuir apenas a finalidade de dar maior autoridade ao texto, pois já que este era uma autoridade consagrada no campo médico do século XIII (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 54). Há, ainda, uma segunda citação falsa ao *Sufficiencia*, de Avicena, no texto do *De secretis mulierum*, que parece ter sido feita com o mesmo objetivo. Essa citação se encontra no capítulo VI, *Sobre a geração dos animais monstruosos*, como mostra o trecho:

[...] É que todos os tipos especiais de monstros se pode reduzir a dois tipos gerais que fica manifestadamente claro *a partir da intenção de Avicena no segundo livro de sua Suficiencia*, no qual ainda acrescenta que a diminuição e o constrangimento da falta de operações se produz por conta da desobediência ou insuficiência da matéria [...] (6,111-115, grifo nosso).

[...] *Et quod omnes modi speciales in monstis possunt reduci ad duos generales manifeste patet ex intencione Avicenne in secundo Sufficiencie sue, ubi eciam addit quod diminucio et turpitude est in privacione operis propter inobedienciam materie vel insufficienciam [...]*.

Na parte destacada do trecho acima, é possível perceber Pseudo-Alberto Magno fazendo referência ao *Suficiencia* de Avicena como fonte do conteúdo exposto, no entanto, essa é uma citação falsa que foi utilizada buscando atribuir autoridade ao texto, segundo Lemay (1992, p. 27). Com o mesmo objetivo, como argumenta Barragán Nieto (2012, p. 45), também é o caso da única citação a Boécio no texto, que se encontra no prólogo: “[...] Esta também é a opinião de todos os filósofos, especialmente de Boécio no segundo livro do *Sobre a consolação da filosofia* [...] / [...] *Hoc est eciam de intencione omnium philosophorum, et precipue Boecii secundo De consolacione philosophie* [...]” (pr. 44-46).

As pouquíssimas citações a Hipócrates e Galeno no texto não parecem ter sido feitas pela falta de conhecimento do autor das teorias hipocrático-galênicas.<sup>34</sup> Um exemplo de seu

<sup>34</sup> Trata-se de uma citação ao *Aforismo*, de Hipócrates, e ao *De suffocacione matricis*, de Galeno. A citação a Hipócrates encontra-se no Capítulo XI, *Sobre os meios que favorecem a concepção*. Ao falar dos meios de precaver a perda de virgindade, o tratadista afirma que “[...] respeito ao que disse Hipócrates no livro dos *Aforismos*: quando flui a menstruação, é impossível que o feto se conserve sadio [...]” / [...] *Iuxta illud Ypocras libro Amphorismorum: menstruis fluentibus impossibile est fetum esse sanum* [...] (11,43-46). Essa afirmação de Hipócrates se repete constantemente nos tratados médicos medievais e renascentistas, como no *Compendium Medicine*, de Gilberto Inglêso. A citação a Galeno se encontra no Capítulo IX, *Sobre as debilidades do útero: sufocação da madre*. Ao falar de um vertígigo na cabeça que as mulheres sofriam, ele diz “[...] Galeno, o grande

conhecimento aprofundado de tais teorias se encontra no Capítulo I, *Sobre a geração do embrião*, em que o autor discute a existência do sêmen feminino e seu papel na reprodução. Pseudo-Alberto Magno apresenta um amálgama de duas teorias: a primeira de raiz hipocrático-galênica e a segunda de raiz aristotélica. A primeira defende a existência de um esperma feminino, que mesmo considerado inferior ao masculino, contribuiriam igualmente ao processo de geração humana, enquanto a segunda, nega a existência do esperma feminino e designa à mulher um papel passivo na geração. Depois de apresentá-las, o autor do *De secretis mulierum* afirma sua posição considerando as duas teorias. Segue a passagem do texto:

[...] porque Aristóteles afirma que o sêmen do pai não forma parte da substância do feto, visto que contribuem, por outro lado, para a formação da espécie do feto. Depois, afirma que esse mesmo sêmen se exala em forma de vapor. Os médicos, por outro lado, dizem que todo o esperma, assim como o da mulher, que se denomina menstruação, forma parte da substância do feto. Assim, visto isso e aceita uma parte de Aristóteles e uma parte dos médicos, já que aqui não concludo nada a respeito, é necessário ver de que modo a mulher recebe essas sementes [...] (1,13-21).

[...] quia Aristoteles non ponit semen patris in substanciam fetus tendere sed ad formacionem speciei fetus tarnen producere. Et postea ponit ipsum vaporabiliter exalare. Medici autem dicunt totum semen tam ex parte patris, quod sperma vocatur, quam ex parte mulieris, quod dicunt esse menstruum, tendere in substanciam fetus. Istis ergo visis et accepta una parte, vel Aristotelis vel medicorum, quia hoc hic non determino, videndum est per quem modum ista semina recipiantur in muliere [...].

A congregação dessas duas teorias foi bastante comum no baixo medievo e assim fez também Pseudo-Alberto Magno: congregou as duas teorias, como afirma nas últimas linhas do trecho, considerando necessária a participação da mulher no processo de reprodução humana. Em suas palavras:

[...] quando a mulher realiza o coito com o homem, ejacula a menstruação ao mesmo tempo que o homem ejacula o esperma, de modo que estas sementes se misturam na vagina da mulher e ali começam a mesclarem uma com a outra e assim a mulher concebe [...] (1,22-25).

[...] mulier vero cum in coitu cum viro fuerit, tunc in eodem tempore emittit menstruum in quo vir sperma, ita quod ista semina in vulva mulieris sibi concurrunt et unum incipit alteri inmisceri, et sic concipit mulier [...].

Além de o trecho mostrar o conhecimento aprofundado do autor das teorias hipocrático-galênicas, é possível notar que em sua concepção predomina, na realidade, a doutrina

---

doutor em medicina, conta a propósito de certa mulher em um tratado *Sobre a sufocação da matriz*, na qual a mulher sofria tanto que não podia falar [...]” / “Galenus enim magnus in medicina narrat de quadam muliere tractatu suo *De suffocatione matricis*, que ex ista causa paciebatur in tantum quod non poterat loqui [...]” (9,14-16). Porém, não existe tal tratado. A anedota contada deriva de outro tratado de Galeno, *De locis affectis*, através do *Viaticum*, de Constantino e aparece reproduzida em outros textos medievais, como no *De sinthomatibus mulierum*.

hipocrático-galênica das duas sementes, mesmo que nela o sêmen feminino não tenha sido identificado como a menstruação.<sup>35</sup> No entanto, o autor afirma considerar também a teoria aristotélica e opta por apresentá-la, ao menos, para mostrar conhecimento dela. Ao fazer isso, o autor evita vincular seu texto ao campo médico e, omitir as fontes médicas no tratado, garante atenção às da filosofia natural, aproximando seu texto ao campo filosófico.

Da mesma maneira, o autor não opta por ocultar as fontes de material astrológico por falta de conhecimento. O *De secretis mulierum* apresenta uma seção astrológica que inicia no Capítulo II e se estende por todo o Capítulo III, o que demonstra certo conhecimento sobre esse saber por parte autor. Pseudo-Alberto Magno é cauteloso quando se refere às fontes astrológicas, apenas fazendo uso do termo *astrônomo* ao se referir a tais fontes. Dois exemplos se encontram no Capítulo II: ao falar da influência do sol durante a gravidez, o autor apenas afirma que o seu discurso está de acordo com o parecer dos médicos e de alguns astrônomos: [...] *secundum sententiam medicorum et quorundam astronomorum* [...] (2,161-162), mais adiante, diz que “[...] por isso, alguns autores astrônomos consideram que um feto nascido no oitavo mês está enfermo, ou nascerá morto, ou morrerá logo [...]” / [...] *et ideo ponunt quidam astronomi fetum generatum in hoc octavo mense morbidum vel mortuum vel cito moriturum* [...] (2,184-186).

Quando o autor cita fontes concretas do conteúdo astrológico, elas podem ser meramente ilustrativas e não possuem relação direta com o tema tratado ou elas são falsas atribuições. O autor menciona Aristóteles como fonte do conhecimento astrológico em três momentos, todos no capítulo II. No primeiro, ao ressaltar que a primeira matéria depende dos corpos celestes e de seus movimentos, ele diz que “[...] isso é o que disse o *Filósofo* no livro primeiro de *Meteorológicos* [...]” / [...] *et illud est quod dicit Philosophus primo Meteororum* [...] (2,85-86). Já no segundo, ele afirma que “[...] esta é a opinião do *Filósofo* no livro segundo do *Sobre a geração e a corrupção* [...]” / [...] *illud est de intencione Philosophi secundo De generatione et corruptione* [...] (2,125-126) em relação aos animais nascerem quando o Sol cresce e morrerem quando o sol diminui. No terceiro, na tentativa de mascarar e garantir prestígio ao seu dizer, o autor afirma que “[...] isso está de acordo com o parecer de alguns médicos e de alguns astrônomos, ainda, também segundo a opinião do *Filósofo* [...]” / [...] *Illud vero est secundum sententiam medicorum et quorundam astronomorum, tamen secundum intencionem Philosophi* [...] (2,160-163).

---

<sup>35</sup> Na teoria hipocrático-galênica, a menstruação representava um terceiro elemento cuja função era servir de alimento ao feto durante a gravidez.

Ao omitir as fontes astrológicas, Pseudo-Alberto Magno se defende de uma possível acusação de heresia, visto que ao final do século XIII, existia um ambiente de grande rechaço à astrologia, motivado pela origem árabe – portanto, considerada infiél pela doutrina religiosa oficial (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 57; LEMAY, 1992, p. 29). Ao mesmo tempo, ao esconder as fontes médicas e as fontes de material astrológico, o autor consolida a vinculação do seu discurso ao campo filosófico, pois garante a atenção dos leitores apenas às fontes da filosofia natural. O campo filosófico, por sua vez, encontrava-se em consonância com o campo religioso do qual sua obra também fazia parte, dado o ambiente monástico em que fora composta, garantindo assim prestígio para si e seu texto. Essa omissão do autor acerca das fontes médicas e astrológicas cria um *éthos* de alguém conservador<sup>36</sup> em seus posicionamentos, pareado com o objetivo de garantir adesão ao texto. Esse *éthos* ficará mais evidente na terceira e última parte de nossa análise.

### 3.3. Posicionamento frente a questões sociopolíticas

Para analisar a imagem que se cria quando o autor se posiciona frente a questões teológicas e morais, selecionamos três trechos específicos em que o autor deixa explícito seu posicionamento frente a questões sócio-políticas. O primeiro se encontra no final do Capítulo III, *Sobre a influência dos planetas no corpo e na alma*, em que o autor faz uma crítica à doutrina da Igreja ao tentar se proteger de uma possível acusação de heresia por estar negando a doutrina do livre arbítrio. Depois de finalizada a parte astrológica de seu texto, Pseudo-Alberto Magno diz:

[...] porém, a partir dessas palavras alguém talvez tenha pensado que eu tenha caído em dois pecados: primeiro, por que vistas minhas palavras superficialmente, alguém poderia chegar à conclusão literal de que tudo ocorre por necessidade; segundo, por que queria dizer que a mim, que *sou praticante da fé cristã, na qual hoje em dia inclui mulheres e outros ignorantes no batismo, os detentores do nome não me acolheriam sem teu seio*. Por isso, omitimos aqui uma explicação mais ampla sobre isso. E já dito isso o suficiente acerca dos planetas e, em geral, dos corpos superiores com respeito à influência sobre os inferiores [...] (3,70-79, grifo nosso).

[...] *Sed ex istis verbis forte aliquis crederet me capere in duplici peccato: primo quidem, quia statim visa superficie verborum concluderet ex eis verbaliter omnia de necessitate evenire; secundo, quod me cultorem fidei Christiane vellet dicere, qua hodierno die vel ipse mulieres vel alii baptizant ignorantes, quod quidem rei nominis non in gremiis deportarent. Ideo declaracio horum ampliorum pro hac parte hie obmittatur. Et in tantum de istis planetis et universaliter de superioribus respectu eorum influencie ad inferiora dictum sit [...].*

<sup>36</sup> Aqui não utilizamos o termo conservador da maneira como é entendido em nossa contemporaneidade. O adjetivo conservador aqui é o utilizado para definir a tentativa de pseudo-Alberto Magno em se adequar aos postulados religiosos do período, inclusive no que tange as mulheres. Apesar de parecer crítico, pseudo-Alberto se mostra cauteloso em seus posicionamentos frente a questões sócio-políticas.

Nesse trecho, é possível perceber o autor tentar se proteger de uma possível conclusão por parte de seus leitores de que ele estaria negando a existência do livre arbítrio e, portanto, apartando-se da doutrina da Igreja. Ele faz isso ao dizer que alguém poderia chegar à conclusão que tudo ocorre por necessidade. No entanto, ao se proteger dessa possível acusação, ele faz uma crítica ao batismo de mulheres e outros laicos. Essa posição religiosa do autor poderia relacioná-lo a alguma das heresias da época, muitas das quais rechaçavam os métodos tradicionais de administrar os sacramentos (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 323). Como já comentado, havia entre essas heresias a valdense, surgida provavelmente em Lyon ao final do século XII e que, no XIII, estava amplamente difundida pela Bohemia, Áustria e Baviera, local que acreditamos ter sido a zona de composição do *De secretis mulierum*. No entanto, a referência é pequena demais para que possamos afirmar com segurança a conexão entre o autor do *De secretis mulierum* com uma heresia determinada (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 323).

Desse modo, o que nos importa é, apesar da sua crítica ao batismo de mulheres e laicos sugerirem um *éthos* de alguém crítico em relação às doutrinas religiosas estabelecidas em seu meio social cristão, percebermos que o autor é, na verdade, sempre conservador em suas posições. O que fica claro para o leitor é o seu *éthos* conservador, que se soma aos outros aspectos: professoral, cristão, consagrado no assunto sobre o qual escreve. Sua crítica é breve, o que nos leva a conjecturar uma falta de interesse em chamar atenção para ela e, assim, proteger-se.

Outro exemplo da posição cautelosa e conservadora do autor se encontra no Capítulo IX, *Sobre as debilidades do útero – sufocação da madre*, no qual o autor se posiciona explicitamente. Ao falar dos problemas de saúde que poderiam acometer as mulheres que possuíssem menstruação em abundância, o autor se posiciona em favor do ato sexual como forma natural de aliviar o problema. Em suas palavras:

[...] Essas jovens, quando possuem a dita matéria em abundância, sentem grande desejo de praticar o coito por causa da abundância dessa matéria. Isso é instintivo por natureza. Por isso, é um pecado contra a natureza afastá-las e proibi-las ao acesso do que desejam, ainda que seja um pecado contra os bons costumes, sobre o qual aqui não temos nada a dizer [...] (9,31-36).

[...] *Iste enim mulieres iuvenes, quando multum habundant in tali materia, multum appetunt coire propter materie habundanciam. Et hoc est ex instinctu nature. Et ideo peccatum est in natura tales retrahere et prohibere eis aditum ad illum quem diligunt, quamvis autem hoc peccatum sit in moribus, de quo nichil ad presens [...].*

O autor se posiciona frente a uma questão da época ao argumentar que as mulheres que possuem a matéria em abundância sentem grande desejo de praticar o coito e que, por isso,

proibi-las ou afastá-las do que desejam seria um pecado contra a natureza. No entanto, a doutrina oficial da Igreja admitia o ato sexual apenas para a procriação, sendo que o homem não poderia jamais excitar a mulher, não podendo ela sentir nenhum prazer com a relação sexual (MAZIOLI, 2019, p. 56). Por isso, à semelhança do primeiro trecho, o autor é conservador em seu posicionamento, ao dizer que tal recomendação era um pecado contra os bons costumes e não desenvolvendo o assunto.

O autor também é conservador em seus posicionamentos frente a questões sociopolíticas, tentando se proteger de acusações por parte da Igreja Católica. No entanto, ele se vê obrigado a tocar nesses assuntos, o que mostra seu posicionamento em um ambiente discursivo em que essas questões são prementes, do contrário, ele poderia simplesmente ignorar tais assuntos. Essas acusações poderiam condená-lo e, conseqüentemente, condenar o seu texto. Por isso, o autor tenta adequar a sua obra ao discurso religioso. Seu posicionamento conservador frente a essas questões vincula o seu texto à doutrina religiosa institucional, garantindo, assim, prestígio a si e ao seu texto, bem como a adesão de seus leitores.

A fim de sustentar nossa argumentação acerca de um *éthos* de alguém conservador em seus posicionamentos sociopolíticos e buscando se alinhar com a posição da Igreja, elencamos um trecho do Capítulo V, *Sobre a geração do embrião*, em que o autor, fazendo uso do método das *quaestiones et responsiones* ao dizer que,

“[...] a primeira dúvida é que se é possível que no momento em que o homem está realizando o coito, e se produzem os efeitos do raio nesse momento, o sêmen recebe no momento da ejaculação uma nova disposição, que o predisponha a algo diferente ao que pretende sua natureza particular, como algo que possa intoxicar com seu veneno e permanecer impotente na potência que cura a perda da virtude generativa, e também acerca das outras coisas das quais não me estão permitido falar nem escrever [...] (5,82-90, grifo nosso).

[...] *primum dubium est utrum ne possibile sit, illo tempore quando vir est in coitu, si effectus fulminis per omnem motum fuerit, recipere semen in hora eieccionis aliquam novam impressionem, per quam disponitur ad aliquid aliud quam ad illud quod natura particularis intendit, sicut aliquid posse veneno toxicari et adesse impotentem in potencia que virtutis generative sanat destitutionem, et sie de quibusdam aliis de quibus fas non est mihi dicere nec scribere [...].*

O autor encerra sua dúvida revelando que algumas coisas não lhe estavam permitidas dizer ou escrever. Ele estava barrado pela doutrina eclesiástica em torno dos corpos e do sexo, que, segundo Mazioli (2019, p. 204), tentava controlar os corpos e o prazer, condenando a prática sexual como *pecado mortal*. Assim, argumentamos que o autor opta por adequar o seu discurso ao discurso oficial, a fim de legitimá-lo. Vale lembrar o ambiente monástico em que o autor estava inserido: um clero letrado escrevendo para outros clérigos que possuíam o

interesse no assunto. Dessa forma, o autor reforça que buscava conferir ao seu discurso uma posição institucional, nesse caso, religiosa, fornecendo a si e a seu destinatário certo *status*, legitimando o seu dizer.

Seu *éthos* conservador também é possível de ser percebido na representação das mulheres no texto. Em consonância quase sempre com o discurso religioso – salva a rara exceção já apontada –, partindo dos pressupostos da filosofia natural aristotélica e hipocráticos-galênicos, o autor representa o corpo feminino como inferior ao corpo masculino.

No texto do *De secretis mulierum*, a inferioridade do corpo feminino é justificada, primeiramente, pela falta de calor no corpo delas. Na lógica da teoria humoral, o calor *inato* era responsável pela cocção dos alimentos e, por isso, as mulheres, por possuírem menos calor *inato* que os homens, produziriam fluidos piores que eles, como a menstruação (SOUZA, 2012, p. 105-106). No primeiro capítulo, *Sobre a progressiva formação do feto segundo a influência de corpos superiores*, o autor afirma que

[...] Em terceiro alguém poderia se perguntar por que flui nas mulheres a menstruação, que é uma parte sobrança dos alimentos, e não no homem [...]. A respeito disso, tenho que dizer que a mulher é fria e úmida por natureza e o homem quente e seco (1,61-64).

[...] *Tercio dubitaret aliquis quare mulieribus menstrua fluunt, que sunt superfluum alimenti, et non viris spermata, que sunt eciam superfluum alimenti. Ad quod dicendum quod mulier est frigida et humida de natura, vir vero calidus et siccus [...].*

Essa inferioridade do organismo delas não só sustentou outros discursos de inferioridade no organismo no texto, mas também encontra direta relação com a representação delas nas outras esferas sociopolíticas, podendo isso ser averiguado no discurso religioso, como será mostrado abaixo. Com isso, tentamos mostrar que o discurso filosófico-médico acerca das mulheres presente do *De secretis mulierum* encontra-se em consonância com as representações das mulheres no discurso religioso da época.

Desse discurso, nasceram outras representações de inferioridade do organismo feminino, como a menstruação como um fluido prejudicial. Fundamentado na ideia de que o corpo feminino não possuía calor suficiente para transformar a matéria (alimento) em energia vital, a menstruação foi considerada esse excesso ou resíduo de alimentos (SERAPHIN, 2009), como explica Pseudo-Alberto Magno no trecho supracitado. Dessa forma, a menstruação em abundância geraria problemas de saúde para as mulheres e para os outros.

No Capítulo VIII, *Sobre os sinais da castidade e da perda da virgindade*, o autor sustenta a ideia médica de que o sangue menstrual é prejudicial ao recomendar que os homens se cuidem de não praticar o coito com as mulheres no momento em que estas estão no período menstrual, como está posto em: “[...] e para que todos se cuidem de não praticar coito com elas, porque é prejudicial. Por isso, as mulheres com juízo sabem zelar por elas mesmas nesse momento. E se afastam de homens durante o tempo de duração do fluxo menstrual [...]” / [...] *Et caveat sibi quivis quod tunc non coeat, quia nocivum est. Prudentes vero mulieres sciunt se tunc custodire, et a viris separantur per tempus fluxus menstruorum* [...] (8,27-29).

Ao fazer isso, o autor também reforça a ideia de que as mulheres são o perigo do homem, concordando, também, com o discurso religioso do período. Le Goff (2006, p. 46-53) afirma que a mulher paga na sua carne a transformação dos teólogos do pecado original em pecado sexual. O corpo humano era, segundo a teologia medieval, bipartido: a parte superior (razão e espírito) estaria do lado masculino, enquanto a parte inferior (corpo e carne), do lado feminino. Retomando o que foi dito no primeiro capítulo, a alocação do pecado original, como fruto do comportamento feminino, sugeria que o homem devesse controlar a mulher. Ainda, havia a ideia, propagada pelo clero, de que a mulher levaria o homem ao pecado e à fornicção, pois ela estaria sempre comandada pelos desejos da carne, e não pelo racional e espiritual (FONSECA, 2009, p. 27).

A menstruação no *De secretis mulierum* foi representada de forma negativa, venenosa e corruptível, reforçada, nesse caso, pela influência da tradição religiosa e dos exemplos bíblicos, já que provavelmente o texto havia circulado em ambientes monásticos (SANTOS, 2013a, p. 13). No Capítulo VIII, aparece, observamos também a ideia que as mulheres velhas que ainda menstruavam poderiam envenenar uma criança pelo olhar. O texto diz que “[...] é preciso também indicar e gravar na memória que as mulheres velhas que padecem do fluxo menstrual ou algumas em que a maioria das vezes a menstruação fica retida, se olham diretamente para uma criança, os contaminam com o olhar [...]” / [...] *est etiam notandum et diligenter memorie imprimendum quod mulieres antiques quibus menstrua fluunt vel quedam ut in pluribus quibus menstrua retenta sunt, sepe si inspiciant pueros in cunis iacentes toxicant eos visu* [...] (8,30-34). No entanto, não eram apenas as mulheres velhas que possuíam tal habilidade. Nas linhas que se seguem, Pseudo-Alberto Magno explica como a menstruação das mulheres que sofrem do fluxo contaminam crianças. Este diz que

[...] as que sofrem do fluxo menstrual, em primeiro lugar contaminam o ar, porque a dita matéria se dirige primeiro para os olhos e os contaminam devido à sutileza e

porosidade dos mesmos. Uma vez contaminados os olhos, contaminam o ar. Uma vez contaminado o ar, se contamina a criança que o dito ar chega [...] (8,36-41).

[...] *hee quidem quibus fluunt menstrua, que tempore fluxus per totum corpus moventur, primitus inficiunt aerem, quia ista materia primo vadit ad oculos et inficit eos propter subtilitatem et porositatem oculorum. Oculis enim infectis inficiunt aerem. Aere enim infecto inficitur puer cui iste aer advenit [...].*

Nessa lógica, fluido menstrual em excesso gerava problemas de saúde para as próprias mulheres. O Capítulo IX, já mencionado aqui, é todo dedicado às doenças que acometiam as mulheres, sendo uma delas comentada no *De secretis mulierum*, a chamada *sufocação da matriz*. Partindo dos preceitos fornecidos pela doutrina hipocrática e galênica, Pseudo-Alberto Magno afirma que

[...] Os médicos chamam de sufocação da matriz o aperto dos órgãos respiratórios por conta da aproximação do útero a eles: a matriz sai do lugar e os órgãos respiratórios não podem respirar. Isso acontece quando o útero desloca de seu lugar. Então devido a isso sofrem um calafrio que vem do coração e as mulheres sofrem por vezes síncope, isto é, uma debilidade do coração e desmaiam inconscientes [...] (9,6-11).

[...] *Suffocacio enim matricis apud medicos vocatur compressio spiritualium ex vicio matricis: egressa et comprimuntur spiritualia et impeditur anhelitus in muliere. Et illud evenit quando matrix de loco proprio tollitur. Tunc ex frigidityate cordis superveniente mulieres quandoque paciuntur sincopam, hoc est, cordis debilitatem, et cadunt amentes [...].*

Para o autor, o útero não constituía um órgão fixo, podendo assim se deslocar pelo corpo feminino caso tivessem menstruação em excesso e causar desconforto ao ter contato com órgãos superiores, resultando na doença *sufocação da madre*. Desde a Antiguidade Clássica, acreditava-se na existência dessa enfermidade, que era provocada pela retenção da menstruação ou esperma. Segundo uma das correntes mais difundidas na Idade Média, essa acumulação da matéria empurrava o útero para fora do seu lugar natural, disparando-o para cima, o que provocava, por conseguinte, a sufocação dos órgãos respiratórios que, por sua vez, provocavam sufocos e desmaios (BARRAGÁN NIETO, 2012, p. 457).

Essas noções sustentam a inferioridade feminina através de seus corpos e reforçam, na mesma medida, a superioridade masculina. Surge daí outro aspecto do *éthos* de Pseudo-Alberto Magno de autor homem contrário às mulheres, que reforça também a sua própria superioridade. A representação do homem é tida como o padrão, a norma e a referência, enquanto a mulher é estabelecida como o ser frágil, subsequente a figura masculina. Essas representações sociopolíticas naturalizadas nos corpos, em que o homem é a norma e a mulher o ser subsequente, é visível no discurso filosófico-médico presente no *De secretis mulierum*. Essas representações simbólicas são invocadas a dar significados às relações sociais em jogo (SCOTT, 1995, p. 86-87). Ao reforçar a inferioridade do corpo feminino, o discurso de

Pseudo-Alberto Magno reforça a condição social inferior feminina, validando a dominação masculina por meio de um aspecto essencial de ordenança divina.

A necessidade de proteger o texto das mulheres também cria um *éthos* de autor homem contrário às mulheres. A solicitação do autor, na sua primeira *petitio*, para que os seus leitores não deixem que o texto chegue à mão de nenhum imaturo por idade ou formação, inclui também a restrição do texto ao acesso das mulheres. Essa restrição coloca as mulheres como imaturas ou desajuizadas demais para tê-lo.

Além de inferiorizar as mulheres, o autor dita normas e define os comportamentos esperados por elas, fazendo assim manutenção da dominação masculina. Em um trecho citado acima, o autor diz que as mulheres que sabem zelar por elas mesmas devem se afastar dos homens durante o período menstrual, definindo o comportamento esperado delas. No Capítulo V, o autor atribui valor às parteiras, função exclusivamente feminina, ao dizer que é necessário que durante o parto haja parteiras espertas, o que acaba por também definir o comportamento delas. Nas palavras do autor:

[...] por isso se faz muito necessário que durante o parto haja parteiras espertas em suas funções. Eu sei, porque aprendi de algumas mulheres, que quando o feto vem com a cabeça na frente, então o assunto caminha bem. Primeiro sai esta de maneira natural, e depois o resto dos membros [...] (5,120-124).

[...] *et ideo bene necessarium est in partu mulieris ut habeantur discrete mulieres et in hoc opere experte. Hoc autem scio et a quibusdam mulieribus didici, quod quando fetus premitit caput tune bene vadit negocium. Hoc autem primo naturaliter exit, et deinde alia membra [...].*

Ao fazer isso, Pseudo-Alberto Magno sustenta a superioridade masculina, consolidando ainda mais seu prestígio na condição de homem e, por conseguinte, o prestígio de seu discurso. Ao reforçar a inferioridade do corpo feminino, o discurso de Pseudo-Alberto Magno legitima a condição social feminina, validando ainda a dominação masculina por meio da ordenança divina. Como tentamos mostrar através do posicionamento do autor no que diz respeito a questões sociopolíticas, incluindo a relação de gênero, o discurso do tratadista está ancorado no religioso. Como averiguamos através do *éthos* mostrado do autor, percebemos que ele é sempre conservador, mesmo ao se posicionar, tentando se proteger de acusações que poderiam não apenas condenar a si, mas também ao seu texto. O discurso religioso está presente por todo o texto. No que tange ao seu *éthos* autor homem contrário às mulheres, Pseudo-Alberto, consoante com o discurso religioso acerca das mulheres, garante prestígio ao texto também por conta de sua superioridade na condição de homem, que é reforçada na representação das mulheres como inferiores.

Além disso, o discurso do autor está sempre em consonância com a doutrina eclesiástica, como pode ser percebido em seus posicionamentos e na representação das mulheres. Este usa elementos do discurso religioso, tentando, com isso, se afirmar ou se aproximar da categoria de discurso constituinte. Para Mangueneau, “há, em toda sociedade, tipos de falas de autoridade, reconhecidas como capazes de dar sentido aos atos do conjunto da coletividade” (2015, p. 140) e esses *discursos constituintes* possuem um lugar singular no universo do discurso, “eles se situam em uma fronteira, a que lhes permite falar em nome de um Absoluto que, por sua vez, só pode falar através deles” (2015, p. 141), como é o caso dos discursos religiosos, filosóficos e científicos. Isso significa dizer que para se autoafirmarem, eles devem se apresentar como ligados a uma fonte legitimadora. Assim, os discursos constituintes pertencem e não pertencem à sociedade, uma vez que necessitam de algo externo ao discurso. Desse modo, também tentando se aproximar da categoria do discurso constituinte, Pseudo-Alberto Magno opta por vincular seu trabalho ao campo da filosofia natural, ao mesmo tempo em que as teorias aristotélicas se encontravam em consonância com o discurso religioso.

Através de nossa análise, chegamos a um *éthos* complexo: professoral cristão e filosófico, consagrado no assunto sobre o qual escreve, conservador em seus posicionamentos sociopolíticos. Ancorado no discurso religioso, por conta do seu pertencimento social cristão, o autor busca adequar seu trabalho ao campo religioso, derivando daí sua autoridade e consequentemente a adesão ao seu texto. Pseudo-Alberto Magno garantiu autoridade ao seu discurso médico vinculando-o ao discurso religioso e à filosofia natural, utilizando-se do gênero epistolar e do método escolástico. Por fim, ao vincular o seu discurso ao campo religioso e médico, Pseudo-Alberto Magno aproximou seu texto da categoria do discurso constituinte, nos termos de Maingueneau (2015, p. 140-141).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, investigamos como Pseudo-Alberto Magno se constrói como autoridade a fim de legitimar o seu discurso presente em sua obra médica-filosófica *De secretis mulierum*, através do conceito de *éthos*, definido por Maingueneau (2010, p. 79) como a imagem de si que o locutor tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável, segundo os gêneros discursivos, a fim de legitimar o seu discurso e garantir influência e adesão de seus destinatários.

No processo de análise, verificamos surgir um *éthos* complexo que se apresenta de diversas formas. Chegamos a tal conclusão analisando, primeiramente, o gênero discursivo em que o autor optou por apresentar e desenvolver seu texto e os artifícios textuais utilizados por ele. Verificamos que o autor apresentou seu texto dentro dos moldes do gênero discursivo epistolar. O texto contém as cinco partes que uma epístola deve conter, determinadas pelas *artes dictaminis*, apesar de sua *narratio*, que deveria ser breve, ter sido substituída pelo extenso conteúdo do tratado. Além disso, Pseudo-Alberto Magno, logo no prólogo de sua obra, define explicitamente seu trabalho como uma epístola. A epístola era um modelo institucionalizado e que possuía prestígio no meio cristão, lugar social do autor, garantindo dessa forma, certo status para o autor, que, por conseguinte, legitima o seu dizer. Surgiu dessa análise um *éthos* religioso cristão, que condiz com o ambiente monástico em que a obra provavelmente foi escrita. Pseudo-Alberto Magno mostra, ainda, a sua humildade e devoção cristã, dando graças a Deus, ao qual ele chama de onipotente, glorioso e magnífico por ter iluminado seu intelecto, também no prólogo de seu trabalho. Depois, seu *éthos* religioso cristão é confirmado ao longo de todo o texto por meio de termos que fazem referência ao Cristianismo, além de parear todo o seu discurso filosófico-médico ao discurso cristão.

Também foi possível perceber no texto a utilização de artifícios do método escolástico. Pseudo-Alberto Magno faz uso do formato das *quaestiones et responsiones*, um método didático que consistia na elaboração de perguntas sobre determinado assunto seguidas de possíveis repostas ou soluções. Além da utilização das *quaestiones et responsiones*, o autor também faz uso de outro artifício didático, a inclusão de um verso de um poema médico. A

inclusão desses versos em tratados técnicos foi uma prática usual nos últimos séculos da Idade Média e tinham um propósito mnemônico, surgindo então outro aspecto do *éthos* do autor, nesse caso, o professoral, assemelhando-se à imagem de um mestre escolástico, que se complementa ao seu aspecto religioso cristão.

À semelhança do gênero epistolar, o método escolástico era institucionalmente reconhecido, assim, ao aproximar o texto de uma obra de autoridade escolástica, o autor garantiria sua própria autoridade e, ao mesmo tempo, prestígio ao *De secretis mulierum*. Esses dados confirmam nossa primeira hipótese de que a utilização de artifícios do método escolástico cria a imagem de um mestre para o autor e aproxima o texto de uma obra de autoridade escolástica, garantindo, assim, sua própria autoridade e a de seu texto. Da mesma forma, a opção do autor por apresentar seu texto como uma epístola cria para ele a imagem de um indivíduo conhecedor das *artes dictaminis*, ao tempo que o gênero epistolar garante prestígio para o autor e para o seu texto, uma vez que este gênero e seus instrumentos retóricos eram institucionalmente reconhecidos pelo ambiente religioso no qual o autor estava inserido, garantindo, com isso, a adesão de seus leitores.

A opção do autor por vincular o *De secretis mulierum* a um gênero e a um método institucionalmente reconhecidos também é possível de ser percebida na análise das referências feitas no texto. O texto do *De secretis mulierum* se encontra no entrecruzamento dos *campos discursivos* médico, filosófico e religioso: médico, porque é situado dentro do gênero dos *secreta mulierum*, um subgênero dos livros de segredos de medicina medieval; filosófico, porque sua base é a filosofia natural aristotélica; e, religioso, porque todo o seu discurso filosófico-médico está em consonância com o discurso religioso, de acordo com o pertencimento social do autor. No entanto, na segunda parte de nossa análise, identificamos que Pseudo-Alberto Magno parece se esforçar por vincular o seu texto ao campo da filosofia natural, evidenciando as fontes desse saber e omitindo as fontes do saber médico e astrológico. Ao esconder as fontes médicas e as de material astrológico, o autor consolida a vinculação do seu discurso ao campo filosófico, pois garante a atenção dos leitores apenas às fontes escolhidas, surgindo daí outro aspecto filosófico de seu *éthos*, que não está em contraste com nenhum dos outros acima. A filosofia aristotélica possuía prestígio no campo religioso. Dessa forma, Pseudo-Alberto Magno relaciona o seu discurso a um saber consolidado em seu meio a fim de suscitar a adesão. Ao conferir ao seu discurso uma posição institucional, o autor legitima a si mesmo e a sua obra, confirmando a segunda hipótese deste trabalho, que é a de que autor se preocupa em afinar seu discurso com o discurso religioso

cristão, já que a filosofia aristotélica possuía prestígio também no campo religioso. Além disso, demarcar o seu discurso dentro do campo filosófico garante prestígio para o autor, ao mesmo tempo que a omissão das fontes médicas e astrológicas faz com que surja outro aspecto de seu *éthos*: de alguém conservador em seus posicionamentos.

Esse aspecto conservador do *éthos* fica mais evidente na terceira e última parte de nossa análise em que observamos a posição do autor frente às questões sociopolíticas, tais como a representação das mulheres no texto. O autor se posiciona explicitamente no texto acerca de duas questões polêmicas na doutrina eclesiástica. Primeiro, Pseudo-Alberto Magno faz uma crítica à doutrina da Igreja, ao tentar se proteger de uma possível acusação de heresia por estar negando a doutrina do livre arbítrio. No entanto, ao se proteger dessa possível acusação, ele faz uma crítica ao batismo de mulheres e laicos. Curiosamente, essa posição religiosa do autor poderia relacioná-lo a alguma das heresias da época, muitas das quais rechaçavam os métodos tradicionais de administrar os sacramentos. Desse posicionamento, primeiramente, pareceu surgir um *éthos* de alguém muito crítico às doutrinas religiosas pré-estabelecidas. No entanto, esse *éthos* entra em conflito com o que *éthos* mostrado de alguém conservador, ficando este último evidente para o leitor. Essa clareza se mostra, primeiro, porque o seu posicionamento ocorre em um momento em que o autor já tentava se proteger de outra possível acusação, depois porque sua crítica é breve, o que nos leva a conjecturar uma falta de interesse em chamar atenção para ela e, assim, proteger-se.

O *éthos* de alguém muito crítico em relação às doutrinas religiosas surgiu também no argumento do autor que as mulheres que possuíam a matéria em abundância sentiam grande desejo de praticar o coito e que, por isso, proibi-las ou afastá-las do que desejavam, seria um pecado contra a natureza. A doutrina oficial da Igreja admitia o ato sexual apenas para a procriação e, devido a isso, logo após seu posicionamento em favor do ato sexual como forma de aliviar o problema das mulheres, o autor chama atenção para o fato de que tal recomendação era um pecado contra os bons costumes, deixando, desse modo, mais evidente para o leitor o seu *éthos* conservador.

Nosso posicionamento é que o autor se mostra como conservador frente a questões sociopolíticas, na tentativa de se proteger de acusações por parte da Igreja Católica. No entanto, ele se vê obrigado a tocar nesses assuntos, o que mostra a localização do autor um ambiente discursivo em que essas questões são prementes, do contrário, ele poderia

simplesmente ignorá-los. Essas acusações, ainda, poderiam condená-los e conseqüentemente, condenar o seu texto, por isso, o autor tenta adequar o seu discurso ao religioso.

O aspecto conservador do *éthos* de pseudo-Alberto Magno também é possível de ser percebido na representação das mulheres no texto. A representação delas encontra-se em consonância com a representação das mulheres no discurso religioso da época. Partindo dos pressupostos da filosofia natural aristotélica e dos hipocráticos-galênicos, o autor representa o corpo feminino como inferior ao corpo masculino. No texto, a inferioridade do corpo feminino é justificada, primeiramente, pela falta de calor no corpo delas. Dessa constante, nasceram também outras representações de inferioridade do organismo feminino, como a representação da menstruação como um fluido prejudicial, que, por sua vez, quando em excesso, gerava problemas de saúde para as mulheres. Essas noções sustentam a inferioridade feminina através de seus corpos e reforçam, na mesma medida, a superioridade masculina, surgindo daí um *éthos* de autor homem contrário às mulheres, que enfatiza a sua própria superioridade enquanto indivíduo do gênero masculino. A necessidade de proteger o texto das mulheres também reafirma esse aspecto do *éthos* autor. A solicitação do autor, na sua primeira *petitio*, para que os seus leitores não deixem que o texto chegue à mão de nenhum imaturo por idade ou formação, inclui também a restrição do texto ao acesso das mulheres, representando, com isso, as mulheres como imaturas ou desajuizadas demais para acessá-los.

Dessa forma, podemos confirmar nossa terceira hipótese, ao identificarmos que o autor, em consonância com o discurso religioso acerca das mulheres, garante prestígio ao texto também por conta de sua superioridade na condição de homem, que é reforçada na representação inferior das mulheres. Por conta do seu pertencimento social cristão, o autor busca adequar seu discurso ao discurso religioso, derivando daí sua autoridade e, conseqüentemente, a adesão ao seu texto.

Nossa conclusão é que o discurso do autor está sempre em consonância com a doutrina eclesiástica, como pode ser percebido em seus posicionamentos e na representação das mulheres. Este usa elementos do discurso religioso, tentando, com isso, se afirmar ou se aproximar da categoria de discurso constituinte. Para Mangueneau, os *discursos constituintes* possuem um lugar singular no universo do discurso, “eles se situam em uma fronteira, que lhes permite falar em nome de um Absoluto que, por sua vez, só pode falar através deles” (MAINGUENEAU, 2015, p. 141), como é o caso dos discursos religiosos, filosóficos e científicos. Isso significa dizer que para se autoafirmarem, eles devem se apresentar como ligados a uma fonte legitimadora. Assim, os discursos constituintes pertencem e não

pertencem à sociedade, uma vez que necessitam de algo externo ao discurso. Desse modo, também tentando se aproximar da categoria do discurso constituinte, pseudo-Alberto Magno opta por vincular seu trabalho ao campo da filosofia natural e ao discurso religioso.

Através de nossa análise chegamos conclusão da existência de um *éthos* complexo, que possui vários aspectos: professoral cristão e filosófico, consagrado no tema que discorre, conservador em seus posicionamentos e superior às mulheres em sua condição masculina. Ancorado no discurso religioso, por conta do seu pertencimento social cristão, o autor busca adequar seu trabalho ao campo religioso, derivando daí sua autoridade e conseqüentemente a adesão ao seu texto. Pseudo-Alberto Magno garantiu autoridade ao seu discurso médico vinculando-o ao discurso religioso e à filosofia natural, utilizando-se do gênero epistolar e do método escolástico.

Por fim, acreditamos que as tentativas de Pseudo-Alberto Magno em criar autoridade para si e garantir adesão de seu texto parecem ter sido bem-sucedidas. A grande quantidade de edições e manuscritos da obra em questão demonstram que ela foi amplamente difundida e aderida não só pelos seus destinatários. Além da forma manuscrita, o *De secretis mulierum* difundiu-se também na forma impressa, tanto em latim, quanto nas línguas vernáculas, circulando extensamente na região da atual Alemanha, até sua inclusão na lista de livros proibidos pela Igreja Católica, *Index librorum prohibitorum*, em 1604, pelo caráter luxurioso atribuído ao texto, que não foi impedimento para que ele continuasse circulando, ilegalmente, até o período do Renascimento (PISSINATI, 2018, p. 132).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Documentação primária

ALBERTO MAGNO. *De animalibus libri XVII*. Ed. de Hermann Stadler. Munster: Aschendorff, 1920.

ANÔNIMO. *Flos medicinae (Regimen sanitatis salernitanum)*. Estudio, edición crítica y traducción de Virginia de Frutos Gonzáles. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010.

ARISTÓTELES. *Física I- II*. Prefácio, introdução, tradução e comentários de Lucas Angioni. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ARISTÓTELES. *Sobre a geração e a corrupção*. Trad. de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

ARISTÓTELES. *História dos animais II*. Trad. de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

ARISTÓTELES. *História dos animais I*. Trad. de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

ARISTÓTELES. *Metafísica: Livro XII*. Trad. de Lucas Angioni. *Caderno de História da Filosofia da Ciência*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 201-221, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ARISTOTLE. *De generatione animalium*. Trans. by Arthur Platt. In: SMITH, John Alexander; ROSS, William David. (Ed.). *The Works of Aristotle*. Oxford: Clarendon, 1912.

BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. Trad. de Willian Li. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

GALENO. *Del uso de las partes*. Trad. de Mercedes López Salvá. Madrid: Gredos, 2010.

GALENO. *Sobre las facultades naturales*. Trad. de Juana Zaragoza Gras. Madrid: Gredos, 2008.

GALENO. *Sobre la localización de las enfermedades*. Trad. de Salud Andrés Aparicio. Madrid: Gredos, 1997.

PEDRO HISPANO. *Thesaurus pauperum*. Ed. e Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. In: PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Obras Médicas de Pedro Hispano*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1973. p. 77-301.

PLINIO EL VIEJO. *História Natural: Libros VII-XI*. Traducción y notas de E. del Barrio Sanz, J. García Arribas, A. M.<sup>a</sup> Moure Casas, L. A. Hernandez Miguel e M.<sup>a</sup> L. Arribas Hernández. Madrid: Gredos, 2003.

PSEUDO-ALBERTO MAGNO. *De secretis mulierum*. In: BARRAGÁN NIETO, José Pablo. *El De secretis mulierum atribuido a Alberto Magno*: Estudio, edición crítica y traducción. Porto: Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, 2012. p. 210-534.

SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías*. Edición Bilingüe, texto latino, versión española y notas por José Oroz Reta y Manuel A. Marcos Casquero. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

TOMÁS DE CANTIMPRÉ. *De natura rerum*. Edición facsímil, estudio preliminar, transcripción y traducciones de García Ballester. Granada: Universidad de Granada, 1974.

TROTULA. *De curis mulierum*. In: GREEN, Monica H. *The Trotula: a medieval compendium of women's medicine*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2001.p. 116-165.

TROTULA. *Liber de sinthomatibus mulierum*. In: GREEN, Monica H. *A medieval compendium of women's medicine*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2001. p. 70-115.

### Obras de apoio

ALESSIO, Franco. Escolástica. In: LE GOFF, Jacques; SMITH, Jean-Claude. (Orgs.). *Dicionário de História Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002.

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Do mosteiro à universidade: considerações sobre uma história social da medicina na Idade Média. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, v. 2, p. 36-55, 2009.

AMOSSY, Ruth. Introdução. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do éthos*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9-28.

BAÑOS, Pedro Martín. *El arte epistolar en el Renacimiento europeo 1400-1600*. Deusto: Univesidad de Deusto, 2005.

BARKAI, Ron. *A History of Jewish Gynaecological Texts in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 1998.

BARRAGÁN NIETO, José Pablo. *El De secretis mulierum atribuido a Alberto Magno: Estudio, edición crítica y traducción*. Porto: Fédération Internationale des Instituts d'Études Medievales, 2012. p. 11-208.

BARRAGÁN NIETO, José Pablo. “Secretos de las mujeres”: sangue menstrual y mujer venenosa en la Baja Edad Media. In: ROSA CUBO, Cristina *et al.* (Orgs.). *Innovación educativa e Historia de las Relaciones de Género*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010.

BARROS, José D'Assunção. A Escolástica – considerações sobre sua unidade e diversidade interna. *Mirabilia*, n. 16, p. 156-169, 2013.

BILDHAUER, Bettina. The secrets of women (c. 1300): A medieval perspective on menstruation. In: SHAIL, Andrew; HOWIE, Gillian. (Ed.). *Menstruation: A Cultural History*. New York: Palgrave Macmillan, 2005. p. 65-75.

BOSELMMANN-CYRAN, Kristian. *Secreta mulierum: mit Glosse in der deutschen Bearbeitung von Johann Hartlieb*. Pattensen: Horst Wellm Verlag, 1985.

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do discurso*. 1 ed. Campinas: Unicamp, 2002.
- BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CALATRAVA, Paloma Moral. *La mujer imaginada: a construcción cultural del cuerpo femenino en la Edad Media*. Murcia: Nausícaä, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres: A Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1993. p. 29-64.
- DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.19, n. 37, 1999.
- DUBY, Georges. *A mulher, o amor e o cavaleiro*. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- EAMON, William. *Science and the Secrets of Nature: Books of Secrets in Medieval and Early Modern Culture*. Princeton: Princeton University, 1994.
- FERCKEL, Christoph. Die *secreta mulierum* und ihr Verfasser. *Sudhoffs Archiv für Geschichte der Medizin und der Naturwissenschaften*, Stuttgart, Bd. 38, H. 3, p. 267-274, 1954.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Duas noções fundadoras da construção da inferioridade feminina: o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 1-7.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Vozes da misoginia medieval: Aristóteles disseminado em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino. *Notandum*, São Paulo, v. 21, p. 23-30, 2009.
- FRUTOS GONZALEZ, Virginia. *Flos Medicine (Regimen Sanitatis Salernitanum). Estudio, edición crítica y traducción*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010.
- GARCÍA-BALLESTER, Luis. Medicina y filosofía natural en la Europa latina dos siglos XII y XIII: um debate abierto. *Arbor: Ciencia, pensamiento y cultura*, Madrid, n. 558-560, p. 119-145, 1992.

GOULART, Halynne Alves; SANTOS, Dulce Oliveira Amarante. A relação entre magia e ciência na prática médica do século XIII: Análise da obra médica de Pedro Hispano. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG, 2., 2006, Goiânia. *Anais eletrônico do XIV Seminário de Iniciação Científica*, Goiânia: UFG, 2005.

GREEN, Monica H. From “Diseases of Women” to “Secrets of Women”: The Transformation of Gynecological Literature in the Later Middle Ages. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, North Carolina, v. 30, n. 1, p. 5-39, 2000.

JACQUART, Danielle; THOMASSET, Claude. *Sexualidad y saber médico en la Edad Media*. Tradução de José Luis Gil Arístu. Barcelona: Labor, 1989.

KUSCHE, Brigitte. Zur *Secreta mulierum* Forschung. *Janus*, v. 62, n. 1-3, p. 103-123, 1975.

LAUER, Hans H. La medicina en la Edad Media latina desde el año 1200 al 1300. In: LAÍN ENTRALGO, Pedro. (Ed.). *Historia universal de la Medicina*. Barcelona: Salvat, 1972. p. 242-261.

LE GOFF, Jacques. (Org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1991.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMAY, Helen Rodnite. *Women's secrets: a translation of Pseudo-Albertus Magnus' De secretis mulierum with Commentaries*. Albany: State University of New York, 1992.

LÓPEZ-RÍOS, Santiago. Diego de Valera y la literatura de Mirabilia: El Liber *de natura rerum* de Tomás de Cantimpré como fuente de la crónica abreviada. In: MIGUEL, Nicasio Salvador; LÓPEZ-RÍOS, Santiago; GUTIÉRREZ, Esther Borrego. (Ed.). *Fantasia y la literatura en la Edad Media y los siglos de oro*. Madrid: Iberoamericana, 2004. p. 217-234.

LOYN, Henry R. (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos e comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad. de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAZIOLI, Anny Barcelos. *Corpo, sexo e poder: no livro das confissões de Martín Perez*. Vitória: Milfontes, 2019.

MONTERO CARTELLE, Enrique. *Tipología de la literatura médica latina: Antigüedad, Edad Media, Renacimiento*. Porto: Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, 2010.

MORREALE, Margherita. Apuntes para la historia de la traducción en la Edad Media. *Revista de literatura*, v. 15, n. 29-30, p. 3-10, 1959.

- OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- PIRATELI, Marcelo Augusto; OLIVEIRA, Terezinha. Breves ponderações sobre o conceito de pessoa em Santo Tomás de Aquino. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, Maringá, v. 30, n. 1, p. 105-113, 2008.
- PISSINATI, Laila Lua. O corpo feminino no pensamento cristão medieval. In: VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est, 2017, Vitória. *Anais do VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est*. Vitória: Periódicos UFES, 2017.
- PISSINATI, Laila Lua. As relações de poder presentes na representação do corpo feminino no discurso médico do século XIII. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUNDOS IBÉRICOS. 2018, Goiânia. *Anais do III Seminário Internacional Mundos Ibéricos*. Goiânia: UEG/UFG/PUC, 2018. p. 131-139.
- PUEYO COLOMINA, Pilar. El registro de Actos Comunes del Arzobispo de Zaragoza, Pedro de la Jugie (1346-1347). *Aragón em la Edad Media*, n. 9, p. 269-312, 1991.
- RASCHIETTI, Matteo. Introdução. In: ALBERTO MAGNO. *Tratado sobre a prudência*. Trad. de Matteo Raschietti. São Paulo: Paulus Editora, 2017. p. 7-18.
- RODRIGUES, Rosângela Rócio Jarros. O posicionamento discursivo a propósito de ações socioambientais enunciadas por empresas em revistas. *Colloquium Humanarum*, v. 13, p. 607-613, 2016.
- SALMÓN, Fernando; SALOR, Eustaquio Sánchez. Sobre el uso de la autoridad en la medicina medieval: Aristóteles, Galeno y las moscas volantes. *Dynamis: Acta Hispanica ad Medicinæ Scientiarumque Historiam Illustrandam*, Granada, v. 13, p. 347-371, 1993.
- SALMÓN, Fernando. Technologies of Authority in Medical classrom. *Dynamis*, Granada, v. 20, p.135-157, 2000.
- SANTOS, Dulce O. Amarante. Saúde e enfermidades femininas nos escritos médicos (Séculos XIII e XIV). *Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 7-20, 2013a.
- SANTOS, Dulce O. Amarante. Ginecologia e *practica medica* nos escritos médicos medievais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. *Anais...* Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013b.
- SANTOS, Dulce O. Amarante. Os saberes da medicina medieval. *História Revista*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 121-134. 2013c.
- SANTOS, Dulce O. Amarante. O corpo dos pecados: as representações femininas nos reinos ibéricos (1250-1350). *Textos de História*, Brasília, v. 9, n.1/2, p. 13-30, 2001.
- SANTOS, Dulce O. Amarante dos. *O Corpo dos pecados: representações e práticas socioculturais femininas nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (1250-1350)*. 1997. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHLEISSNER, Margaret Rose. *Pseudo-Albertus Magnus: Secreta mulierum cum comento*. Deutsch: Critical Text and Commentary. Princeton: Princeton University, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: *Educação & Realidade*, n.2, v. 20, p. 71-99, 1995.

SERAPHIN, Catarina Stacciarini. Sexualidade e corpo feminino na literatura médica de Pedro Hispano (século XIII). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Associação Nacional de História, 2009.

SOUZA, Lidiane Alves de. *Incompleto e imperfeito: as representações corporais femininas na literatura médica (Século XIII)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

STORCK, Alfredo. *Filosofia Medieval*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

TEDESCHI, Losandro Antonio; SILVA, André Candido da. A sexualidade reprimida: uma análise do feminino na perspectiva de Jacques Le Goff (XII). In: X SEMANA DA MULHER, 2011, Marília. *X semana da Mulher: educação, gênero e movimentos sociais*. Marília: UNESP, 2011, p. 274-282.

THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Org.). *História das mulheres no Ocidente: A Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1993. p. 65-98.

THORNDIKE, Lynn. Further Consideration of the *Experimenta*, *Speculum Astronomiae*, and *De Secretis Mulierum* ascribed to Albertus Magnus. *Speculum*, Chicago, v. 30, n. 3, p. 413-443, 1955.

THORNDIKE, Lynn. Three treatises ascribed to Albertus Magnus but usually considered spurious: *Experimenta Alberti*, *De Mirabilibus Mundi*, *De Secretis Mulierum*. In: THORNDIKE, Lynn. *A History of Magic and Experimental Science During the First Thirteen Centuries of our Era*. New York: Columbia University, 1934. p. 720-750.

TRUEBA LAWAND, Jamile. *El arte epistolar en el Renacimiento español*. Madri: Tamesis, 1996.

VÁZQUEZ BUJÁN, Manuel Enrique. Problemas generales de las antiguas traducciones médicas latinas. *Studi Medievali*, v. 25, n. 2, p. 641-680, 1984.

VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: EDUSC, 1999.

WEISHEIPL, James A. (Ed.). *Albertus Magnus and the Sciences: Commemorative Essays*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1980.

WICKERSHEIMER, Ernest. Henri de Saxe et le *De secretis mulierum*. In: CONGRÈS DE L'HISTOIRE DE L'ART DE GUÉRIR, 3., 1922, Londres. *Proceedings of the Third International Congress on the History of Medicine*. Anvers: De Vlijt, 1923. p. 1-8.

WILLIAMS, Steven James. *The secret of secrets: the scholarly career of a pseudo-Aristotelian text in the Latin Middle Ages*. Michigan: University of Michigan, 2003.